

INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA E AUTO-DETERMINAÇÃO NUM ADULTO COM  
SÍNDROME DE ASPERGER

Ana Luísa Cardoso Dias

**Orientador de Dissertação:**

Prof. Doutor José Ornelas

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

Prof. Doutor José Ornelas

**Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de**

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA

Especialidade em Psicologia Comunitária

**Instituto Superior de Psicologia Aplicada**

**INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA E AUTO-DETERMINAÇÃO NUM ADULTO COM  
SÍNDROME DE ASPERGER**

Ana Luísa Cardoso Dias – aluna nº14998

**Orientador de Dissertação:**

Prof. Doutor José Ornelas

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

Prof. Doutor José Ornelas

**Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de**

**MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA**

Especialidade em Psicologia Comunitária

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Dr. José Ornelas, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Comunitária, conforme o despacho da DGES, nº6037 / 2007, publicado em Diário da República 2ª série de 23 de Março, 2007.

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador de dissertação, o Prof. Dr. José Ornelas, que me apoiou na concretização deste trabalho.

Faço um agradecimento especial ao participante deste estudo, parte crucial de todo o processo, pela sua disponibilidade, amabilidade e vontade em colaborar.

Agradeço, igualmente, a contribuição do autor do método auto-biográfico BNIM utilizado nesta investigação, o Dr. Tom Wengraf, pelos dados, gentilmente, facultados.

Agradeço ao Daniel Matias e à Rita Gonçalves, pelas dicas úteis que me enviaram.

Por último, agradeço aos meus colegas de Mestrado, pela partilha, disponibilidade e companheirismo ao longo destes últimos dois anos.

## ÍNDICE

Resumo.....	1
Introdução.....	2
Objectivos de Investigação.....	2
Problema e Dimensões de Análise.....	3
Revisão de Literatura.....	3
Integração Comunitária.....	3
Integração Comunitária e Síndrome de Asperger.....	5
Auto-determinação.....	7
Elementos da Auto-determinação.....	8
Perspectivas Teóricas da Auto-determinação.....	12
Modelo Ecológico de Auto-determinação.....	14
Auto-determinação e Síndrome de Asperger.....	16
Método.....	20
Delineamento.....	20
Participantes.....	21
Procedimento.....	21
Instrumento.....	23
Resultados.....	27
Análise da Narrativa Biográfica.....	23
Meio Escolar.....	23
Meio Profissional.....	26
Interacção Social.....	30
Aptidões Pessoais.....	33
Habilidades.....	33

Atitudes.....	37
Conhecimento.....	39
Controlo Pessoal.....	42
Ambiente.....	43
Discussão.....	50
Considerações Finais.....	57
Referências Bibliográficas.....	59

#### LISTA DE FIGURAS

Figura 2 – Modelo ecológico de auto-determinação e processo ecológico.....	14
--	----

#### LISTA DE ANEXOS

Anexo A.....	65
Anexo B.....	67
Anexo C.....	70
Anexo D.....	72

## RESUMO

A integração comunitária e a auto-determinação são temas largamente abordados na área da Saúde Mental Comunitária. Existe a preocupação com a valorização do indivíduo, com a igualdade de oportunidades e com o direito ao envolvimento social, procurando promover-se o *empowerment* das pessoas, inclusive dos indivíduos com perturbações do desenvolvimento. Construiu-se, assim, uma narrativa biográfica de um adulto, de 39 anos, do sexo masculino, com Síndrome de Asperger. Procurámos, assim, perceber até que ponto está integrado na comunidade e é auto-determinado, com base num modelo ecológico. Para recolha de informação, utilizou-se o método auto-biográfico BNIM (Wengraf, 2009), incluindo duas entrevistas (três sub-sessões) realizadas ao participante. A metodologia permitiu-nos perceber que, embora um adulto com Síndrome de Asperger possa desempenhar um papel socialmente activo e reunir características de auto-determinação, os sistemas de suporte comunitário são essenciais para que possa possuir um grau significativo de *empowerment* na sua vida.

*Palavras-chave:* Integração Comunitária; Auto-determinação; Modelo Ecológico de Auto-determinação; Síndrome de Asperger; Adulto.

## ABSTRACT

Community integration and self-determination are widely discussed topics in the area of Mental Health Community. There is the concern with the appreciation of the individual, the equal opportunities and the right to social involvement, trying to promote the empowerment of individuals, including individuals with disorders of development. It was created, therefore, a biographic narrative of an adult of 39 years old, male, with Asperger Syndrome. Thus, we intended to understand till what point he is integrated in the community and self-determinate, based on an ecological model. To collect information, we used the auto-biographical method BNIM (Wengraf, 2009), including two interviews (three sub-sessions) made to the participant. The methodology helped us to understand that, although an adult with Asperger's Syndrome may play a role in society and combine a set of self-determination characteristics, community support systems are essential to allow him to have a significant level of empowerment in his life.

*Keywords:* Community Integration; Self-determination; Ecological Model of Self-determination; Asperger Syndrome; Adult.

## INTRODUÇÃO

Estar inserido numa comunidade é um direito de todos os cidadãos, independentemente das suas características físicas e/ou mentais. Todas as pessoas devem poder aceder aos serviços de âmbito social, em áreas fundamentais como a educação, o emprego, a saúde e o lazer.

Contudo, a própria comunidade coloca inúmeras barreiras à integração de algumas pessoas, nomeadamente aquelas com perturbações do desenvolvimento, como a Síndrome de Asperger. Estes indivíduos necessitam que a sociedade os receba de forma a poderem aceder, autonomamente, aos recursos, tendo em conta as suas necessidades específicas. Esta autonomia, conjuntamente com outros elementos, reflecte o grau de auto-determinação que a pessoa possui.

A auto-determinação é parte essencial de todo o processo de *empowerment*. Abrange várias características, como a tomada de decisão e a concretização de tarefas, cujo grau depende da aprendizagem e do treino contínuo, e proporciona a emancipação da pessoa, no sentido de torná-la capaz de efectuar as suas próprias escolhas e de gerir a sua vida de forma independente.

Para percebermos o grau de auto-determinação de um indivíduo, é necessário avaliar não só as suas habilidades pessoais, mas compreender, igualmente, os contextos nos quais se insere (familiares e sociais), a interacção entre esses ambientes e a repercussão que isso terá em si, enquanto cidadão. Estas são as bases do modelo ecológico de auto-determinação, que suportará, em grande parte, esta investigação. A ele, aliaremos os elementos contributivos para a integração comunitária, essenciais para dar resposta ao problema e às questões deste estudo.

### Objectivos de Investigação

Este estudo tem o propósito de averiguar experiências da vida de um adulto com Síndrome de Asperger, compreendendo a percepção que tem de si, da comunidade e do lugar que nela ocupa, assim como as suas necessidades, como indivíduo socialmente em

desvantagem. Pretende-se, igualmente, promover a reflexão acerca da integração destes indivíduos na comunidade.

### Problema e Dimensões de Análise

O problema será determinar se o participante deste estudo se encontra integrado na comunidade e manifesta comportamentos auto-determinados.

Deste modo, reflectiremos por meio de várias perspectivas: evidências de integração social na vida do participante; meio pessoal e familiar do indivíduo; contexto social e comunitário no qual a pessoa actua; aptidões e limitações sentidas e experienciadas pelo indivíduo; influências externas, directas e indirectas, na vida do participante; interacção entre o indivíduo e o meio envolvente.

Estas áreas de estudo terão por base a percepção do participante acerca da forma como encara os acontecimentos na sua vida, sendo, por isso, uma visão subjectiva das suas experiências, embora nos foquemos nas dimensões e objectivos específicos desta investigação.

## REVISÃO DE LITERATURA

### Integração Comunitária

As pessoas com problemas mentais são, actualmente e na opinião de Huxley (2003), as que, eventualmente, mais sofrem com questões de exclusão social. De facto, esta temática não é de todo uma novidade, dado que, mesmo com a luta contra a desinstitucionalização destas pessoas, estas sofrem constantes rejeições por parte da comunidade que as rodeia (Repper & Perkins, 2003). A exclusão é sentida a vários níveis, nomeadamente nas tarefas do dia-a-dia, no trabalho e no acesso aos serviços (Dunn, 1999; cit. por Repper & Perkins, 2003), tendo, por isso, consequências drásticas, como o desemprego, a pobreza e o isolamento (Repper & Perkins, 2003).

De acordo com Anderson (2005), a integração social constitui três aspectos fundamentais, nomeadamente, um lugar para viver (habitação), algo para fazer (educação, emprego, actividade) e alguém para amar (interacção social). Carling (1995) refere igualmente estes factores, dividindo-os em quatro categorias – habitação, educação, emprego e suporte social – definindo-os como tipos de sistema de suporte, que devem ser apoiados pelos serviços de reabilitação psicossocial, para as pessoas com desordem mental.

No âmbito da educação, Barnard, Prior e Potter (2000) referem que a educação inclusiva deve ter em consideração não só o local dos serviços educativos, mas também a qualidade dos mesmos. Isto requer, segundo os mesmos autores, uma reestruturação do *curriculum* e uma reorganização da sala de aula, tendo em conta um plano individual, apostando no treino de competências sociais, e não unicamente no sucesso académico.

A propósito desta questão, Algozzine et al. (2001; cit. por Faber, 2006) salientam que os alunos que são excluídos do ensino regular, e frequentam o ensino especial, desenvolvem menor aptidão para efectuar escolhas e tendem a permanecer nesses programas por tempo indeterminado. Por consequência, a sua capacidade de auto-determinação é reduzida, constituindo um obstáculo ao prolongamento dos estudos e ao sucesso profissional.

Becker e Drake (1994) evidenciam a importância do acesso ao mercado de trabalho, como um factor preponderante na vida “normal” adulta. Além de melhorar a qualidade de vida, promove a saúde mental, as redes sociais e a integração comunitária (Evans & Repper, 2000). Os serviços de apoio comunitário constituem a resposta às necessidades de emprego das pessoas com algum tipo de perturbação, atendendo a factores como a rapidez e eficácia na procura, a competitividade e a avaliação contínua (Becker & Drake, 1994).

Carling (1995) defende, por outro lado, que as pessoas não conseguem viver ou sobreviver numa comunidade sem o suporte social dos amigos e da família. Em acréscimo, tanto Carling (1995), como Putnam (2000; cit. por Jackson, n.d.), lembram que a diversidade de relacionamentos e redes sociais é crucial para a saúde e qualidade de vida dos indivíduos, mais ainda quando se trata de alguém em desvantagem. É fundamental a redução do seu isolamento (e conseqüente solidão) face à comunidade envolvente. Além disso, vários autores, como Field et al. (2003; cit. por Faber), Ryan e Deci (2000; cit. por Faber, 2006) e Bashir, Goldhammer e Bigaj (2000; cit. por Faber, 2006) referem que a qualidade das relações interpessoais (família, amigos, colegas) constitui uma forte influência na auto-determinação do indivíduo.

Considera-se benéfico para todos, sejam maiorias ou minorias, a possibilidade de partilhar diversas experiências com pessoas diferentes, pelo facto de proporcionar uma maior aprendizagem e uma maior noção da realidade envolvente (Taylor *et al.*, 1987; cit. por Ornelas, 2007). Ornelas (2007, p.109) afirma que “o desenvolvimento de ligações e relações sociais das pessoas em situação de desvantagem com os outros membros da comunidade é um processo determinante para o sucesso do ajustamento comunitário e da integração e participação social”.

Em suma, todos os indivíduos têm direito a pertencer a uma comunidade e a viver no seu *habitat* natural, sem a necessidade de criação de ambientes paralelos, alheios à sociedade em geral (Ornelas, 2007). Aliás, todas as pessoas com algum tipo de limitação têm direito a viver com dignidade, autonomia e liberdade, para participar activamente na sociedade. Para além disso, têm direito a ter as mesmas opções individuais e o mesmo controlo das suas vidas do que as restantes pessoas sem limitações (Comunidades Europeias, 2007).

#### Integração Comunitária e Síndrome de Asperger

A Síndrome de Asperger é descrita por Barnard, Prior e Potter (2000) como uma “limitação oculta”. Estes autores pretendem, assim, dizer que se trata de uma perturbação pouco ou nada perceptível (em muitos dos casos), facto que diminui a atenção que a sociedade deveria despender com esta matéria, no sentido de contribuir para a integração destas pessoas na comunidade. Por outro lado, Guth (2008) é da opinião de que a integração destes indivíduos é uma tarefa árdua, sobretudo pela rejeição dos demais em fornecer os apoios necessários.

Uma das formas de promover a integração destas pessoas na comunidade é reunir informação acerca das manifestações desta perturbação. Deste modo, estaremos a afastar a “tendência humana” em culpabilizar o outro pela sua forma de ser, o que apenas alimenta atitudes discriminadoras. Outro factor a ter em conta é o suporte aos familiares destas pessoas, que sofrem, de certa forma, o estigma social e carecem de apoio comunitário (Guth, 2008).

É importante considerarmos as pessoas com Síndrome de Asperger aptas a tornarem-se autónomas e a participarem activamente na sociedade, fomentando a criação de comunidades inclusivas, e não o contrário (Guth, 2008). No seguimento desta ideia, Barnard,

Prior e Potter (2000) defendem que estes indivíduos têm um enorme potencial e podem dar um forte contributo à comunidade. Contudo, é essencial que se efectuem determinados ajustes a nível comunitário, com o intuito de atenuar a dificuldade que estas pessoas possam sentir ao nível da interacção social e do *empowerment* sobre as suas vidas.

Cannuli (2001) indica, com base num estudo efectuado, que as pessoas com Síndrome de Asperger podem beneficiar da integração no ensino regular, pela interacção continuada com pares que demonstram um desenvolvimento “comum”. Aliás, como já foi mencionado, as pessoas “ganham” em conhecer outras realidades. Contudo, na prática, e segundo Elkins et al. (2003), o grau de inclusão nas escolas está dependente do número de pessoas com perturbações, do tipo de perturbações e dos apoios disponíveis para esses indivíduos. É fundamental que, para usufruirmos de uma inclusão plena, a comunidade acredite que o sistema educativo consegue abranger as necessidades de todos os alunos.

Relativamente à vida profissional, Kurtz (2008) salienta que, de um modo geral, os indivíduos com Síndrome de Asperger não obtêm resultados satisfatórios. Nos casos em que mantêm um emprego, na sua maioria, este tende a ser precário, ou no qual não tiram partido suficiente das suas aptidões. Ackerman (2006) acrescenta que existe 35% a 45% de probabilidade de terem, no futuro, um emprego em regime de full-time, sendo que estas percentagens reduzem progressivamente com o passar dos anos. Contudo, Kurtz (2008) insiste no facto destas pessoas serem profissionalmente produtivas e bem sucedidas, e sugere que se criem os apoios sociais necessários, ou seja, personalizados, atendendo às necessidades específicas de cada um.

Actualmente, continuam a desenvolver-se métodos humanos e efectivos no sentido de ajudar as pessoas com Síndrome de Asperger, ou com outras perturbações do espectro do autismo, a alcançar e desenvolver os seus potenciais. Buese (2009) defende que tanto a vida académica, como profissional, contribuem para que as pessoas com autismo melhorem a sensibilidade aos estímulos ambientais, aumentando a concentração e, por sua vez, a aprendizagem.

## Auto-determinação

A auto-determinação é um tema actual debatido por alguns investigadores. O conceito teve origem nos termos “determinismo” e “livre arbítrio” debatidos nas áreas da Psicologia e da Filosofia (Ackerman, 2006; Wehmeyer, 2001).

Nas últimas décadas do século XX, destacam-se os movimentos de auto-defesa e *empowerment*, as formas de vida independentes e a luta pela igualdade de direitos e oportunidades dos indivíduos “em desvantagem” (Ward & Meyer, 1999; Wehmeyer, 1999; Field, 2005), como factores essenciais no âmbito desta temática.

Ward e Meyer (1999) afirmam que só em 1988 se identificou auto-determinação em pessoas com algum tipo de perturbação. Contestou-se o próprio conceito de *disability* (deficiência e/ou inaptidão), que, segundo Muller (2006), é, à partida, extremamente negativo e *disempowering*, reduzindo a pessoa às condições específicas da sua doença ou perturbação. Guth (2008) acrescenta que a sociedade ocidental, por norma, identifica determinados indivíduos como “incapazes”, o que automaticamente distingue quem é capaz e quem não é. De facto, e segundo o mesmo autor, o termo *disability* deve referir-se à “desvantagem” ou “restrição” numa situação específica, devido a uma limitação da pessoa. Essa limitação por si só não é uma “incapacidade”. A incapacidade é, sim, a desvantagem provocada por um determinado contexto.

Ao longo dos tempos, criou-se a ideia de que as pessoas com doença ou desordem mental seriam incapazes de ser autónomas e estariam indefinidamente dependentes das instituições de longo termo (Corrigan & Ralph, 2005; cit. por Matias & Monteiro, 2007; Duarte, 2007). Segundo Copeland (2003), só recentemente houve um reconhecimento significativo da importância da auto-determinação pelos centros e organizações de saúde mental. Na opinião da autora, é fundamental haver uma aceitação incondicional das pessoas com perturbações, mantendo o respeito mútuo e a valorização do outro. Estes factores ajudam a que estes indivíduos possam ganhar controlo sobre as suas vidas, tornando-se auto-determinados. Além disso, dois estudos recentes (Wehmeyer & Palmer, 2003; cit. por Cho, 2009; Wehmeyer & Schwartz, 1997; cit. por Cho, 2009) revelaram que o grau de severidade das limitações ou das características intelectuais das pessoas não constituem uma barreira significativa ao alcance da auto-determinação. O verdadeiro obstáculo é a escassez de oportunidades para efectuar escolhas, nos contextos e ambientes pelos quais os indivíduos

passam ao longo das suas vidas. Clark et al. (2004) partilham desta visão, acrescentando a falta de oportunidades para expressão individual e revelação de preferências pessoais, que, conseqüentemente, impedem a pessoa de desenvolver capacidade de auto-determinação.

### Elementos da Auto-determinação

Ward (1992; cit. por Ackerman, 2006) admite que a auto-determinação é um objectivo fundamental para todos, sobretudo na fase da vida adulta. Sem auto-determinação, as pessoas não evoluem, tornam-se dependentes e puramente convictas de que nunca irão alcançar os seus ideais e objectivos (Copeland, 2003).

A auto-determinação está directamente ligada à obtenção de resultados positivos (Wehmeyer & Palmer, 2003; cit. por Cho, 2009; Wehmeyer & Schwartz, 1997; cit. por Cho, 2009) e ao reforço das habilidades de comunicação, e conseqüente envolvimento na comunidade (Algozzine et al., 2001; cit. por Cho, 2009; Wood, Fowler, & Uphold, 2005; cit. por Cho, 2009), assim como a um elevado nível de auto-estima (Abery & Eggebeen, 1993; cit. por Cho, 2009).

Wehmeyer (2004, p.1) define o conceito como sendo “o direito e a capacidade dos indivíduos de direccionar e exercer o controlo das suas vidas”. Por outro lado, Ward (1992; cit. por Ackerman, 2006) refere que a auto-determinação é um conjunto de atitudes (aptidões, crenças e conhecimentos) que nos permite delinear propósitos pessoais e desenvolver capacidades para os colocar em prática. Field et al. (1998; cit. por Field, 2005) acrescentam que a colocação em prática desses objectivos deve ser efectuada de modo autónomo e auto-regulado. Para tal, é necessário ter noção das nossas limitações, forças, necessidades e preferências, assim como a crença de que todos somos efectivamente capazes de concretizar algo. Só assim, conseguimos ter controlo sobre as nossas vidas (Hoffman, 2003; Field et. al. 1998; cit. por Field, 2005). Ward (1992; cit. por Ackerman, 2006) inclui, ainda, termos como assertividade, criatividade, orgulho e auto-defesa, como parte crucial da sua definição do conceito.

No seguimento destas definições, Clark et al. (2004) referem que a auto-determinação é, principalmente, a expressão de autonomia, que envolve escolher, concretizar, encontrar soluções, tomar decisões e estabelecer objectivos. Além disso, é importante possuir-se capacidade de auto-observação, auto-avaliação e auto-reforço, *locus* de controlo interno,

experienciar atributos positivos de eficácia e esperar resultados, desenvolvendo, assim, auto-consciência e uma auto-imagem realista e positiva.

Eisenmann (2001; cit. por Cho, 2009) refere que a motivação intrínseca é um recurso primário para obtenção da auto-determinação, que Ryan e Deci (200; cit. por Cho, 2009) descrevem como sendo a realização de uma actividade que tem um único objectivo: satisfação pessoal (curiosidade, desejo de desafios, sentimentos de aptidão).

Os programas comunitários que procuram promover a auto-determinação em pessoas com “limitações” revelam um reconhecimento de dois aspectos essenciais nesta matéria: a) necessidade de ambientes que proporcionem oportunidades e apoios para efectuar escolhas e estabelecer objectivos; b) necessidade de reunir um conjunto de atitudes, habilidades e conhecimentos (Skouge et. al., 2007).

Field e Hoffman (1994; cit. por Hoffman, 2003) e Parker et al. (2007) enumeram cinco passos que consideram cruciais para o alcance da auto-determinação: auto-conhecimento; auto-valorização; planeamento de acções; acção; experiência e aprendizagem.

O primeiro passo (auto-conhecimento) inclui factores como a noção das limitações e habilidades, assim como as opções disponíveis. A segunda fase (auto-valorização) refere-se ao facto da pessoa se aceitar e se valorizar tal como é, reconhecendo os seus direitos e responsabilidades e cuidando de si. O planeamento de acções engloba o estabelecimento de objectivos e a previsão de resultados. O quarto passo (planeamento de acções) refere-se à comunicação e à procura de recursos sociais, lidando com conflitos e aceitando desafios. Por último, a vivência de resultados e respectiva aprendizagem incluem comparar resultados, experienciar o sucesso e, conseqüentemente, efectuar mudanças. Em cada um dos cinco passos, é fundamental efectuar-se escolhas, assim como tomar-se decisões (Wehmeyer, 1996; cit. por Parker et al., 2007).

Contudo, para se ser realmente auto-determinado, não é suficiente “ser-se” ou “fazer-se”, é necessário ter por base um propósito ou uma função, mostrando domínio sobre a sua vida e vivendo de acordo com o que se pretende. A auto-determinação implica, desta forma, imergir numa determinada actividade, sempre com plena vontade, escolha e consentimento pessoal (Wehmeyer, 1999). Age-se de acordo com o que se é (Deci, 1992; cit. por Wehmeyer, 1999), mostra-se capacidade de escolha (Deci & Ryan, 1985; cit. por Wehmeyer, 1999) e é-se o determinante das suas próprias acções. Aliás, Wehmeyer (1992,1996,1998; cit. por Wehmeyer, 1999, p.54) refere que a auto-determinação significa “agir como o agente causal

primário na sua vida e fazer escolhas e tomar decisões relativamente à qualidade de vida, livre de influências ou interferências externas indevidas”. Isto implica que actuemos de modo a atingir um ou mais objectivos, com o intuito de moldar o nosso futuro.

Por outro lado, e como afirma Angyal (1941; cit. por Wehmeyer, 1999), é essencial lembrar que os seres humanos não são (totalmente) independentes, mas sim interdependentes. A nossa vida sofre, diariamente, influências exteriores (ex. família, amigos, profissionais, etc.). A questão está em distinguir interferências próprias de impróprias, o que se torna algo subjectivo e contextual. Além disso, ser o agente causal da nossa vida não implica, necessariamente, que sejamos controladores absolutos. O importante é podermos exercer influência como agentes causais nas nossas escolhas e tomadas de decisão (Wehmeyer & Metzler, 1995; cit. por Cho, 2009). Tratando-se de uma pessoa com limitações, é benéfico partilhar a responsabilidade de fazer escolhas e tomar decisões mais complexas com outras pessoas (família, amigos, etc.), desde que haja consentimento do próprio (Wehmeyer, 1998; cit. por Cho, 2009).

Wehmeyer (1992, 1996, 1998) descreve as acções auto-determinadas por meio de quatro factores essenciais: comportamento autónomo; comportamento auto-regulado; *empowerment* psicológico; auto-realização.

O comportamento autónomo comporta as acções baseadas nas preferências individuais, interesses e aptidões, sem forças externas impróprias (Feinstein, Damond & Reiss, 1988; cit. por Wehmeyer, 1999). Divide-se em quatro categorias: cuidado pessoal/familiar; actividades administrativas; lazer; actividades sociais (Sigafos, 1988; cit. por Wehmeyer, 1999).

O comportamento auto-regulado abrange um sistema complexo de resposta que nos permite analisar realidades circundantes e adaptarmo-nos a essas realidades (Whitman, 1990; cit. por Wehmeyer, 1999). Decide-se agir e como agir, avalia-se o desejo dos resultados finais e revê-se planos. Implica auto-administração de estratégias, estabelecimento de objectivos, concretização, resolução de problemas, tomada de decisão e aprendizagem de estratégias (Agran, 1997; cit. por Wehmeyer, 1999);

O *empowerment* psicológico constitui múltiplas dimensões de percepção do controlo: eficácia pessoal; *locus* de controlo interno; áreas motivacionais (Zimmerman, 1990; cit. por Wehmeyer, 1999). Implica aprendizagem e solução de problemas.

A última acção diz respeito à auto-realização e é referente ao conhecimento exacto, compreensivo e razoável de si, suas forças e limitações, procurando progredir-se. Inclui auto-conhecimento e auto-compreensão, adquiridos através da percepção e interpretação do ambiente, influenciados por avaliações externas significativas, reforços e atribuições ao próprio comportamento (Maslow, 1943; cit. por Wehmeyer, 1999).

O grau de alcance de cada uma destas características é influenciado, ao longo do tempo e em diversas situações, por aspectos como a idade, as oportunidades, as aptidões e o contexto. De qualquer forma, para se ser auto-determinado, Wehmeyer (1999) defende que todos os factores devem estar presentes.

A auto-determinação está, igualmente, associada ao bem-estar e à qualidade de vida em geral, o que envolve factores como a estabilidade emocional, as relações inter-pessoais, o desenvolvimento pessoal, o bem-estar físico, a luta pelos direitos e a integração social (Schalock, 1996; cit. por Wehmeyer, 1999).

Dado que a auto-determinação se aprende ao longo da infância e adolescência (Wehmeyer, n.d.; Field, 2005), a sua promoção em jovens e adultos com determinadas limitações torna-se fundamental nas áreas da educação e da reabilitação. Há que promover a auto-determinação junto das pessoas, nomeadamente ainda em fase escolar, para que possam aprender a optar e decidir com base naquilo a que dão valor (Field & Hoffman, 1994; cit. por Hoffman, 2003). Getzel (1997) refere que é notória a necessidade de se promover a participação destes indivíduos (crianças, jovens e adultos) no planeamento do seu futuro e de criar oportunidades de acesso a empregos e a serviços eficazes no suporte comunitário a longo prazo.

Na nossa cultura, a desordem mental é vista como estigma, devido, sobretudo, ao medo de algo que se desconhece e aos preconceitos que alimentam a ignorância e a incompreensão. Escolher lidar com as dificuldades significa poder alcançar mais recursos, mas significa, igualmente, escolher lidar com o que os outros percebem acerca de nós, o que, muitas vezes, não é uma tarefa fácil. Contudo, só assim se promovem o auto-conhecimento e a auto-confiança, factores cruciais no processo da auto-determinação (Hoffman, 2003).

## Perspectivas Teóricas da Auto-determinação

Não havendo propriamente um consenso no que concerne à definição do conceito de auto-determinação (Cho, 2009), detectámos diferentes perspectivas teóricas descritas pelos autores: psico-educacional, sócio-política e ecológica.

A perspectiva psico-educacional é sustentada por Wehmeyer (1992, 1996, 1998), que afirma que a auto-determinação é conseguida por meio de quatro factores, anteriormente, definidos: autonomia; auto-regulação; *empowerment* psicológico; auto-realização. Embora se reconheçam factores ambientais e políticos, esta perspectiva baseia-se, sobretudo, nas capacidades individuais que levam as pessoas a agir de forma auto-determinada e na aprendizagem das mesmas ao longo da vida. A ênfase está, maioritariamente, na mudança de atitudes, e não na mudança dos ambientes que circundam os indivíduos (Wehmeyer & Bolding, 1999; cit. por Cho, 2009; Shogren et. al., 2008; Stancliffe, 2001).

A perspectiva sócio-política é sustentada por Mithaug (1998; cit. por Cho, 2009) e centra-se, sobretudo, no processo que percorremos para alcançar a auto-determinação. Trata-se da forma como os indivíduos lidam com as oportunidades, de modo a alcançarem o que desejam e o que necessitam ao longo da vida.

Mithaug (2003; cit. por Shogren, 2008) define a auto-determinação como o acesso às oportunidades e as habilidades para atingir objectivos, que estejam de acordo com as necessidades e interesses pessoais, manifestados numa comunidade que os respeite. Deste modo, existe algum reconhecimento das influências ambientais no grau de auto-determinação dos indivíduos. Esta perspectiva implica quatro aspectos essenciais, nomeadamente, a liberdade de escolha, a autoridade para gerir as questões financeiras individuais, o suporte social (interacção com os outros e envolvimento social) e a responsabilidade para dar o seu contributo à comunidade (Stancliffe, 2001).

A perspectiva ecológica é defendida por Abery e outros autores (Abery & Stancliffe, 1996; cit. por Cho, 2009; Stancliffe, Abery & Smith, 2000; cit. por Cho, 2009; Stancliffe et. al., 2000; cit. por Cho, 2009), que definem a auto-determinação como o grau de controlo pessoal que decidimos usufruir nas áreas que consideramos importantes, variando de indivíduo para indivíduo. Esta perspectiva conjuga três factores essenciais: controlo pessoal; elementos da auto-determinação; influências ambientais. Contudo, a ênfase incide sobre este último factor, mais do que nas atitudes, conhecimentos ou habilidades individuais (elementos

da auto-determinação). Abrange-se, assim, estruturas sociais e ambientais nas quais o indivíduo se move, captando os ambientes directos, como a família, os amigos, a educação, o emprego e o lazer, e os ambientes indirectos, como os padrões ideológicos e culturais e o modo como os sistemas se organizam, mesmo a nível nacional. Esta teoria visa perceber o grau de auto-determinação da pessoa, por meio da forma como esta actua nos vários contextos em que se insere, considerando tanto influências directas, como indirectas (Abery, 1994; cit. por Stancliffe, 2001).

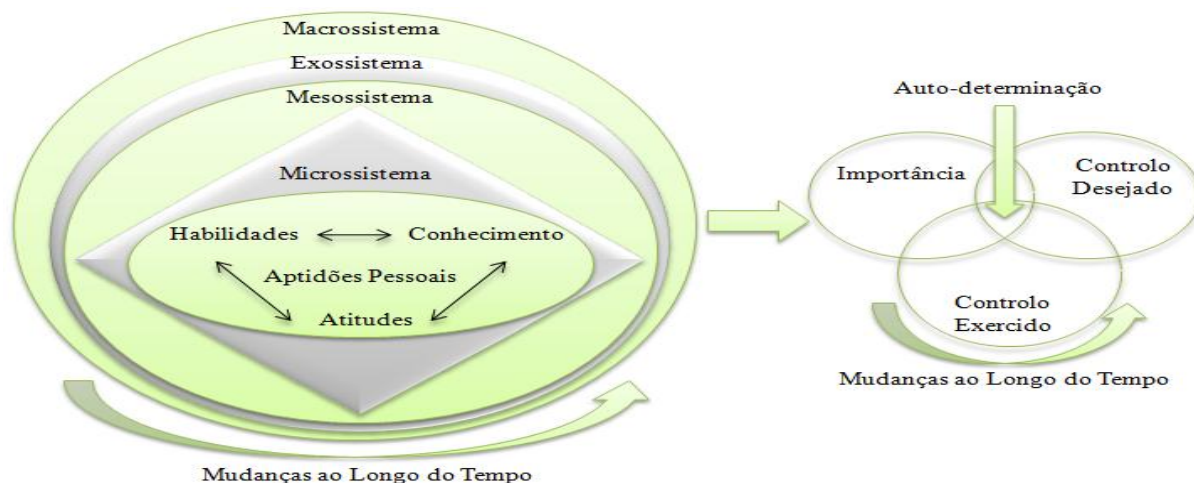
Actualmente, os profissionais carecem de instrumentos que meçam a auto-determinação por uma perspectiva ecológica (Abery & Stancliffe, 1996; cit. por Cho, 2009). Consequentemente, o papel dos contextos ambientais no reforço da auto-determinação continua a ser extensivamente estudado. As medidas que incluam uma perspectiva ecológica podem ser muito úteis, pelo facto de fornecerem mais informação, que, por sua vez, pode ser utilizada na criação de programas de intervenção específicos para as pessoas com perturbações do intelecto ou outras.

#### Modelo Ecológico de Auto-determinação

As comunidades devem promover a inclusão social, e não o contrário. O envolvimento social é um direito de todos. Para tal, e segundo vários autores (Abery & Stancliffe, 2003; cit. por Cho, 2009; Bandura, 1977, Bronfenbrenner, 1979, Garbarino, 1982, Abbey & Stancliffe, 1996, Wehmeyer, 1998; cit. por Faber, 2006), é necessário conjugar factores ambientais e habilidades pessoais, com o propósito de estabelecer o nível de auto-determinação de um indivíduo.

Com base nesta perspectiva, construiu-se o modelo ecológico de auto-determinação (figura 1), que envolve (sobretudo) factores ambientais e factores individuais, que, por sua vez, se influenciam mutuamente, originando um efeito interactivo (Abery & Stancliffe, 2003; cit. por Cho, 2009):

Figura 1: Modelo Ecológico de Auto-determinação e Processo Ecológico



Fonte: Abery e Stancliffe (2003; cit. por Cho, 2009).

Relativamente aos factores individuais (figura 1), este modelo descreve diversas aptidões pessoais que o sujeito deve desenvolver. Dividem-se em três aspectos: habilidades, atitudes e conhecimento<sup>1</sup>.

O primeiro factor inclui estabelecer objectivos, isto é, identificar o que se pretende alcançar, tomar decisões, efectuando escolhas, ponderando alternativas e considerando consequências, manifestar um comportamento auto-regulado, ou seja, decidir agir e como agir. Além disso, resolvem-se problemas (adaptação, alcance do sucesso e identificação de soluções), possui-se capacidade de auto-defesa, utilizando estratégias para alcançar o resultado desejado, aptidão para comunicar (falar, conversar, gesticular, escrever, etc.), habilidades de interacção (comunicação verbal, não-verbal e para-linguística) e vida independente, indicando factores que reflectam autonomia.

O segundo aspecto abrange *locus* de controlo interno, indicando causas internas como factores determinantes do sucesso pessoal, auto-confiança, avaliando-se aptidões pessoais de

<sup>1</sup> Fonte: Abery & Stancliffe (2003; cit. por Cho, 2009); Field, Sarver, & Shaw, 2003 (cit. por Faber, 2006), Algozzine et al., 2001 (cit. por Faber, 2006); Browder et al., 1996 (cit. por Faber, 2006); Field, 1996 (cit. por Faber, 2006); Field & Hoffman, 2002 (cit. por Faber, 2006); Nevin et al., 2002 (cit. por Faber, 2006); Wehmeyer et al., 1998 (cit. por Faber, 2006); Eisenman & Chamberlin, 2001 (cit. por Faber, 2006); Martin & Marshall, 1996 (cit. por Faber, 2006); Thoma et al., 2002 (cit. por Faber, 2006); Trainor, 2002 (cit. por Faber, 2006); Zhang et al., 2005 (cit. por Faber, 2006); Agran, 1997 (cit. por Faber, 2006); Ward, 1996 (cit. por Faber, 2006); Goodley, 1997 (cit. por Faber, 2006); Pocock et al., 2002 (cit. por Faber, 2006); Torres (1999; cit. por Oliveira, 2001).

forma segura e realista e acreditando nas suas habilidades, auto-estima, ou seja, desenvolvimento das suas capacidades ao máximo. Inclui igualmente capacidade de determinação (não desistir) e sentimento de valorização pelos outros (considerar que os outros o apreciam a si e às suas acções).

O último factor é referente ao conhecimento das opções disponíveis, identificando-se alternativas em contexto social, dos direitos (privilégios sociais) e dos recursos disponíveis (suportes sociais). É necessário possuir auto-consciência, ou seja, perceber-se a si como alguém que tem características, utilizando-as em seu proveito, finanças pessoais, identificando factores indicativos de independência monetária e conhecimento declarativo e processual, isto é, saber o que fazer e utilizar essa informação em processos ou rotinas.

Segundo o modelo ecológico de auto-determinação (figura 1) e os autores Aberly e Stancliffe, (2003; cit. por Cho, 2009), o processo de alcance da auto-determinação depende, igualmente, do grau de concordância entre os vários níveis de controlo pessoal: a) controlo desejado, ou seja, vontade de exercer domínio; b) controlo exercido, isto é, concretização das acções; c) importância, ou seja, grau de importância que a pessoa atribui às experiências e acontecimentos que tem vivido.

De acordo com Aberly e Stancliffe (2003; cit. por Cho, 2009), os factores ambientais (figura 1) dividem-se em três aspectos: microsistema (ambientes próximos ao indivíduo); mesossistema (inter-relação entre microsistemas); exossistema (influências externas); macrossistema (padrões culturais e ideológicos).

Aberly, McGrew e Smith (1995; cit. por Faber, 2006) indicam, a respeito do microsistema, que os jovens cujos pais lhes permitem um maior grau de controlo das suas vidas, possuem níveis mais elevados de auto-determinação, do que outros que não beneficiam dessa condição.

Relativamente ao mesossistema, Epstein (1987; cit. por Faber) refere que a ligação entre os pais e os ambientes nos quais os filhos se inserem (escola, trabalho, comunidade) pode ser muito benéfica para o desenvolvimento das suas aptidões pessoais. Aberly e Stancliff (1996; cit. por Faber) afirmam que muitos dos programas escolares não incluem instruções específicas relativamente à auto-determinação. Epstein (1987; cit. por Faber, 2006) defende que, como parte do mesossistema, a escola deve promover a participação dos pais na vida escolar dos filhos, por meio de aconselhamento e treino no que refere à importância da auto-

determinação dos filhos, a comunicação entre os pais e os serviços e a participação dos pais em cada contexto no qual os filhos se envolvem.

Quanto ao exossistema, Abery e Stancliffe (1996; cit. por Faber) afirmam que os indivíduos em desvantagem devem ser apoiados de forma a saberem adaptar-se às mudanças que, indirectamente, possam afectar as suas vidas (ex. alterações políticas).

Consistindo no total de todas as crenças e valores de uma sociedade, o macrossistema engloba o microssistema, mesossistema e exossistema. Com a desinstitucionalização das pessoas em desvantagem, houve uma grande evolução no processo de auto-determinação. Os estudos indicam que os indivíduos fora das residências comunitárias possuem maior grau de auto-determinação, em comparação com os que residem em instituições (Baker, Seltzer, & Seltzer, 1977, Barlow & Kirby, 1991, Wehman, 1998; cit. por Faber, 2006).

Vários autores, como Field et al. (2003; cit. por Faber), Ryan e Deci (2000; cit. por Faber, 2006) e Bashir, Goldhammer e Bigaj (2000; cit. por Faber, 2006) referem que a qualidade das relações interpessoais (família, amigos, colegas) constitui uma forte influência na auto-determinação do indivíduo. Além disso, Stancliffe (2001) indica que os contextos individualizados favorecem o poder de escolha e promovem uma melhor auto-determinação.

#### Auto-determinação e Síndrome de Asperger

Todos nós precisamos de estabelecer objectivos, planear acções e fazer os ajustes necessários, com fim a atingir o sucesso (Mithaug, Martin & Agran, 1997; cit. por Ackerman, 2006; Field, 2005). É essencial darmos sentido e propósito à vida, se queremos alcançar bons resultados (Coleman, 1996; cit. por Ackerman, 2006), sendo que os nossos principais objectivos são “viver”, “trabalhar” e “amar”, oferecendo o nosso contributo, sempre precioso, à comunidade (Deegan, 1988). No entanto, quando se tem uma perturbação, como a Síndrome de Asperger, é necessário enfrentar os desafios que isso acarreta e delinear novas metas a alcançar (Deegan, 1988). A inquietação é notória relativamente às pessoas “em desvantagem”, dado que estas enfrentam mais e maiores dificuldades no que concerne à vida em sociedade. Isto engloba aspectos do dia-a-dia, nomeadamente decisões como “onde viver”, que “emprego ter” e como “dispor do tempo de lazer” (Field, 2005).

De um modo geral, os indivíduos com algum tipo de perturbação não são vistos como pessoas auto-determinadas desde crianças, o que os faz crescer com um “rótulo” de inaptidão,

que lhes compromete o futuro de forma drástica (Ackerman, 2006). Matias e Monteiro (2007) afirmam que o preconceito associado a esta temática deve-se ao facto de, no passado, ter existido a filosofia de *blaming the victim* (culpabilização da vítima). Como tal, deparamo-nos com a ideia de uma identidade destruída, que não é socialmente aceite. Alguns autores como Corrigan e Rusch (cit. por Matias & Monteiro, 2007) referem que este facto chega a reprimir os indivíduos de acederem aos recursos comunitários.

Segundo Ward e Meyer (1999), tem havido alguma preocupação, por parte dos investigadores, em estudar a auto-determinação em pessoas com perturbações do desenvolvimento, como a Síndrome de Asperger. Os mesmos autores distinguem estes indivíduos dos que têm restrições físicas e/ou cognitivas, lembrando que o processo de auto-determinação deve ser diferente para cada uma delas (personalizado), embora todas lutem por ganhar controlo das suas vidas e respeito pela comunidade.

A família possui um papel fulcral na promoção da auto-determinação, nomeadamente as suas características ao nível dos padrões culturais, expectativas e estratégias de adaptação, a sua interacção com os demais e o modo como se processa, os papéis atribuídos e as tarefas desenvolvidas (economia, cuidado, lazer, educação), e ainda a sua descendência (Turnbull & Turnbull, 1996; cit. por Wehemeyer & Field, 2007).

Meyer et al. (2003), Hoffman e Field (1999) e Buckley (2007) referem que as pessoas com Síndrome de Asperger apresentam falhas ao nível da interacção social, da comunicação e do funcionamento activo, como o planeamento e a organização de tarefas, o que lhes pode comprometer a sua capacidade de auto-determinação. Embora não revelem atraso da linguagem ou do desenvolvimento cognitivo, como acontece em outras perturbações do espectro do autismo, existem falhas, sobretudo, de âmbito social e emocional: a) fraco desenvolvimento de relações com os pares, ajustadas ao grau de maturidade; b) fraco uso de linguagem não-verbal; c) fraca partilha espontânea de interesses ou entusiasmos com outros.

Existe, geralmente, uma vontade patente em ter amigos. No entanto, esse desejo é travado pela ausência de treino ou apoios necessários e específicos. Consequentemente, estes indivíduos não saberão como iniciar relações e/ou mantê-las e prosseguirão as suas vidas sem saberem o porquê disso suceder ou como encontrar uma solução.

Um estudo de Whitehouse et al. (2008) demonstra que estas pessoas, na fase adolescente e em comparação com outros jovens com um desenvolvimento “típico”, revelam menos motivação para construir amizades, além de que a qualidade das suas relações é fraca.

Na fase adulta, mesmo com algumas relações de amizade estabelecidas, manifestam dificuldade em converter essas relações em relacionamentos adultos, amorosos ou conjugais (Meyer et al., 2003). Contudo, é importante lembrar que as condições se alteram à medida que os indivíduos vivem novas experiências e conforme o grau de maturidade (Buese, 2009).

Por outro lado, estas pessoas manifestam, muitas vezes, baixa auto-estima e *locus* de controlo externo, o que as impede de agirem de forma auto-determinada (Field et al., 1998; cit. por Clark et al., 2004). Este facto deve-se, sobretudo, à escassez de oportunidades para efectuar escolhas com que se depararam ao longo da vida (Fortini & FitzPatrick, 2000).

Ao nível da educação, os indivíduos que acedem ao ensino superior manifestam, na maioria das vezes, dificuldades em registar as matérias, estabelecer prioridades e prever sequências efectivas para conclusão das tarefas. Este facto ocorre por não terem aprendido, anteriormente, habilidades de estudo que lhes permitissem desenvolver as suas aptidões (Meyer et al., 2003). A propósito desta questão, Faber (2006) refere que o grau de auto-defesa exigido no ensino superior é muito elevado, já que os estudantes devem requerer as suas próprias necessidades académicas (algo mais facilitado no ensino secundário). Sendo assim, é importante que o indivíduo possa aceder a um processo de preparação prévia, que lhe faculte as bases para conseguir atingir os seus objectivos.

Desta forma, Mithaug et al. (2002; cit. por Agran, 2005) defendem a utilização do método *student-directed learning* (aprendizagem direccionada ao aluno) nas escolas, pelo facto de facilitar o desenvolvimento das aptidões de cada estudante: a) regulação das expectativas acerca do que podem aprender; b) realização de escolhas; c) tomada de decisão acerca do que irão aprender e de que forma; d) promoção da execução, da monitorização e da avaliação das acções (Mithaug, Agran, Martin, & Wehmeyer, 2002; cit. por Agran et al., 2005). A utilização destas estratégias minimiza a dependência externa e aumenta o compromisso, a motivação e a aprendizagem. Embora seja pouco utilizado (Agran et al., 1999; cit. por Agran et al. 2005; Wehmeyer et al., 2000; cit. por Agran et al., 2005), este método revela efeitos positivos em estudantes com perturbações moderadas ou severas.

Por outro lado, Skouge et al. (2007) sugerem que os educadores promovam a auto-determinação destes alunos, utilizando pedagogias comunitárias especificamente construídas para promover tanto a participação destes jovens, como das respectivas famílias.

É difícil, para quem tem Síndrome de Asperger, ser-se adulto, no sentido de se tornar independente dos outros e de gerir relações adultas (mais complexas) e outras

responsabilidades. Trata-se de uma escolha entre viver um processo que, muitas vezes, é complicado, ou permanecer indefinidamente imaturo (muitos optam por esta hipótese). A dependência dos pais é evidente e, por outro lado, estes pais alimentam a ideia de que terão a seu cargo os filhos o máximo de tempo possível (Meyer et al., 2003).

Além disso, estes indivíduos deparam-se com a dificuldade em encontrar serviços de apoio personalizado, dado que “não são suficientemente autistas para os serviços de autismo; não estão suficientemente doentes para os serviços de psiquiatria; não têm dificuldades de aprendizagem suficientes para os serviços de *mental handicap*” (Simblett & Wilson, 1993; cit. por Stoddart, 2005, p. 88). A propósito deste assunto, Stoddart (2005) refere que a subtileza presente na Síndrome de Asperger pode ser mais prejudicial do que benéfica para os que a comportam, ou seja, a limitação provocada pela comunidade envolvente pode ser mais limitadora do que a própria perturbação em si.

A vida profissional destas pessoas nem sempre é fácil. Em alguns casos, conseguem fazer a ligação entre os interesses pessoais e a vida profissional, mantendo uma relação com o mundo do trabalho. Muitos terminam o liceu ou até o ensino superior, geralmente com áreas muito específicas em mente. Contudo, em qualquer uma das situações, o interesse pelo mundo competitivo do trabalho e pela independência necessitam de estar muito vincados para que possam alcançar o sucesso. A maioria destes indivíduos não consegue tornar-se competitivo e produtivo no emprego, de forma a progredir na carreira, e, as que têm sucesso, não estabelecem uma ideia de “emprego ideal”. Estas pessoas detêm as ferramentas cognitivas essenciais (por vezes, acima da média), mas carecem de suporte quanto à colocação em prática dessas habilidades, nomeadamente ao nível profissional (Meyer et al., 2003).

Por outro lado, as opções disponíveis em termos de empregabilidade e serviços comunitários são, geralmente, reduzidas para estas pessoas (Fortini & FitzPatrick, 2000), fruto das atitudes discriminatórias manifestadas pela sociedade (Repper & Perkins, 2003).

Contudo, o processo de integração das pessoas com Síndrome de Asperger no mercado de trabalho pode ser facilitado: a) se houver o reconhecimento das suas habilidades, interesses e dificuldades, tanto por parte de si, como por parte dos outros; b) se houver oportunidade para desempenhar funções de liderança na escola; c) se houver oportunidade para obter empregos temporários no período de férias escolares. As funções que sejam de acordo com os seus interesses e os ambientes nos quais os empregadores sejam

compreensivos e ofereçam treino específico promovem, claramente, o bom desempenho das tarefas e o sucesso profissional (Stoddart, 2005).

É importante referir que os decursos de transição entre as várias etapas da vida, nomeadamente entre escolas e da escola para o emprego, podem acarretar dificuldades para estes indivíduos, já que requerem adaptação a novos ambientes (Wing, 1996; cit. por LaCava, 2005; Stoddart, 2005). Relativamente a esta temática, Fabian, Lent e Willis (1998; cit. por Stoddart, 2005) indicam alguns aspectos facilitadores dos processos de transição na vida das pessoas com Síndrome de Asperger: a) obtenção de um emprego antes de terminar a vida académica; b) participação em programas educacionais que promovam habilidades práticas para viver de forma autónoma; c) participação em programas que forneçam orientação vocacional e apoio na vida profissional.

Wehmeyer et al. (2004; cit. por Parker et al., 2007) afirmam que há ainda um longo caminho a percorrer no âmbito desta temática. Os projectos-piloto que se dedicam a procurar serviços de emprego para estas pessoas acabam por encerrar, após vários anos de actividade, pelo elevado custo que isso acarreta. Os mesmos autores sugerem que os profissionais de suporte comunitário apoiem estas pessoas na procura de uma área de emprego que corresponda aos seus interesses e que se adapte à sua personalidade. É importante que estes indivíduos estejam cientes das suas aptidões, dos desafios e do mundo que os rodeia, para poderem estabelecer metas a curto e longo prazo nas suas vidas, de forma realista, estabelecendo métodos e aprendendo a tomar decisões. Quanto maior for o seu grau de envolvimento na comunidade, maior será o seu nível de auto-confiança e, por sua vez, de auto-determinação e *empowerment* (Klin & Volkman, 2000; cit. por Kingsley, 2005).

## MÉTODO

### Delineamento

Foi construída uma narrativa biográfica de um adulto com Síndrome de Asperger, suportada pelo método auto-biográfico BNIM (*Biographic-Narrative Interpretive Method*, Wengraf, 2009), que inclui duas entrevistas e a respectiva análise. Procurou-se evidenciar os

aspectos relevantes da vida do participante, tendo em conta os vários contextos comunitários dos quais fez e faz parte.

### Participante

O participante deste estudo é um adulto, do sexo masculino, com 39 anos de idade. Esta pessoa tem Síndrome de Asperger e foi contactada por meio da Associação de Pessoas com Síndrome de Asperger (APSA).

### Procedimento

O método seleccionado para esta investigação foi o método auto-biográfico BNIM (*Biographic-Narrative Interpretive Method*), utilizado nos últimos 15 anos em inúmeras pesquisas, nomeadamente em estudos de carácter psico-social (Wengraf & Chamberlayne, 2006; Wengraf, 2009).

Este método permitiu realizar um estudo longitudinal e retrospectivo, dispondo de uma estrutura de “narrativa aberta”, que possibilita ao entrevistado escolher a forma e a sequência da história que nos relata. Deste modo, obtemos um conjunto de experiências/acontecimentos detalhados (atributos positivos e negativos) e, simultaneamente, o *insight* realizado pelo entrevistado, que advém das suas escolhas ao longo da narração.

Realizou-se uma primeira entrevista ao participante, dividida em duas sub-sessões (anexo B). A primeira sub-sessão (anexo B) consistiu em colocar uma questão aberta, de forma a obtermos uma narrativa biográfica (não parcial), como pretendido:

Como sabe, eu estou a pesquisar a vida de uma pessoa com SA. Por favor, conte-me a história da sua vida, todos os eventos e experiências, tendo em conta os vários contextos, que tenham sido importantes para si. Comece onde quiser, eu não vou interromper, vou apenas tirar algumas notas. Quando terminar, faremos um intervalo de 10 a 15 minutos. Em seguida, colocarei algumas questões com base nas notas que tirar, segundo aquilo que irá relatar. Pode começar.

A pergunta introdutória foi totalmente respeitada, não havendo quaisquer interrupções por parte da investigadora, sendo esta uma facilitadora da narração. Esta fase terminou apenas quando o entrevistado afirmou que havia finalizado a sua história.

Em seguida, e após uma breve pausa de 15 minutos, para selecção dos tópicos mais importantes a desenvolver, seguiu-se a segunda sub-sessão da primeira entrevista (anexo B). Colocaram-se, assim, algumas questões ao indivíduo, segundo as anotações prévias, conforme o bloco de notas BNIM (anexo C), respeitando a ordem dos acontecimentos, os termos e a linguagem empregues pelo entrevistado.

A entrevista foi gravada em áudio na sua totalidade, com o devido consentimento do participante deste estudo, sendo que a segunda sub-sessão (anexo B) foi efectuada em três alturas diferentes (embora muito próximas), de acordo com a capacidade do gravador e a disponibilidade do entrevistado e da investigadora.

Numa segunda fase, foi efectuada a transcrição total da entrevista e a avaliação dos dados obtidos.

Concluiu-se, após a segunda fase, que seria benéfico esclarecer determinados temas. Este facto conduziu-nos à terceira etapa, na qual se desenvolveu uma segunda entrevista, muito breve, desta vez semi-estruturada e, igualmente, presencial (anexo B).

Numa quarta fase, efectuámos a condensação dos dados, de acordo com as seguintes dimensões de análise, inerentes ao conceito de auto-determinação: meio escolar; meio profissional; interacção social; aptidões pessoais: habilidades, atitudes, conhecimento; controlo pessoal; ambiente.

A informação foi, assim, devidamente organizada para subsequente análise. Posteriormente, seguiram-se a discussão dos resultados e as considerações finais.

Foi elaborada, entregue e assinada uma carta de consentimento informado ao participante desta investigação (anexo A), na qual foram referidos alguns aspectos importantes, como o tipo de investigação, a participação no estudo como acto voluntário e os contactos da investigadora. A identidade do participante foi respeitada, utilizando-se um pseudónimo, em substituição do seu nome verdadeiro. A primeira entrevista teve a duração de 2 horas, 39 minutos e 54 segundos, no seu total (primeira e segunda sub-sessões); a segunda entrevista teve a duração de 38 minutos e 50 segundos (terceira sub-sessão). O total de duração das entrevistas foi de 3 horas, 18 minutos e 4 segundos.

## Instrumento

Foi utilizado, neste estudo, o guião de entrevista (anexo B) construído segundo o modelo autobiográfico BNIM (*Biographic-Narrative Interpretive Method*) de Tom Wengraf (2009). Nele, são descritos os passos essenciais para obtenção da informação pretendida: primeira entrevista (primeira e segunda sub-sessões); segunda entrevista (terceira sub-sessão).

A primeira sub-sessão consistiu numa abordagem inicial, contendo uma questão de “narrativa aberta”, que permitiu ao participante abordar livremente acontecimentos da sua vida, com base na sua percepção pessoal.

A segunda sub-sessão refere-se às perguntas estruturadas de *push for PIN's* (anexo C), ou seja, questões que visam a obtenção de informação acerca de incidentes narrativos particulares. Esta fase incidiu num inquérito sistemático, realizado consoante a resposta do entrevistado à primeira pergunta de narrativa aberta, focando de forma persistente os aspectos (referidos pelo indivíduo) que se pretendia desenvolver. As perguntas realizadas basearam-se em factos como a altura dos acontecimentos, a forma como sucederam e os sentimentos pessoais que daí advieram.

A terceira sub-sessão (correspondente à segunda entrevista) foi composta por perguntas semi-estruturadas, de acordo com os objectivos da investigação. Colocaram-se questões acerca dos objectivos pessoais do participante, das suas habilidades, atitudes e conhecimento, e da forma como alguns acontecimentos influenciaram a sua vida.

## RESULTADOS

### Análise da Narrativa Biográfica

#### Meio Escolar

Henrique frequentou, primeiramente, o ensino privado, no Colégio dos Maristas, concluindo, nesse mesmo estabelecimento, o 9º ano de escolaridade: “(...) andei no Colégio dos Maristas, que era aqui perto em Benfica, era na rua Artilharia 1”.

Posteriormente, passou para o ensino público, seguindo o ensino secundário no Liceu Pedro Nunes, na área de Ciências. Não obtendo nota suficiente para ingressar no ensino superior, no primeiro ano em que se candidatou, repetiu o 12º ano no Liceu Dona Maria Amélia:

No liceu Pedro Nunes, eu fiz o 10º, 11º e 12º ano, na área de Ciências... E depois repeti o 12º, infelizmente, porque não consegui entrar para a faculdade, quer dizer, repeti, e entrei para a faculdade no ano seguinte; (...) fui para outro liceu, o Rainha Dona Amélia, onde tive revisão dessas mesmas cadeiras que tinha tido, para não me desactualizar com as matérias (...)

Ter adiado a sua entrada no ensino superior foi um dos obstáculos a enfrentar na sua vida escolar, embora este facto não o tenha demovido de prosseguir os estudos, o que demonstra alguma persistência.

Salienta-se que o participante não sentiu dificuldade (ou pelo menos não a revela) em transitar do Colégio dos Maristas para o Liceu Pedro Nunes, pelo que indica que o colégio lhe deu as bases necessárias para que se sentisse suficientemente preparado para se adaptar a um novo contexto educativo:

(...) foi o sítio onde se aprendeu também... eh... bastante bem, quer dizer, deu-nos bases e não só bases, conhecimentos, deu-nos um grande apoio... eu não estranhei, quando acabou, quando saí dos Maristas, que acabaram no 9º ano, a transferência depois para o liceu (...)

Contudo, afirma ter sentido algumas dificuldades ao nível da aprendizagem das matérias, durante o período escolar, sendo que não sabia as razões para que tal sucedesse:

Eu não era um aluno... portanto, eu depois tinha algumas facilidades e depois tinha muitas dificuldades também, na aprendizagem. Pronto, mas eu não sabia porque é que eu tinha também... porque é que tinha tanta dificuldade.

Henrique desconhecia, na altura, que tinha Síndrome de Asperger, dado que foi diagnosticado apenas aos 33 anos de idade, o que terá criado em si ansiedades e dúvidas acerca das suas aptidões, pelo que se sentia diferente dos outros e desconhecia a verdadeira razão. Considera-se pertinente explicar que este diagnóstico tardio terá sido, em parte, desvantajoso para si, já que terá contribuído para que todos em seu redor desvalorizassem as

suas dificuldades, que eram, para si, tão evidentes, mas tão ténues aos olhos dos outros. Deste modo, não terá tido o apoio adequado e personalizado que necessitava e, conseqüentemente, “arrastou” consigo a dificuldade em estudar as matérias, em adaptar-se à mudança e em compreender as regras sociais.

No ano seguinte, ingressou, primeiro, na Universidade Autónoma de Lisboa e, um mês depois, na Faculdade de Ciências de Lisboa, na qual tirou o curso de Química Tecnológica:

(...) e depois entrei no ano seguinte. E até entrei numa faculdade privada... de Direito... era a UAL. Fiquei lá um mês. Saí e fui para a estatal; Entrei para a Faculdade de Ciências de Lisboa... em 90. Tirei o curso de... o curso de Química Tecnológica.

Henrique enfrentou dificuldades durante a fase em que frequentou o ensino superior, dado que necessitou da ajuda de um psicólogo, para além do apoio recebido por alguns colegas e professores. O participante diferencia o ensino secundário do superior, evidenciando o grau de exigência que sentiu ao transitar de um sítio para outro:

Eu não era capaz de... brilhar. Eu não era capaz de estar ao nível de certos colegas meus... Quando eu estava no liceu, no 10º, pronto, eu tinha várias cadeiras por ano. Quer dizer, isso... Era mais... Quer dizer... porque quando eu depois passei para a faculdade, tive dificuldades em várias cadeiras... tive cadeiras que tive que deixar para trás e só fazê-las depois quando estava no 4º ano... tive que ter ajuda de um Psicólogo, por exemplo, para cada uma delas, eh... porque estava em negação absoluta... não foi fácil, quer dizer, mas tinha o apoio de pessoas, professores, colegas...

Verificamos, no excerto acima transcrito, o reflexo da falta de apoio individualizado ao longo da sua vida escolar, desde a fase de infância até à fase adulta, que, e como já foi mencionado, terá dificultado o seu percurso académico.

Contudo, é fundamental referir que Henrique frequentou sempre estabelecimentos de ensino regular, o que consideramos ter sido uma mais-valia para si, por ser uma forma de promover a sua integração na comunidade. O participante pôde, assim, lidar com pessoas diferentes e trabalhar algumas das suas habilidades pessoais, sobretudo ao nível da comunicação, que constitui, neste caso, uma das áreas essenciais a desenvolver. De algum

modo, este facto terá, também, facultado a continuidade dos seus estudos, enveredando por um caminho “comum”, sem se deixar dissuadir pelas dificuldades que sentia.

### Meio Profissional

Henrique iniciou a sua actividade profissional com 24 anos, referindo que “(...) fez mais de dez anos que (...)” começou a trabalhar. A sua primeira actividade profissional foi na UNICEF, por três meses na altura do Natal, e surgiu quando ainda frequentava o ensino superior:

(...) em termos de trabalho, comecei antes, mas de uma forma limitada, porque eu sempre fiz parte das equipas da UNICEF que estão nas bancas na época do Natal. Pronto, e eu, no ano em que eu comecei a colaborar com a UNICEF, foi já desde 93, 1993 (...)

Consideramos vantajoso o facto de Henrique aceder ao mercado de trabalho, ainda que temporariamente, antes de finalizar o seu percurso académico. Terá, eventualmente, constituído uma preparação para o futuro e possibilitado a sua adaptação progressiva ao meio laboral, independentemente dos contextos profissionais que se seguiram.

Para além de permanecer ligado à UNICEF (sempre que surja uma oportunidade), o participante passou por outros locais de trabalho, nomeadamente a Expo 98, a MT Brandão Lda., a Galp, a Blockbuster, e as mesas de voto. As áreas em que trabalhou foram, igualmente, diversificadas: venda de material químico, preenchimento de bases de dados, preparação de cafés, colocação de bebidas e recepção de jornais:

(...) estive na EXPO 98, no Pavilhão da Realidade Virtual... oito meses; (...) trabalhei por seis meses para a MT Brandão Lda. Era vendedor de material químico; (...) foi um projecto-piloto para ir trabalhar para a Galp... foi para ir trabalhar para... uma estação de gasolina (...); (...) na Blockbuster, onde eu estive a fazer, criar a base de dados; (...) estive... nas mesas de voto (...)

Embora se mostre versátil nas suas funções, Henrique nunca trabalhou na sua área de formação académica, afirmando: “(...) nunca fiquei ou nunca me chamaram”. Esta citação revela alguma frustração, pelo que, após um percurso “regular” em comunidade, tentou

conquistar, igualmente, o mundo laboral e aceder às mesmas oportunidades que todos os outros, encontrando, neste caso, rejeição por parte dos empregadores. Uma vez mais, Henrique desconhecia os motivos que levavam a que se sentisse “diferente” e “em desvantagem”.

Anteriormente ao diagnóstico de Síndrome de Asperger, desempenhou trabalhos, maioritariamente, de curta duração, de um mês a um ano. Destacamos o trabalho na MT Brandão Lda., por seis meses, onde foi vendedor de material químico, no qual a sua chefe estabeleceu consigo uma relação de suporte, que consideramos positiva. Henrique era constantemente incentivado para que não desistisse e para conseguir ultrapassar qualquer dificuldade que surgisse: “(...) ela depois era excelente, porque ela telefonava-me mesmo para me motivar. Era mesmo muito boa, nesse aspecto”. Na Blockbuster, Henrique recebeu, igualmente, alguns elogios pelo seu desempenho. Evidencia-se, neste tópico, a compreensão por parte dos empregadores, que é essencial, neste caso, para Henrique, e o estímulo à concretização das tarefas, que possam, eventualmente, ser difíceis para si. O processo de integração nestes contextos laborais poderá ter sido, assim, facilitado.

Por outro lado, os obstáculos foram surgindo, passando por algumas contrariedades, nomeadamente o facto de ter experienciado o insucesso em entrevistas de emprego, como a tentativa de aceder aos serviços de Call-Center, nas quais sentiu dificuldade em perceber o mecanismo que ali se processava:

(...) chamam muita gente para uma sala, mas depois não dizem quase nada. Dizem que se vai para um sítio, mas depois não dão informações. Portanto, ali é para ver, é para saber quais são as pessoas que querem, que mais intervêm... nesse grupo, houve pessoas que realmente estavam incisivas. Ora, eu, não. Eu não percebi, não é, por exemplo, o que é que se estava ali a fazer... eu não fui escolhido (...)

Os momentos de ansiedade revelados nesta citação remetem para a sua falha ao nível das habilidades sociais, que, por sua vez, se reflectem em momentos como este (entrevistas de emprego), em que é necessário conhecer as regras sociais, compreender o modo como se interage em comunidade e saber como e quando agir. Henrique sentiu-se, por isso, “perdido” e incapaz de actuar de modo a alcançar o seu objectivo inicial de conseguir um emprego.

Outro dos insucessos ocorreu já no exercício das suas funções, neste caso, como Segurança, onde terá vivido a dificuldade em cumprir os requisitos impostos pela entidade

empregadora, sendo despedido, sem que, na altura, soubesse os motivos para que tal tivesse sucedido [(...) estive lá um mês... é preciso estar calado. O dia inteiro... com horários terríveis. Mas eu não conseguia (...)]”; “[...] saía e não sabia porquê... porque não sabia adaptar-me... como esse de segurança.”]. Henrique atribui a causa deste despedimento (e de outros por que passou) ao facto de não se adaptar à função e aos critérios exigidos, acreditando que pudessem haver outras razões que ele próprio desconhece. Nesta situação, Henrique faz uso inadequado das suas habilidades de comunicação, referindo que era “preciso estar calado” e que “não conseguia”, revelando dificuldade em agir de forma regulada e moldada ao contexto.

Viveu, igualmente, um período complicado, que se prolongou por cerca de dois anos, denominando-o de “anos difíceis”, durante o qual permaneceu desempregado, coincidindo com a altura em que foi diagnosticado com Síndrome de Asperger. Nos dois anos seguintes, apenas trabalhou, por um curto período de tempo, na UNICEF, dado que “[...] só ocupava os três últimos meses de cada ano”.

Acedeu, posteriormente, ao projecto-piloto na Galp, apoiado pelo CADIN, que se prolongou por dois anos: “[...] como foi um projecto-piloto, foi muito bem estruturado, foi muito bem preparado, e portanto nós tínhamos um papel com tudo escrito das nossas rotinas, tudo o que íamos fazer durante o dia”. A respeito deste assunto, Henrique refere: “[...] foi a minha primeira vez que eu trabalhei tanto tempo”. É evidente a sua necessidade de se inserir em sistemas organizados, que se adaptem às suas características pessoais, para que possa deixar transparecer o seu potencial. É, igualmente, notória a satisfação pessoal (e profissional) com que aborda este tema em particular, como se, finalmente, lhe tivessem concebido a oportunidade que tanto procurava e da qual não sabia ao certo se era merecedor. Este projecto, na Galp, terminou e Henrique prosseguiu a sua procura incessante de emprego.

Após esse período, Henrique teve acesso aos serviços da OED (Operação de Emprego para Pessoas com Deficiência), efectuando a respectiva inscrição e, por sua vez, inserindo-se num processo de treino de técnicas de acesso ao mercado de trabalho, como a elaboração do *curriculum vitae* e a aprendizagem da postura a ter numa entrevista de trabalho:

(...) aí logo quiseram que eu pusesse o meu currículo no modelo europeu, que é como ele está hoje. Portanto, depois disso... Chamam-me de tempos a tempos para lá ir, para, para rever entrevistas... com outras pessoas também, com algumas deficiências também ali... Mas depois fazem lá sessões de “brainstorming”, como se fosse uma entrevista... temos que imaginar que vamos candidatar ao emprego.

Esta aprendizagem foi fulcral para Henrique, já que lhe facultou os métodos necessários para conseguir um emprego, desenvolvendo as suas habilidades sociais e de organização, trabalhando formas de estar, actuar e de alcançar objectivos. Além disso, Henrique passou a criar expectativas face ao contexto de entrevista, conseguindo prever a realidade que o esperava.

A partir dessa altura, Henrique deslocou-se a duas entrevistas de emprego, propostas pelos serviços da OED, nas quais foi bem sucedido. Uma delas terá sido para exercer a função de tesoureiro [“(…) propôs-me para um emprego de tesoureiro numa empresa, liderado por uma senhora”], que, pelo facto de se ter criado empatia entre o participante e a entrevistadora, proporcionou-se uma oportunidade de trabalho na Blockbuster, numa área do seu interesse (organização de filmes):

(…) abri-me e mencionei que tinha uma colecção de filmes. Pronto, que eu nunca tinha feito isso com outras pessoas, mas aquilo, ali a empatia, que eu criei com aquela senhora foi muito grande... por eu ter falado em filmes, ela marcou-me para o dia seguinte ir a uma entrevista na Blockbuster, porque o marido dela é o administrador da Blockbuster... eu fui logo trabalhar. Foi assim... Um bocado, geralmente, fora do comum.

Este excerto revela que, de algum modo, Henrique terá desenvolvido aptidões que lhe permitissem expressar-se de forma mais “espontânea” e adequada, razão pela qual se sentiu confortável durante a entrevista, o que lhe possibilitou exercer uma função do seu agrado.

A segunda entrevista ocorreu com o propósito de desempenhar a função de ajudante de cozinha na empresa Sodehxo, no Hospital Curry Cabral:

(…) disse-me que eu ia lidar com pessoas muito diferentes, disse-me que eu de tempos a tempos, ia passar dois dias seguidos a... Ele também me fez rasteiras. Ah, mas eu depois fui-lhe respondendo. Depois ele também disse assim: “depois tem que fazer cargas e descargas”. Mas depois eu respondi-lhe: “mas eu já estou habituado a isso; então, por causa dos meus DVD’s, já não tinha espaço para aquilo, estava tudo em pilha, tive que estar a construir estantes com o meu irmão (...)

Denota-se, novamente uma evolução positiva, dado que Henrique mostrou-se, de alguma forma, confiante e soube colocar em prática a sua habilidade de auto-defesa, no sentido de conseguir mostrar que era perfeitamente adequado para aquela função.

Actualmente, é esta a actividade profissional de Henrique, sendo que mantém um contrato de trabalho há cerca de seis meses. Embora não exerça trabalhos na sua área de formação académica, verificam-se progressos ao nível profissional, que, em grande parte, se devem ao suporte fornecido por serviços como o CADIN e a OED, que o ajudaram a desenvolver as suas aptidões pessoais e a perceber melhor os mecanismos das entidades empregadoras.

### Interacção Social

Henrique faz referência a várias pessoas que fizeram e/ou fazem parte da sua vida. Um dos suportes mais marcantes (senão o mais marcante) para si é a família (mãe, pai e irmão), com quem sempre viveu e ainda vive. Para comprovar esse facto, relata as férias divertidas em que passeava de barco, durante a adolescência, com “(...) muita brincadeira... nesses encontros (...)”, com a família, nuclear e alargada, e alguns “(...) amigos, filhos de amigos (...)”, rumo ao Algarve ou a Cascais.

Descreve, igualmente, as alturas em que viajava com o pai, nomeadamente, para Espanha, as vezes que ficava ao cuidado da avó paterna e as épocas festivas passadas em família, em sua casa ou em casa de um tio, “(...) todos juntos, pai e mãe. Ainda avós”. Acrescenta, ainda, a amizade que sente pela mãe, mencionando: “é a minha melhor amiga”. Aliás, Henrique recebe da mãe um suporte diário, que ele reconhece como sendo de extremo valor.

Henrique tem o apoio incondicional da família, mantendo com cada elemento uma relação distinta, mas essencial na sua vida. Os avós, sobretudo a avó paterna, desempenharam, igualmente, um papel importante, pela afinidade que criou com eles. Terá crescido numa estrutura familiar, aparentemente, afectuosa e organizada, rodeado de pessoas que se dedicaram a si e que contribuíram e apostaram na sua educação, e isso reflecte-se na sua forma de ser e de agir, enquanto ser individual e comunitário.

Relativamente ao meio escolar, interagiu com vários colegas do Colégio dos Maristas, referindo que desenvolveu “(...) umas boas ligações”. Refere tratar-se de “um colégio em que as crianças, os professores e até os seus directores, havia assim uma grande interligação, em que era mais como uma comunidade, em que os alunos eram protegidos”. Além de que tinha o apoio de um padre (segundo ele, muito amigo), com quem conversava inúmeras vezes.

Toda esta descrição revela a sua primeira experiência escolar, num ambiente de ensino acolhedor, por um longo período de tempo, no qual teve a possibilidade de se sentir próximo das pessoas com quem convivia. Este facto terá, em parte, ocorrido por se tratar de um estabelecimento de ensino privado e, de certo modo, “familiar”, criando maior convívio entre todos os elementos que o constituíam (alunos, professores e outros funcionários). Neste espaço, Henrique terá experienciado formas de interacção social, que, num contexto mais disperso, teria sido mais difícil.

Ao passar para o liceu, que descreve como sendo um “(...) ambiente muito mais vasto,... com muito mais pessoas... muito diferentes (...)”, Henrique revela sentir-se menos protegido. No entanto, consideramos que o contacto com diversas pessoas, como ele próprio afirma, numa fase da sua vida em que já era adolescente, poderá ter sido benéfico, no sentido de lhe dar a conhecer novas realidades num novo contexto, permitindo-lhe trabalhar a sua habilidade de adaptação e melhorar o seu conhecimento ao nível geral.

Contudo, e embora tenha convivido e estabelecido, de algum modo, ligações inter-pessoais, o participante salienta o facto de ter sentido dificuldade em criar e/ou manter amizades, sendo que, nesta fase, ainda anterior ao diagnóstico de Síndrome de Asperger, desconhecia a razão para que tal sucedesse:

Há também uma fase negativa da minha vida, ao longo deste período, que é... amigos com quem eu convivia... fora destes, da escola, fui perdendo os amigos, por não saber conservar amigos, mas sem saber porque é que isso acontecia. [pausa] Há pessoas que hoje, pronto, deixei de as ver simplesmente, que nos afastámos, por eu não saber, portanto, criar amizades, manter amizades, que é um defeito que eu tenho, mas que eu não sabia, quer dizer, não sabia nada. Quer dizer, sei hoje, porque já li muito sobre Asperger.

Neste excerto, Henrique reconhece o facto de não conseguir criar e manter laços de amizade como um “defeito” que faz parte de si, referindo que só o compreendeu quando soube que tinha a síndrome. Esta dificuldade devia-se (e deve-se) a vários factores ligados às habilidades sociais, alguns deles mencionados pelo próprio participante, como a dificuldade em expor a sua vida ao telefone (o que dificulta o contacto à distância) e em expressar-se de forma espontânea.

Pelo que sabemos, a primeira vez que desenvolveu uma amizade “sólida” terá sido na faculdade. Criou amizade por dois companheiros de turma, denominando este grupo de amigos de “o trio”, que se manteve ao longo dos anos em que estudaram juntos e terminou

assim que enveredarem por caminhos distintos. Esta amizade, e a forma como Henrique se refere a ela (com enorme entusiasmo e contentamento), reflectem a concretização do desejo de ter amigos, que se dissipou pela dificuldade em mantê-la.

Além desta amizade, Henrique faz referência aos encontros entre amigos e respectivas namoradas, descrevendo, sobretudo, os passeios até à praia. No entanto, ao referir-se à ruptura da(s) relação(ões) amorosa(s) que terá experienciado, prefere não abordar o assunto: “Não é um assunto em que eu esteja muito à vontade para falar... Não desejo entrar muito por aí...”.

Relativamente ao relacionamento com pessoas do sexo oposto, Henrique menciona que é difícil para si criar proximidade no sentido de construir uma relação amorosa que perdure e que possa vir a evoluir para uma fase de construção de uma família, dado que a comunicação com as mulheres foi e ainda é, para si, um obstáculo: “(...) não tenho capacidade para me dirigir às mulheres... não tenho... não expresso... sentimentos... tenho boas relações, mas pronto, fico por aí”. Uma vez mais, a carência de habilidades de interacção social a evidenciar-se, desta vez, no que respeita à forma de lidar e de construir relações amorosas, que é, igualmente, um desejo de Henrique, mas que não coloca em prática, pelo facto de não possuir as bases necessárias à sua concretização. Além disso, a(s) experiência(s) que terá vivido poderá(ão) ter provocado em si sentimentos de frustração e de inadaptação, que o inibem de tentar novamente.

Contudo, refere que, actualmente, consegue prolongar as amizades que cria nos postos de trabalho (ex. UNICEF e Blockbuster), o que constitui, claramente, um factor representativo de evolução na sua capacidade de interacção social: “(...) uma coisa engraçada: como não consigo manter amigos que, desde aquela altura, quando era mais jovem, mas agora consigo manter amigos dos sítios onde trabalho”. Henrique surpreende-se consigo mesmo e expressa satisfação pessoal ao abordar este assunto, pelo que denotamos uma enorme vontade em deixar de ser “diferente” e passar a ser “como os outros”.

Existe, claramente, um esforço da sua parte em criar laços afectivos, também pela participação em encontros pontuais com o irmão e os respectivos colegas de trabalho, pelas visitas que faz na época do Natal às várias empresas onde trabalhou, pelos almoços que organizava dentro do local de trabalho, na Blockbuster, e pela sua presença em dois encontros recentes de antigos alunos do colégio.

As actividades de lazer, que reflectem alguns dos seus interesses, são, igualmente, formas de convívio, neste caso com elementos da família, como a ida às provas de vinho, acompanhado por uma prima, ao teatro, com os pais e o irmão, e às feiras de arte, com a mãe.

## Aptidões Pessoais

### *Habilidades*

Henrique relata, ao longo das entrevistas (anexo D), determinados acontecimentos que podem ser entendidos como planeamento de acções, a curto e a longo prazo.

Uma dessas situações é a fase em que frequentou algumas cadeiras do 12º ano, com o intuito de não se “(...) desactualizar com as matérias”, com fim a candidatar-se à Universidade, no ano seguinte. Também a candidatura ao ensino superior e o posterior ingresso na faculdade, assim como a intenção em estar, futuramente, a trabalhar novamente nas mesas de voto, poderão ser entendidos como planeamento de objectivos. Aliás, sempre que procurou emprego, que se candidatou a alguma função em especial, que organizou algum acontecimento ou participou em algum evento por iniciativa própria, esteve implícito um planeamento prévio de finalidades a cumprir a curto prazo.

Por outro lado, a intenção de “(...) criar uma loja de vinhos” e de continuar a trabalhar, sem se afastar do irmão e contando com a ajuda monetária do pai, parece-nos claramente parte de uma lista de objectivos a cumprir a longo prazo. Agregamos a este rol o objectivo de assumir, no futuro, o papel da mãe, no que respeita à gestão da casa e o objectivo (que se entende mais como um desejo, na sua opinião, difícil de alcançar) de vir a construir família.

Contudo, ao perguntarmos (a título de exemplo) se planeou completar o curso superior, afirma que se tratou de um “prolongamento de estudos” e que não se considera uma pessoa que se guie, propriamente, por objectivos. Acrescenta que este facto se deve à Síndrome de Asperger, por constituir um obstáculo nesse sentido: “Não planeio... também é uma... das facetas do Asperger... que não nos faz, que não nos dá origem a pensamentos nesses termos, não nos dá vontades de ter objectivos, não nos dá... nunca faço planos (...)”.

Embora Henrique assuma que não planeia as suas acções, consideramos que haja, não uma “incapacidade” de planeamento de objectivos, mas sim uma falha no que refere à organização prévia, pensada e ponderada no sentido de alcançar um determinado propósito.

Queremos assim dizer que, embora actue com fim a obter algo e, quando questionado, revele desejo de concretização, Henrique não reflecte, no seu dia-a-dia, sobre planos concretos ou, se o faz, fá-lo de forma involuntária.

Por outro lado, detectámos alguns excertos que revelam tomada de decisão por parte do participante, nomeadamente ao nível académico, como a escolha da área de ciências na escola secundária, a inscrição no curso superior de Química Tecnológica, a mudança de curso e de faculdade e a escolha dos horários no decorrer do curso superior.

Ao nível profissional, decide efectuar um pedido de transferência num dos locais de trabalho (EXPO 98), por se sentir incomodado com o fumo do tabaco, e aceitar cumprir as regras no actual emprego, após repreensão por parte da direcção, afirmando: “(...) vou acatar e fazer o que eles querem”.

Ao nível pessoal, afirma ser “muito selecto”, pelo que decide com quem se relaciona. Além disso, decide passar “pelas empresas a desejar um Feliz Natal” e organizar “almoços dentro do próprio escritório” de trabalho (Blockbuster).

Henrique acrescenta que faz as suas escolhas e que toma decisões sozinho, embora considere guiar-se “por um processo de vida muito simples”, no qual não se sente obrigado a tomar decisões com frequência: “(...) tomo decisões sozinho... mas... as decisões para mim não são... elementares... eu... guio-me por um processo de vida muito simples... que não preciso de muitas vezes tomar decisões”. O participante desvaloriza um pouco as suas acções, desta vez, a respeito das decisões que toma, quando, sabemos que, à partida, efectua escolhas e, em vários momentos, decide como e quando agir. Verifica-se, assim, uma certa resignação a uma vida cingida à satisfação das necessidades mais básicas, sem assumir um grau significativo ou elevado de responsabilidade.

Por outro lado, revela algumas acções próprias de um comportamento auto-regulado, pela descrição de alguns episódios que implicam estabelecimento de estratégias (como tomar nota das matérias durante as aulas e pedir ajuda à mãe nas tarefas), organização, gestão do tempo e estabelecimento de compromissos, reflectindo-se na sua vida académica e profissional. Além disso, estabelece prioridades, nomeadamente no que concerne ao trabalho na UNICEF [“(...) sempre que eu tenho essa disponibilidade para, eu entro, a trabalhar”] e procura ser pontual no emprego [“(...) tento chegar sempre a horas... e quase sempre estou”].

Demonstra aptidão para ultrapassar eventuais barreiras, dado que verificámos alguns depoimentos que revelam, pelo menos, duas formas, encontradas por si, de solucionar dois

problemas distintos. O primeiro ocorre, e como já foi mencionado, durante o desempenho das suas funções na EXPO 98, ao pedir transferência de grupo de trabalho. O segundo surge no seu actual emprego, ao ser repreendido pelo seu mau desempenho, decidindo cumprir as regras estipuladas, afirmando: “Teve de ser... porque... podia ir para a rua (...)”. Henrique soluciona dois problemas, neste caso, em seu benefício, o primeiro para obter satisfação pessoal no trabalho e o segundo com fim a manter o seu emprego. De algum modo, verificamos, igualmente, um plano de acções, com objectivos específicos.

O participante manifesta, também, algumas habilidades que fazem parte de todo um processo de auto-defesa. Primeiramente, a auto-aceitação, quando afirma: “(...) tenho dificuldades... no entanto, eu já aceitei”, e a noção das suas necessidades, ao referir que “(...) tinha rotina... que é uma coisa... importante para quem tem o Asperger”, podendo gerir estas questões de forma benéfica para si. Além de que, esta consciência de si promove, igualmente, o auto-conhecimento, parte crucial do processo de auto-defesa.

Por outro lado, reconhece o que mais se adequa ao seu perfil e o seu método principal de aprendizagem (utilizando a sua memória fotográfica), além de revelar capacidade de ultrapassar obstáculos e alcançar o sucesso académico, como anteriormente verificámos. Aliás, a respeito da frequência do ensino superior, afirma: “Conseguir equilibrar tudo isso... não foi fácil”. Ele próprio reconhece o seu esforço e apercebe-se de que foi bem sucedido.

Henrique demonstra, igualmente, habilidade para recorrer a determinados tipos de apoio social, nomeadamente na procura de emprego, respondendo a anúncios no jornal e na *internet*, e inscrevendo-se no Centro de Emprego e na OED. Em acréscimo, formula, actualmente, respostas vantajosas para si em entrevistas de emprego (ex. entrevista para o actual local de trabalho) e revela aptidão para requerer os seus direitos, nomeadamente no Hospital onde trabalha, recorrendo ao director para esclarecimento de uma questão referente ao cumprimento das suas funções. Neste último ponto, será importante referir que Henrique viveu uma situação de discriminação, por parte de uma funcionária, que o levou a agir em seu favor. Note-se que estas aptidões terão sido trabalhadas ao longo dos anos, já que verificamos uma evolução positiva ao nível das habilidades pessoais.

Relativamente à área da comunicação, Henrique apresenta um desenvolvimento correcto da fala e habilidade para conversar face a face, embora raramente faça uso da gesticulação. Afirma ter dificuldade em comunicar por via telefónica, quando se trata de partilhar a sua vida, e admite ter dificuldade na escrita, embora utilize o correio electrónico,

contando com a ajuda da mãe. Refere que não se interessa por programas de comunicação via *internet*, como os *chats online*.

Ao nível da comunicação verbal, o seu discurso é coerente, no seu todo, embora com falhas ao nível gramatical e de exposição e organização do conteúdo oral (ex. “(...) isso são características de quem tem, porque não se consegue tirar”; “(...) eu meto lá as batatas, mas a máquina, depois a água, que vai ao mesmo tempo (...)”; “(...) eu compreendo algumas formas que eu tenho dificuldades”). Notam-se, assim, pequenas falhas ao longo do seu relato pessoal.

Ao nível para-linguístico, o seu tom de voz é, geralmente, monocórdico, com alguma hesitação (ex. “Eh... porque também”; “E... passei por isso”; “(...) com... uma uniformidade”). A velocidade da fala é regular, embora com algumas alterações.

Ao nível da comunicação não verbal, o sujeito revela pouca expressão facial, contacto visual com algumas irregularidades e distância inter-pessoal, na maioria das vezes, adequada. Embora, à partida, estas particularidades possam passar despercebidas, transparecem gradualmente ao longo do contacto pessoal e revelam falhas ao nível da interacção social.

Henrique declara algumas acções próprias de um comportamento autónomo, como as tarefas domésticas, envolvendo-se “(...) a ajudar a mãe nas refeições, (...) a fazer a cama dela... a aspirar (...)” e na ida às compras, as tarefas administrativas, como as “(...) idas à farmácia (...)” e os “(...) pagamentos de contas (...)”, e as tarefas de cuidado familiar, como a gestão dos medicamentos do pai. Acrescenta que concretiza determinadas acções, como o acto de fazer compras, com vontade e satisfação: “(...) vou, estou sempre disposto a isso, até me sinto bem a fazer isso”. Revela, neste caso, ser o agente causal das suas acções, concretizando e agindo de modo coerente com a sua vontade própria.

Desfruta de variados hobbies, referindo que gosta de “(...) ver provas de ciclismo (...)” e futebol, tem “(...) uma colecção de filmes (...)” e “(...) de garrafas de cristal (...)”, adora “(...) fazer palavras cruzadas (...)”, ler e tirar fotografias.

Como actividades de lazer, visita, pontualmente, feiras, provas de vinho e vai ao teatro. Ocasionalmente, participa em encontros com os colegas do irmão, ex-colegas de escola e ex-colegas de trabalho. Em acréscimo, refere o seu contentamento ao concretizar algumas destas actividades, nomeadamente uma das idas a uma prova de vinho e a uma feira, o que indica um esforço em alcançar a satisfação pessoal.

Ao possuir, presentemente, um contrato de trabalho, refere que a vida profissional activa o faz sentir-se independente: “Os empregos também têm outra vertente... os empregos geram o bem-estar profissional e uma segurança”. O participante reconhece a importância de ter uma actividade profissional, como forma de promover o seu envolvimento na comunidade e, consequentemente, a sua autonomia.

No entanto, Henrique faz referência à fase em que esteve desempregado (total de 2000 a 2002 e parcial até 2004), durante a qual manteve uma dependência maior dos pais, afirmando que “(...) não conseguia arranjar emprego”. Além disso, o facto de residir com os pais e o irmão, fá-lo pensar que não detém o total controlo da sua vida, considerando-se protegido pela família.

Verificamos, deste modo, que, se por um lado Henrique se sente responsável por si e pelos seus actos e, por isso, independente em diversos contextos da sua vida, existe um outro lado de si, dependente da família, condição à qual se sujeita e não imagina que venha a alterar-se, a não ser pela lei natural da vida.

### *Atitudes*

Relativamente às suas atitudes, Henrique não demonstra sinais evidentes de *locus* de controlo interno, embora refira que conseguiu ultrapassar dificuldades no decorrer do seu percurso académico, atribuindo parte desse sucesso à sua capacidade de memória fotográfica. A respeito do mesmo assunto, Henrique revela *locus* de controlo externo, ao indicar causas exteriores, nomeadamente a sorte e o apoio de colegas e professores, como reforço das suas próprias acções. Existe, da sua parte, dificuldade em pensar em si próprio como o responsável pelo seu sucesso pessoal, embora, como já foi mencionado, haja um reconhecimento do seu empenho.

Por outro lado, deparamo-nos com uma vasta lista de depoimentos que revelam uma noção realista das suas características pessoais. Henrique afirma ter algumas características negativas, como o egoísmo, a resistência à mudança, o facto de ser “(...) um pouco mais lento que os outros, a aprender (...)” e a dificuldade em manter amizades e em expressar-se emocionalmente, afirmando: “(...) não tenho capacidade para me dirigir às mulheres”. Acrescenta que “(...) era uma pessoa... muito introvertida”, que “não era um aluno brilhante” e que não consegue expor a sua vida ao telefone. Refere, ainda, que, quando está em grupo, tem

dificuldade em travar o seu discurso, o que considera ser indelicado para os restantes elementos.

Por outro lado, considera-se e mostra-se bastante optimista, afirmando: “Sou uma pessoa positiva”; “Os percursos como o meu... aos poucos vão melhorando”. Refere ser paciente, calmo, tolerante, sereno, altruísta, com “interesses muito vincados” e “memória fotográfica”. Considera que tem vindo a desenvolver alguma capacidade de assertividade, referindo: “(...) hoje sou diferente, já aprendi muito... hoje respondo... mas... de uma forma ordeira”; “...hoje sou capaz de ripostar com... à vontade”. Afirma que os obstáculos não o demovem e que não entra em depressão em momentos difíceis, como as fases em que está desempregado: “Eu não entro em depressão..., porque ... viro-me... para aqueles meus interesses”. Além disso, considera que transmite, eventualmente, “uma imagem de segurança” e “de honestidade”, e que lida bastante bem com os seus chefes nos postos de trabalho.

A noção de todo este rol de atributos e atitudes que o caracterizam revela, claramente, auto-conhecimento e consciência (à partida) realista da sua condição pessoal, o que beneficiaria o seu nível de auto-confiança. Contudo, Henrique afirma: “Não me sinto assim tão confiante... acredito em mim... mas (...) eu sinto muito mais a paciência e (...) outros atributos”. Embora definamos a auto-confiança como sendo a crença em si próprio, o participante parece diferenciar estas duas versões. De qualquer forma, consideramos que Henrique não terá desenvolvido ainda a auto-confiança necessária para se sentir plenamente seguro de si, enquanto ser determinante e totalmente responsável pelas suas acções, nomeadamente pelo seu sucesso pessoal, académico e profissional.

Por outro lado, realçamos alguns acontecimentos na vida de Henrique que terão contribuído para desenvolver o seu grau de auto-estima, como o facto de ingressar no ensino superior e de concluir uma licenciatura, e de ter vindo a desenvolver a sua capacidade de trabalho, ao longo dos anos, tendo “(...) empregos mais estáveis e mais prolongados”. O desenvolvimento de certas habilidades, como a sensibilidade pela arte, a assertividade, o auto-controlo [“(...) aprendi a controlar mais um pouco essa fúria”], a confiança (“Tenho uma grande facilidade..., hoje em dia, de ir a uma entrevista”) e o relacionamento interpessoal [“(...) agora consigo manter amigos dos sítios onde trabalho”], promoveram, igualmente, a sua auto-estima. Estas aptidões foram desenvolvidas, sobretudo, por meio da leitura, da fotografia, da procura de emprego e da interacção social, em diversos ambientes. Denota-se alguma vontade, por parte de Henrique, em querer evoluir e melhorar as suas capacidades, o que consideramos benéfico para o seu desenvolvimento pessoal.

Alguns acontecimentos revelados pelo participante demonstram capacidade de determinação. Um deles é o facto de ter concluído um curso superior, o que implica um certo grau de esforço, que, por sua vez, requer determinação. Outra forma de determinação estará, eventualmente, presente na frase “(...) convenço a minha mãe a vir comigo”, quando Henrique manifesta interesse em realizar algo, neste caso uma ida a uma feira. Outra das formas relaciona-se com a gestão do dinheiro, nomeadamente com o empenho em efectuar algumas poupanças: “(...) tenho que fazer poupança... e faço”.

Henrique reconhece alguns momentos em que outras pessoas o valorizam, nomeadamente no meio académico (“O professor adorava-me”) e profissional [“(...) estavam-me sempre a dar os parabéns pelo que eu fazia lá”; “A senhora gostou muito de mim”; “Ele gostou imenso de mim. E continua a gostar imenso de mim”; “Eles (...) tinham confiança em mim”).

O participante tem noção das vezes que é elogiado e também da imagem que transmite aos outros. Consideramos estes incentivos fundamentais na sua vida, pelo que promovem a sua auto-confiança, auto-estima e *empowerment* psicológico, sendo, de certo, um estímulo positivo, seja no meio pessoal, escolar ou laboral.

### *Conhecimento*

O participante revela conhecimento de várias alternativas disponíveis em contexto social, nomeadamente, de âmbito laboral, como as áreas profissionais e os locais de trabalho [“(...) eu é que faço as minhas escolhas,... quando procuro empregos”; “Eu fiz comunicação com... empresas, que eu achava que eram as melhores para mim”]. Conhece, também, as formas principais de procura de trabalho, como os jornais e a *internet*, além dos serviços que fornecem apoio à procura de emprego, como a OED e o Centro de Emprego [(...) estava sempre a responder a anúncios, pelos jornais; Inscrevia-me no Centro de Emprego; (...) inscrevi-me na OED; (...) o “expressoemprego” tem um esboço de carta, que já está definido, que eu é que defini... é só utilizar]. Consideramos que estes processos são recursos sociais fundamentais na vida do participante, pois, embora enfrente dificuldades, é a partir deles que tem conseguido algumas oportunidades.

Verifica-se o conhecimento de outras opções, como os programas de informática que poderiam servir de auxílio à criação de uma loja de vinhos e uma das formas utilizadas para requerer direitos no trabalho [“(...) eu podia apelar lá aos valores,... à sede”].

Além destes recursos, Henrique descreve amigos e conhecidos, antigos, como os professores e colegas de escola e de faculdade, amigos e ex-chefes, e recentes, nomeadamente alguns conhecidos e amigos com quem, pontualmente, se encontra. Reconhece, também, o apoio familiar de que tem vindo a beneficiar, que constitui um suporte social essencial para si, ao qual sabe que pode recorrer em qualquer altura da sua vida.

Demonstra, também, conhecimento acerca de actividades sociais de lazer, nomeadamente feiras nacionais e internacionais, teatro e provas de vinho.

Apresenta conhecimento acerca de alguns dos seus direitos como cidadão, entre eles, o direito a votar, o direito a efectuar reclamações num local público, o direito a ser bem servido e o direito a ser respeitado. Acrescenta que uma pessoa, ao trabalhar numa mesa de voto, pode optar por não trabalhar no dia seguinte. Refere, ainda, que é um direito dos cidadãos poder candidatar-se a um emprego, independentemente da sua idade, afirmando: “(...) não se pode impor limite nas idades das pessoas, por lei é proibido”.

Ao longo das entrevistas (anexo D), Henrique demonstra ter noção de si, no que respeita às suas acções e comportamentos, possuindo uma visão consciente de que, embora tenha Síndrome de Asperger, isso não o limita, pelo contrário, fá-lo progredir ao nível pessoal, familiar e profissional:

(...) eu aceitei... estes anos também, de crescer,... de começar a ter estes empregos, que eu estou a sentir-me melhor, em que eu estou mais tempo nos empregos, em que há... maior equilíbrio... com a casa...  
Põe o Asperger para trás das costas.

Existe um sentimento de maior harmonia consigo próprio, após anos de crescimento, como ele mesmo refere, mostrando que o essencial será valorizar-se a si e aos que o rodeiam, manter uma actividade profissional e desenvolver as suas aptidões, sobretudo a capacidade de autonomia.

Henrique afirma possuir uma conta bancária pessoal: “(...) eu tenho o dinheiro no banco, numa conta... Está em meu nome, apenas... Muitas vezes eu nem mexo no dinheiro”. Gere o seu dinheiro consoante as suas necessidades, afirmando:

(...) por vezes vou comprar vinho. Mas também... depois... se eu não tenho dinheiro... também me consigo... retrair e não comprar. Por mais que tenha vontade de o fazer. Pronto... eu tenho que me habituar também que eu tenho que fazer poupança... e faço”.

Este excerto revela um esforço da sua parte em cumprir o objectivo de efectuar poupanças, mostrando-se mais confiante com a perspectiva de manter o seu contrato de trabalho e de vir a acumular algum dinheiro ou, pelo menos, de poder vir a pensar um pouco na sua vida futura. Este facto poderá despoletar em si alguma vontade em traçar planos e estabelecer objectivos a curto e a longo prazo.

O participante apresenta ter conhecimentos acerca de algumas temáticas. Por um lado, um conhecimento declarativo, no que refere às técnicas utilizadas em fotografia, às regras a seguir numa entrevista de emprego, ao processo de funcionamento da máquina de pelar batatas, que utiliza no seu local de trabalho, e ao conceito de assertividade. Por outro, um conhecimento processual, quando coloca em prática o conhecimento declarativo, ou seja, decide como e quando actuar, relativamente à prática da fotografia, das regras de entrevista, da preparação de refeições no emprego actual e da evolução pessoal, experienciando a habilidade de assertividade:

(...) adoro... tirar fotografias; (...) quando estão a tirar fotografias... até digo o que devem fazer; Tenho uma grande facilidade..., hoje em dia, de ir a uma entrevista; (...) eu já tive várias positivas; (...) eu estou a descascar batatas; Eu hoje respondo,... mas... de uma forma ordeira.

Todas estas formas de conhecimento são úteis a Henrique, no sentido de o ajudar a mover-se nos vários ambientes que o envolvem e dos quais faz parte. A sua participação na comunidade depende, de certo modo, da informação que possui acerca das alternativas e oportunidades que a sociedade lhe disponibiliza. Deste modo, verificamos que reúne um leque de conhecimento significativo, que lhe possibilita efectuar escolhas, em seu benefício e de acordo com os seus propósitos.

## Controlo Pessoal

Henrique manifesta desejo de ter um certo controlo sobre a sua vida, no que concerne à actividade profissional, como a vontade em manter o seu emprego actual e o desejo de criar, no futuro, uma loja de vinhos: “(...) era algo que eu gostaria... criar uma loja de vinhos”.

Contrariamente, verificamos, em outros excertos, a falta de persistência em procurar empregos adequados às suas habilitações e preferências [“(...) posso estar em qualquer um”], e, por sua vez, um certo conformismo no que respeita à vida profissional (“Depois de estar inscrito na OED, eu até acabo um emprego e fico à espera que eles me proponham outro”) e até algum receio em perder o apoio da OED (“Eu penso que a OED vai continuar a existir, mas não sei...”).

Verificamos, assim, que Henrique oscila entre uma vontade patente em ganhar *empowerment* sobre si e os seus actos e uma acomodação ao que a vida lhe proporciona. Contudo, é de salientar que a sua inscrição na OED e a sua dedicação e empenho em permanecer ligado a estes serviços, são da sua iniciativa e, por isso, são fruto de uma escolha pessoal.

Por outro lado, Henrique apresenta capacidade de controlar a sua vida por meio de algumas acções realizadas, como a frequência académica, uma vida profissional activa e a procura de emprego:

(...) eu é que faço as minhas escolhas,... quando procuro empregos; Eu fiz comunicação com... empresas, que eu achava que eram as melhores para mim; (...) estava sempre a responder a anúncios, pelos jornais; Inscrevia-me no Centro de Emprego; (...) inscrevi-me na OED.

Este excerto transmite, claramente, o domínio que tem sobre as suas acções, optando pelo que considera ser mais vantajoso para si, em cada momento da sua vida.

Outra forma de *empowerment* é a administração de tarefas domésticas (aspirar, apoiar na confecção de refeições, fazer a cama, fazer compras) e de lazer (hobbies e outras actividades de interesse pessoal), assim como a gestão monetária pessoal, que implicam vontade e iniciativa própria.

Verificamos que o participante refere que não sentiu a importância de concluir a licenciatura, considerando-se influenciado por comentários exteriores acerca da utilidade dos estudos:

(...) ouvia sempre as conversas do que é que era importante para a vida, era importante tirar o curso porque depois podia abrir portas para, para os empregos; Era uma coisa mais exterior, mas que eu fui interiorizando.

Salientamos que esta influência exterior, proveniente da família, acerca do prolongamento dos estudos, será perfeitamente adequada, pelos benefícios que isso acarreta para si.

Do mesmo modo, não considera (significativamente) importante o tipo de emprego onde se insere, afirmando, como já mencionámos, que pode desempenhar qualquer função em qualquer posto de trabalho. Denotamos, assim, uma certa desistência em termos profissionais, não em manter uma vida laboral, mas em insistir nas suas áreas de maior interesse (algo tão importante para a sua realização pessoal e profissional).

Contudo, considera a criação de uma loja de vinhos algo importante na sua vida, pelo facto de poder passar a ser mais responsável por si em termos profissionais, mostrando uma visão positiva, de esperança e de confiança, acerca do assunto: “(...) não havia de ser difícil”.

No fundo, Henrique manifesta vontade em colocar em prática a sua capacidade de autonomia e controlo sobre a sua vida profissional. No entanto, parece-nos que duvida da possibilidade de poder vir a exercer funções realmente do seu interesse, que será, de certo, a consequência das suas tentativas infrutíferas nesse sentido e das barreiras que a própria sociedade lhe impõe.

### Ambiente

Henrique refere a influência que sofreu nos vários meios próximos a si. Começamos pelo microsistema central, a família. O núcleo familiar é extremamente importante para Henrique, “(...) é o ponto de equilíbrio, é a segurança, (...) são os valores (...) é o comer, é o dormir”.

Considera que sofreu influência significativa por parte do pai, afirmando que existe uma ligação muito forte entre eles, havendo “(...) uma ligação, que não se percebe”. Refere que, devido a esta relação que se estabeleceu, aprendeu a desenvolver o seu grau de paciência: “(...) o meu grau de paciência cresceu muito... a partir dos 15/16 anos... foi a relação com o meu pai”. Henrique considera que, pelo facto do pai o ter proibido de entrar nas provas de rãguebi, na fase adolescente, se tornou uma pessoa mais tolerante.

Aprendeu, também com o pai, a lidar com a desonestidade, afirmando: “(...) ele fala da vida passada..., isso... dá azo a aprender”. Da mesma forma, desenvolveu os seus hábitos alimentares: “(...) estou sempre a comer peixe... aprendi com o meu pai”.

Além disso, segundo Henrique, o pai terá igualmente Síndrome de Asperger, embora não diagnosticado, o que, de algum modo (embora difiram em algumas características) os une. De qualquer forma, é notória a influência que o pai tem na sua vida, pelo contacto, a partilha de conhecimento e os ensinamentos que daí advêm.

Por outro lado, Henrique refere-se à mãe como sendo uma das pessoas mais importantes da sua vida, que o apoia e por quem sente uma enorme afeição: “É a minha melhor amiga. Eh... é de quem eu dependo e... eh... além de ser mãe, não é, e de fazer tudo por nós... eu tenho a minha mãe... num pedestal... uma grande admiração”.

A mãe representa, para si, um enorme suporte, mantendo com ela uma relação de inter-ajuda. Dela recebe apoio em questões ligadas à sua actividade profissional, como a candidatura a empregos e a inscrição em serviços comunitários, além de receber os seus concelhos no dia-a-dia, relativamente às vicissitudes que enfrenta.

O irmão gémeo, também com Síndrome de Asperger, é para si um companheiro inseparável, de quem não tenciona afastar-se, dizendo: “(...) temos este laço tão forte..., que não podemos estar separados”. Consideramos que esta ligação afectiva entre os dois torna-se mais consistente pelo facto de serem gémeos e de ambos terem a mesma perturbação. As suas histórias cruzam-se em vários pontos da narrativa, como o facto de brincarem juntos durante a infância, de frequentarem as mesmas escolas, de partilharem os mesmos interesses, de serem diagnosticados com Síndrome de Asperger em simultâneo e de terem desempenhado funções semelhantes no projecto-piloto (onde o irmão permanece até hoje). De alguma forma, esta união contribuiu para que não se sentisse “em desvantagem” sozinho.

A família exerceu, igualmente, influência no que refere aos estudos, dado que foi no meio familiar que Henrique assimilou a importância de concluir uma licenciatura, para que,

posteriormente, conseguisse ingressar no mercado de trabalho. Estas bases foram essenciais para si, visto promoverem a aquisição de conhecimento, capacidade de organização, trabalho em equipa, entre outros, elementos fundamentais para se ser auto-determinado.

A escola é outro dos microsistemas. No colégio, considera que as ligações “são mais fortes” e experienciou um ambiente protegido, em que “(...) os alunos tinham muita protecção, dos professores, de um padre (...)”. No liceu, conheceu uma realidade diferente, com mais pessoas e menos protecção por parte de professores, colegas e outros funcionários, referindo que “(...) serviu para cimentar conhecimentos... serviu para abrir os olhos um pouco”.

Estes dois meios educativos diferem entre si, mas ambos promoveram, de algum modo, a sua capacidade de interacção, sobretudo pelo facto de constituírem bases de ensino regular. Embora Henrique não tenha usufruído de apoio personalizado que atendesse às suas necessidades de aprendizagem e de relacionamento inter-pessoal, esteve inserido em espaços que lhe facultaram o convívio e a partilha com pessoas diferentes de si, aumentando a probabilidade de se sentir socialmente integrado.

Na primeira faculdade em que ingressou, recorda, com agrado, as aulas de matemática. Na segunda, ganhou a amizade dos dois colegas, inclusive um deles contribuiu para que se tornasse menos introvertido: “(...) com a sua diversão,... a sua brincadeira,... alterou-me... fiquei um pouco menos tímido”. Segundo Henrique, a convivência com este amigo provocou, especialmente, em si uma mudança positiva, alimentando a sua habilidade de expressão, de partilha e de interacção, tornando-o uma pessoa mais extrovertida e dada ao relacionamento inter-pessoal.

Um outro colega, fotógrafo, terá contribuído para que despertasse em si o interesse pela arte, ao vender-lhe uma máquina fotográfica: “(...) um colega, que... era fotógrafo, vendeu-me a máquina... E... contagiou-me”; “(...) isso realçou o gosto por arte”. Esta influência foi, igualmente, positiva, pelo facto de incrementar o seu conhecimento e estimular a sua sensibilidade à fotografia e à arte em geral, já que suscitou em si alguma curiosidade. Daí advieram as idas às feiras, ao teatro e o interesse especial, que se tornou mesmo um hobby, pela fotografia.

Henrique encara o período em que frequentou o ensino superior como “uma boa preparação” para o futuro. Refere-se às apresentações de trabalhos, à execução de relatórios semanais e às tarefas que desempenhou em grupo, com os seus dois colegas de eleição, que

chegou a liderar. Terá, realmente, promovido a sua auto-determinação, ao nível das aptidões pessoais, como o conhecimento de várias temáticas, a capacidade de auto-regulação, de concretização de objectivos e de escolha, assim como de autonomia e auto-confiança. O próprio participante faz referência à evolução pessoal que experienciou, sendo que, actualmente, se sente, de um modo geral, mais confiante nos vários ambientes em que actua.

No meio profissional, experienciou “a segurança e bem-estar profissional”, desenvolveu conhecimentos de informática e conviveu com inúmeras pessoas, criando “óptimas relações” e estimulando as suas habilidades de âmbito social: “(...) o convívio com pessoas diferentes... fez-me sentir muito mais à vontade com as pessoas”. Além disso, sentiu agrado em desempenhar algumas funções, nomeadamente na UNICEF, na Galp e na Blockbuster. Desenvolveu, assim, o seu conhecimento, a sua autonomia, a sua capacidade de interacção e sentiu satisfação profissional.

Henrique sente que desde que tem o apoio do CADIN e da OED, isto é, serviços especializados em apoiar pessoas com determinadas limitações, “(...) as coisas estão a correr melhor (...)” no âmbito profissional, proporcionando-lhe mais oportunidades de emprego. Além disso, o diagnóstico de Síndrome de Asperger possibilitou-lhe compreender a sua forma de ser e todas as dificuldades que daí advinham, permitindo-lhe aperceber-se do que “(...) tinha errado para trás”. Além de ter promovido o seu auto-conhecimento, permitiu que se conseguisse enquadrar num sistema de apoio, como é o caso da OED, e que daí tirasse partido, com fim a aceder, mais facilmente, ao mercado de trabalho.

Do mesmo modo que sofreu influência em vários sentidos, Henrique deu e dá, igualmente, o seu contributo. Na família, entende que contribui com a sua boa-disposição e harmonia, dado que se considera uma pessoa pacífica. Além disso, participa em inúmeras tarefas domésticas, apoiando a família relativamente às necessidades que possam surgir.

No meio académico, contribuiu com a sua capacidade de organização, no grupo de trabalho em que se inseriu, liderando, por vezes, as tarefas: “A minha influência foi... de organização... eu era que liderava o grupo, às vezes não era eu”. Já nos meios profissionais, refere que terá contribuído com o seu trabalho, salientando que é sempre recordado por todos, pelas visitas que faz no Natal a cada empresa onde trabalhou.

Segundo Henrique, estes são os seus contributos à comunidade, mais próxima ou mais distante, que encaramos como sendo, em parte, o resultado de um esforço em ultrapassar as barreiras diárias com que se deparou e depara, sobretudo no meio académico e profissional.

Além da sua participação em ambientes próximos a si, os depoimentos (anexo D) revelam ter havido interacção entre a família e os parentes mais distantes, como os avós, os tios e os primos, com quem se reunia, sobretudo, em encontros festivos, havendo “muita brincadeira”, “(...) todos a brincar uns com os outros”. Esta ligação terá sido benéfica para Henrique, já que pôde usufruir de maior contacto com os restantes elementos da família, proporcionando-lhe momentos de convívio e, por sua vez, alargar a sua capacidade de interacção com os outros.

Houve, também, alguma ligação entre a família e o meio educacional, sendo que era a mãe que levava os processos de entrada nas escolas: “A minha mãe sempre nos levou... com ela... para entrar nas coisas... no liceu... a minha mãe levou o nosso processo para lá”. O pai não tinha disponibilidade, dado que “(...) trabalhava muito”. Embora não saibamos ao certo que tipo de interacção existiu entre a família e os contextos escolares, sabemos que Henrique sempre recebeu imenso apoio, especialmente, por parte da mãe, o que nos leva a crer que terá havido o cuidado em, de algum modo, fazer a articulação casa/escola.

É por iniciativa da mãe que Henrique é visto por uma médica, sendo depois encaminhado para o CADIN: “(...) conhecemos o CADIN... porque a minha mãe fez-me fazer uns testes... com uma médica; (...) essa médica... pediu que nós fôssemos ser consultados por um neurologista (...)”. A mãe terá mostrado alguma preocupação para com os filhos, considerando que havia algo de “diferente”, sobretudo ao nível da aprendizagem. Evidenciamos o facto de que, e dada a idade do participante, Henrique viveu a sua infância e adolescência numa altura em que o estudo das perturbações do espectro do autismo (sobretudo a Síndrome de Asperger) era, de algum modo, recente ou menos divulgado.

Deste modo, é no CADIN que se realiza o diagnóstico de Síndrome de Asperger. A partir daí, Henrique é acompanhado, o que entretanto lhe proporcionou a oportunidade de participar no projecto-piloto da Galp. Este trabalho significou, para si, um “passo em frente” na sua vida profissional, pela sua duração (dois anos) e por ter beneficiado de uma estrutura organizada e adequada a si.

Mais tarde, e por meio da interacção entre a família e “(...) uma senhora amiga na Segurança Social (...)”, Henrique teve conhecimento da OED, numa altura difícil da sua vida, em que estava desempregado. Uma vez mais, recebe a companhia da mãe no acto da inscrição, iniciando todo um processo de aprendizagem de técnicas de acesso ao mercado de trabalho. Actualmente, continua a usufruir destes serviços, que, segundo o seu relato, são

preciosos na sua vida, transmitindo-lhe a segurança e a esperança de que, mesmo em fases difíceis, as oportunidades de emprego irão surgir.

Em acréscimo, Henrique recebe a ajuda da mãe no que concerne à candidatura a alguns empregos: “Às vezes peço ajuda à minha mãe”. Considera-se, por isso, que existe alguma ligação entre a família e o acesso ao mundo profissional do participante, pelo menos a respeito dos processos de procura.

Na área do lazer, a família exerce, igualmente, alguma influência na vida de Henrique. O pai proporcionou-lhe algumas viagens, durante as quais Henrique passou a conhecer diversos sítios e restaurantes [“(…) conhecemos restaurantes... à custa disso”]. Aliás, na fase da sua adolescência, a família fazia inúmeras viagens de barco, o que promoveu o conhecimento a vários níveis (novos contextos e experiências), além da união familiar, que daí adveio, e o contacto com outras pessoas.

Pontualmente, a mãe acompanha o filho nas idas às feiras de arte nacionais e internacionais, sugerindo outras companhias, nomeadamente a de uma prima [“(…) a minha mãe... como sabia que eu ia, disse “oh, Henrique, telefona à prima, que ela deve querer ir contigo”]. O irmão reúne-se, ocasionalmente, em jantares com alguns colegas de trabalho, dos quais Henrique, habitualmente, faz parte. A família costuma ir ao teatro, nomeadamente “(…) quando há uns números de revista no Parque Mayer”.

Na opinião de Henrique, o facto de ter vivido seis meses em Itália (por motivos de trabalho por parte do pai), na sua infância, não teve uma influência significativa na sua vida, dado que “(…) era muito pequeno (...)”.

Segundo os seus depoimentos, o pai “(…) viajava muito, o ano inteiro, em negócios” e, por vezes, a mãe acompanhava-o, deixando Henrique e o irmão ao cuidado da avó paterna. Este facto permitiu que se desenvolvesse uma enorme amizade entre os dois, afirmando que foi “(…) uma maravilha estar com ela”. Consideramos que esta proximidade terá sido vantajosa para si, pelo que os vínculos familiares saudáveis são sempre uma mais-valia, por promoverem a auto-estima, a auto-confiança e, conseqüentemente, a auto-determinação.

Ainda relativo ao exossistema, considera que o estado actual do país, que afirma caracterizar-se por uma grande taxa de desemprego, não o afecta, dado que vive “(…) protegido, com a família (...)”, embora mencione que, um dia, essa condição se irá alterar. O facto de contar com os serviços da OED é também um motivo para que se sinta mais

confiante face às contrariedades de entrada no mercado de trabalho (quer seja, neste caso, pela crise vivida a nível nacional, quer pela falta de apoios às pessoas em desvantagem).

Henrique insere-se num “mundo”, do qual fazem parte inúmeros elementos que caracterizam cada espaço em que se insere. Por um lado, a família, aparentemente de classe média, comportando valores específicos de uma cultura portuguesa, que passou por uma ditadura política e experienciou depois as vicissitudes de uma democracia. Aliás, Henrique faz referência ao estado do país no decorrer da sua infância, nomeadamente a revolução do 25 de Abril e toda a agitação política que se vivia na altura: “(...) aquelas tentativas todas dos comunistas a quererem o poder”. Estudar não era fácil na altura e talvez isso tenha contribuído para que os pais de Henrique lhe transmitissem a importância dos estudos: “(...) eu já ouvia... as conversas do que é que era importante para a vida... tirar o curso”.

Frequentou meios escolares diversos, nos quais o sistema organizacional diferia entre o público e o privado: o primeiro, culturalmente, mais diversificado; o segundo mais restrito. De qualquer modo, terá beneficiado em contactar com diferentes contextos educativos, pela diversidade de experiências, nos quais adquiriu as bases de preparação para a vida adulta.

Beneficia, actualmente, de um progresso, embora recente, na sociedade em que se insere, no que concerne à desinstitucionalização das pessoas com perturbações mentais e à criação de suportes comunitários:

(...) a OED tem-me estado a dar muito apoio, desde então, porque arranjou-me um emprego, eh..., na Blockbuster, onde eu estive a fazer, criar a base de dados (...); (...) de seguida, arranjou-me agora este emprego onde eu estou agora, que é no Hospital Curry Cabral.

Serviços como a OED podem proporcionar às pessoas em desvantagem melhor e mais fácil integração no mercado de trabalho, facto que, neste caso, se verificou, por todas os benefícios que trouxe à sua vida.

## DISCUSSÃO

De acordo com os resultados e a sua análise, consideramos que Henrique tem tido um percurso de vida que revela integração e participação social a vários níveis, desde a sua infância, até à fase adulta.

Sendo a educação um dos pilares da integração comunitária (Anderson, 2005; Carling, 1995), consideramos que ao nível escolar, o trajecto de Henrique é de plena inserção no ensino regular (do básico ao superior). Segundo Cannuli (2001) e Algozzine et al. (2001; cit. por Faber, 2006), este facto pode ter sido um aspecto muito benéfico para si, pelo que terá promovido a sua auto-determinação, repercutindo-se ao longo do seu percurso académico e profissional. Além disso, um trajecto de inclusão educativa proporciona o contacto com realidades distintas, o que, por si só, é fundamental para a integração social (Ornelas, 2007; Taylor et. al., 1987, cit. por Ornelas, 2007).

Verificamos, igualmente, que Henrique frequentou, primeiramente, um meio escolar mais individualizado, o que poderá ter promovido o desenvolvimento de algumas habilidades, como o poder de escolha (Stancliffe, 2001). Além disso, o participante evidencia o facto de ter sido bem preparado nesse primeiro estabelecimento de ensino, facto ao qual se refere como sendo a causa de não ter sentido dificuldade em transitar de uma escola para outra. Henrique poderá ter frequentado um programa educativo que terá promovido habilidades de auto-determinação e, por sua vez, facilitado o processo de adaptação a um novo contexto escolar (Fabian, Lent & Willis, 1998; cit. por Stoddart, 2005). Apesar disso, durante o período escolar, experienciou dificuldades ao nível da aprendizagem, facto que, na altura, não terá sido entendido como suficiente para ser acompanhado por uma equipa especializada.

Durante a frequência do ensino superior, o participante desenvolveu papéis de liderança, nomeadamente nos grupos de trabalho em que participou, o que, segundo Stoddart (2005) constitui um factor benéfico e contributivo para o sucesso a longo prazo. Contudo, experienciou, igualmente, períodos críticos, pela dificuldade sentida em cumprir os objectivos académicos estabelecidos, contando com o apoio de colegas, professores e, inclusive, de um psicólogo. Este facto poderá estar associado ao grau de exigência vivido no ensino superior, que implica, inevitavelmente, níveis de auto-defesa (maior autonomia) e de organização elevados. Recorde-se que, nesta fase, Henrique refere que era uma pessoa mais introvertida e

sem conhecimento das causas das suas dificuldades (o diagnóstico de Síndrome de Asperger ainda não tinha ocorrido). Consideramos que não terá desenvolvido, previamente, habilidades de estudo suficientes para lidar com os requisitos impostos no ensino superior (Meyer et al., 2003; Faber, 2006).

Ao longo dos últimos anos, Henrique tem procurado manter uma vida profissional activa, outro dos aspectos cruciais para a integração social (Anderson, 2005; Carling, 1995).

Primeiramente, e segundo Stoddart (2005), o facto de ter iniciado a sua vida profissional (embora com um emprego temporário) antes de concluir a vida académica, terá facilitado o processo de integração no mercado laboral.

Em cada local de trabalho, Henrique tem desempenhado diversas funções. Contudo, nenhuma corresponde à sua área de formação académica, apesar das várias tentativas nesse sentido. Além disso, são trabalhos considerados “precários”, nos quais as suas habilidades não são, devidamente, aproveitadas. Segundo Kurtz (2008), é esta a condição habitual de muitos indivíduos com Síndrome de Asperger. Aliás, como Meyer et al. (2003) referem, estas pessoas deparam-se com inúmeros obstáculos ao nível profissional. No caso de Henrique, o interesse pela área de Química Tecnológica é evidente, mas, ainda assim, insuficiente para ser bem sucedido em termos profissionais, no sentido de trabalhar na sua área de eleição e, eventualmente, ascender na carreira. Além disso, embora manifeste interesse pela criação futura de uma loja de vinhos, Henrique revela não ter em mente a ideia de “emprego ideal”. Segundo os mesmos autores, para que tal aconteça, é necessário obter o suporte de serviços que ajudem a desenvolver essas habilidades desde cedo.

Por outro lado, Henrique sentiu satisfação no desempenho de algumas funções, nomeadamente na Blockbuster, na UNICEF e na MT Brandão Lda., locais onde era valorizado pelos seus empregadores, recebendo elogios e incentivos, o que denota compreensão por parte da chefia, algo fundamental para atingir o êxito profissional (Stoddart, 2005).

Contudo, experienciou também o insucesso, tanto em algumas entrevistas de emprego, como no desempenho de algumas funções. Experiências como estas ocorreram, eventualmente, pelo facto de, na altura, possuir um baixo nível de auto-conhecimento, desconhecendo as suas habilidades, a razão das suas dificuldades e as suas necessidades específicas.

Recentemente, Henrique beneficiou de um projecto devidamente estruturado (projecto-piloto na Galp, apoiado pelo CADIN), o que terá sido extremamente vantajoso, pelo facto de haver um ajustamento das tarefas às suas necessidades, uma forma de captar todo o seu potencial (Kurtz, 2008), o que lhe proporcionou um grau de satisfação elevado no exercício das suas funções e, conseqüentemente, maior produtividade e motivação pessoal. Tal como Stoddart (2005) refere, os contextos profissionais que ofereçam treino específico promovem o êxito.

Actualmente, usufrui de apoio comunitário, por meio da OED, que lhe confere as bases necessárias à obtenção de um emprego, lhe facilita o acesso a entrevistas de trabalho, nas quais é bem sucedido, e, por sua vez, promove o seu envolvimento no meio profissional. Tal como Becker e Drake (1994) afirmam, este tipo de serviços tem uma enorme utilidade, já que fomenta a integração social de pessoas em desvantagem.

Henrique possui, actualmente, um contrato de trabalho, o que lhe proporciona maior estabilidade profissional e financeira, maior autonomia e maior participação comunitária.

Será importante referir que o facto de ter percorrido uma vida académica, de certa forma, extensa, e ter vindo a acumular experiência profissional, terá contribuído, com base na perspectiva de Buese (2009), tanto para promover a assimilação de estímulos ambientais, como para desenvolver a sua capacidade de concentração e de aprendizagem.

A interacção social é outro dos elementos da integração comunitária (Anderson, 2005; Carling, 1995). O suporte da família e dos amigos, ao longo de toda a sua vida, destaca-se pela positiva. Por um lado, a amizade da avó (na infância), os encontros em família (na adolescência), a ligação com a mãe, a companhia do pai e o forte vínculo com o irmão gémeo. Por outro, os amigos da escola e da faculdade, a(s) relação(ões) amorosa(s) e as amizades no emprego.

Existe um desejo evidente de estabelecer e manter amizades. É importante realçar o facto de que os conceitos de “amizade” ou de “amigo” podem ter uma conotação um pouco diferente para Henrique (comparativamente à definição comum), nomeadamente no que concerne à consistência, importância e duração dos relacionamentos. No entanto, sabemos que o sujeito desenvolveu amizade com algumas pessoas, durante um período significativo, e um exemplo disso são os dois companheiros de faculdade com quem criou um vínculo afectivo. Contudo, essa ligação desfez-se, assim como outras que foi criando ao longo da vida, pela dificuldade em manter relacionamentos inter-pessoais. Trata-se, segundo Meyer et

al. (2003), Hoffman e Field (1999) e Buckley (2007), de uma falha ao nível da interacção social. Por outro lado, e embora tenha existido algum tipo de relação amorosa no passado, Henrique confessa ter dificuldade em relacionar-se com o sexo oposto, no sentido de construir relacionamentos amorosos ou conjugais. Estes factores vêm reforçar a perspectiva de Whitehouse et al. (2008), quando dizem que a qualidade dos relacionamentos criados por estas pessoas é, muitas vezes, débil (sobretudo na fase adolescente).

Esta situação é suportada por Meyer et al. (2003), ao referirem a importância de apoios e treino específico no sentido de ajudar a desenvolver habilidades sociais, ou seja, interacção e partilha. No entanto, como é mencionado por Buese (2009), a evolução do nível de maturidade e o acumular de experiências alteram, naturalmente, estas condições. No caso de Henrique, a situação progrediu, pelo menos no sentido da auto-compreensão dos vários acontecimentos, quando lhe foi diagnosticada a Síndrome de Asperger, o que lhe proporcionou um melhor entendimento da sua forma de ser e de estar na vida, fomentando o seu auto-conhecimento, um dos elementos da auto-determinação. Henrique pôde, por isso, encarar as suas dificuldades e procurar formas de as ultrapassar, como é referido por Hoffman (2003), ao indicar a importância de lidarmos com as nossas limitações, no sentido de nos conhecermos e sabermos o que é melhor para nós. Aliás, houve mesmo um progresso ao nível do relacionamento inter-pessoal, dado que o participante sente, actualmente, menos dificuldade em manter amizades.

Henrique viveu e vive uma partilha de experiências contínua, com várias pessoas “diferentes” de si. Como referem Carling (1995) e Putnam (2000; cit. por Jackson, n.d.), este é um factor importante para se viver em comunidade. Aliás, é necessário ao ajustamento comunitário e à total integração social (Ornelas, 2007), “abrindo portas” ao “mundo” e, conseqüentemente, promovendo a aprendizagem constante (Taylor *et al.*, 1987; cit. por Ornelas, 2007) e melhorando a qualidade de vida (Carling, 1995; Putnam, 2000; cit. por Jackson, n.d.).

Consideramos que Henrique possui algumas características típicas de um comportamento auto-determinado. Ao nível das habilidades, manifesta, antes de mais, alguns sinais de comportamento auto-regulado (Agran, 1997; cit. por Wehemeyer, 1999). Este evidencia-se pela capacidade de estabelecer objectivos, tomar decisões, resolver problemas, auto-administrar estratégias, organizar, gerir o tempo e estabelecer prioridades.

No entanto, verifica-se que o participante parece não atribuir aos seus propósitos a importância devida, no sentido de reconhecer que o processo de concretização das suas tarefas passa pelo planeamento de acções e/ou objectivos a curto e a longo prazo. Henrique afirma não planear as suas acções ou guiar-se por objectivos, o que pode revelar uma lacuna ao nível do funcionamento activo, nomeadamente no que concerne ao planeamento de tarefas, podendo dificultar-lhe, de algum modo, a sua capacidade de auto-determinação (Meyer et al., 2003; Hoffman & Field, 1999; Buckley, 2007).

Henrique possui elementos característicos do processo de auto-defesa (noção das suas dificuldades e necessidades, auto-aceitação, procura de recursos e requerimento de direitos) e revela algumas habilidades sociais, nomeadamente no acto de comunicar em conversa presencial. No entanto, possui dificuldade na escrita e no contacto à distância, relativamente à partilha de experiências. Esta questão é referida por Meyer et al. (2003), Hoffman e Field (1999) e Buckley (2007), quando afirmam que os indivíduos com Síndrome de Asperger não compartilham facilmente os seus interesses, de forma natural e espontânea. À semelhança de outras pessoas com Síndrome de Asperger, como é mencionado pelos mesmos autores, Henrique não revela atraso na linguagem, mas existem falhas ao nível da comunicação (expressão, contacto visual, tom de voz, etc.).

Henrique desempenha diversas tarefas, nomeadamente domésticas, administrativas, sociais e de lazer, que representam, claramente, um comportamento autónomo (Wehemeyer, 1999; Feinstein, Damond & Reis, 1988, cit. por Wehemeyer, 1999; Sigafos, 1988, cit. por Wehemeyer, 1999). Este facto acentua-se, quando Henrique revela vontade e satisfação na sua concretização, o que indica motivação intrínseca (Eisenmann, 2001, cit. por Cho, 2009; Ryan e Deci, 2000, cit. por Cho, 2009) e, consequentemente, total consentimento pessoal. Este aspecto constitui, segundo Wehemeyer (1999), um factor indicativo de comportamento auto-determinado. Henrique revela ser, neste caso, o agente causal primário da sua vida (Wehmeyer, 1999), determinando, pelo menos, algumas das suas acções. Procura, por meio da concretização destas actividades, satisfação e realização pessoal, além de possuir um desejo intrínseco de concretizar desafios, como é o caso da criação de uma loja de vinhos.

Contrariamente, a sua autonomia é colocada em causa pelo facto de se sentir, de certa forma, dependente dos pais, condição que se agrava quando está desempregado. Meyer et al. (2003) esclarecem esta matéria, ao referirem que muitos indivíduos com Síndrome de Asperger se encontram nesta situação.

Ao nível das atitudes, Henrique revela sinais de auto-estima e de auto-confiança, embora consideremos que estas aptidões necessitem de ser, particularmente, desenvolvidas. Revela, igualmente, determinação e sentimento de valorização pelos outros. O facto de escolher lidar com as suas dificuldades e procurar ultrapassá-las (neste caso, por meio da aprendizagem e da partilha de experiências), terá engrandecido o seu nível de auto-conhecimento e de crença nas suas capacidades, essenciais para a auto-determinação (Hoffman, 2003). Aliás, Stoddart (2005) é da opinião de que sempre que há um reconhecimento das características pessoais (aptidões, interesses e limitações), existe maior probabilidade de se ser bem sucedido em qualquer actividade.

Contudo, o seu *locus* de controlo tende a ser externo, o que, na opinião de Zimmerman (1990; cit. por Wehemeyer, 1999), reduz o seu grau de *empowerment* psicológico. Aliás, esta condição é comum às pessoas com Síndrome de Asperger, tal como afirmam Field et al. (1998; cit. por Clark et al., 2004).

Henrique manifesta conhecimento em várias áreas, nomeadamente a respeito de alguns direitos como cidadão, dos suportes sociais e das opções disponíveis, de âmbito académico, profissional, social e familiar. Revela auto-consciência, no sentido de saber avaliar o percurso vivido até agora, e algum conhecimento declarativo e processual, no sentido de saber como e quando agir. Além disso, gere as suas finanças pessoais conforme as suas necessidades pessoais. Tudo isto contribui para desenvolver a sua habilidade de auto-determinação e de envolvimento na comunidade.

O participante manifesta algum controlo pessoal, no que concerne ao desejo, concretização e importância dos seus actos. Contudo, é evidente a influência externa relativamente ao grau de importância de determinados assuntos, nomeadamente a respeito da vida académica. Trata-se de um tipo de influência, aparentemente, positivo, pelo facto de constituir um incentivo aos estudos, por parte dos pais. Esta questão é sustentada por Angyal (1941; cit. por Wehmeyer, 1999) e Wehmeyer (1998; cit. por Cho, 2009). Por outro lado, e apesar de aceder a vários recursos, Henrique revela uma atitude algo passiva relativamente à sua vida profissional, no sentido de se “conformar” com qualquer oportunidade de emprego que, eventualmente, surja. Esta condição pode dever-se à dificuldade e frustração que terá experienciado ao tentar aceder a cargos nos quais pudesse colocar em prática as suas habilitações académicas. Aliás, este facto estará relacionado com o reduzido número de oportunidades de emprego que realmente existe para estas pessoas, pela discriminação social

que ainda se vive nos dias de hoje, nomeadamente por parte dos empregadores (Fortini & FitzPatrick, 2000; Repper & Perkins, 2003).

Como referem Wehmeyer e Bolding (1999), os indivíduos são influenciados pelos contextos onde se inserem e a vida de Henrique não é excepção, sendo, por isso, moldada por influências externas, ou seja, ambientais. Este tem vindo a sofrer uma evolução contínua, que se deve, em grande parte, aos meios nos quais vive, aprende, adquire conhecimento, acumula experiências e desenvolve as suas habilidades.

Por um lado, a família nuclear, que foi e é o grande suporte na sua vida. Possibilitou a ligação com outros elementos da família, envolveu-se em questões escolares (sobretudo a mãe), proporcionou e proporciona um envolvimento na comunidade local (transportes, restaurantes, associações) e envolve-se em actividades culturais e de lazer. Além disso, exerceu e exerce influência positiva na vida académica e profissional de Henrique. Consideramos tratar-se de uma família que, por incutir determinados valores, como a importância da educação, contribuiu para que Henrique fosse mais autónomo e detentor das suas escolhas. Este é, segundo Turnbull e Turnbull (1996; cit. por Wehmeyer & Field, 2007), um grande marco na vida do participante, dado que a família exerce uma função essencial como promotora da auto-determinação nos restantes elementos.

Por outro, os colegas e os amigos, oriundos dos meios escolares e profissionais constituem um suporte social muito importante para Henrique. Embora saibamos que possui dificuldades em criar e/ou manter amizades, sabemos que deseja ter amigos e preservá-los. É notória a evolução que tem experienciado no que concerne à forma como interage e ao relacionamento inter-pessoal. Considera-se uma evolução positiva, que se deveu ao treino de 39 anos de vida, reflectido na sua vida familiar, escolar, profissional e de lazer, e, em grande parte, aos meios “generalizados” onde actuou e actua e às oportunidades que lhe têm sido atribuídas nos últimos anos, nomeadamente de âmbito profissional.

Os serviços como o CADIN e a OED proporcionam a Henrique oportunidades de trabalho, representando para si recursos preciosos, que ele receia perder. Este aspecto é crucial na vida de Henrique, dado que os profissionais destes programas apoiam-no no sentido de lhe facultar o acesso a empregos que se adaptem ao seu carácter individual, proporcionando-lhe o treino necessário para aceder ao mundo laboral e para desempenhar com sucesso as suas funções (tema suportado por Wehmeyer et al., 2004; cit. por Parker et al.,

2007). Estes apoios são fundamentais também para facilitar a transição de um local de trabalho para outro (Fabian, Lent & Willis, 1998; cit. por Stoddart, 2005).

Os factores acima mencionados constituem suportes comunitários, que promoveram e promovem, sem dúvida, a sua auto-determinação, além da interdependência, produtividade, satisfação e integração comunitária (Wehmeyer & Bolding, 1999). Os meios que o envolvem e nos quais actua fazem parte de uma cultura marcada pela luta pela integração social de pessoas em desvantagem, ainda com um longo caminho a percorrer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação levou-nos a considerar que o participante revela um conjunto de características e condições favoráveis à sua auto-determinação, como a integração nos meios escolares de ensino regular e profissionais, diversas aptidões pessoais e algum controlo sobre a sua vida. No entanto, existem algumas lacunas, maioritariamente no que concerne às habilidades sociais, como a capacidade de comunicar, de interagir e de criar e manter relacionamentos. Por outro lado, verificam-se períodos de dificuldade de aprendizagem, dificuldade na transição para um ensino académico mais exigente e dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, pela falta de treino específico, no sentido de melhorar as habilidades individuais, com fim a atingir o sucesso (escolar e profissional).

É, assim, evidente a utilidade dos serviços de apoio comunitário, nomeadamente nas áreas da educação e do emprego, acessíveis às pessoas com Síndrome de Asperger. A primeira, pela carência de suportes que promovam o desenvolvimento de habilidades de auto-determinação, desde a infância, facilitando a interacção entre as instituições escolares e a família. A segunda, pela necessidade de facultar o acesso ao mercado de trabalho, por meio do ensinamento de técnicas e aperfeiçoamento de aptidões indispensáveis ao êxito no campo profissional. Aliás, no caso de Henrique, apercebemo-nos da importância que os serviços de apoio comunitário podem ter na vida de uma pessoa que enfrenta barreiras diariamente.

É, por isso, fundamental apoiar e promover o envolvimento destas pessoas no planeamento do seu futuro (a todos os níveis), para que possam ganhar *empowerment* sobre as suas vidas. A sociedade deve desenvolver suportes comunitários (serviços, programas e

actividades) para indivíduos em desvantagem, atendendo às necessidades específicas de cada um. Deve, ainda, proporcionar o acesso independente a esses recursos, como forma de promover a auto-determinação e o *empowerment*, e, conseqüentemente, a integração comunitária destas pessoas.

Deste modo, pretende-se criar algum impacto a respeito de questões práticas como o emprego apoiado, no sentido de promover, cada vez mais, a prestação de serviços que fomentem a integração destes indivíduos em contexto laboral “comum”, de forma continuada. Isto implica que se criem oportunidades para que estas pessoas possam escolher actividades do seu interesse, para que tenham apoio e planos individualizados e para que possam ter formação específica de acordo com as áreas, tornando-se competitivos no mundo do trabalho. Da mesma forma, pretende-se promover iniciativas por parte dos programas de educação apoiada, no sentido de facultar o acesso aos meios académicos, do básico ao superior, criando suportes essenciais à concretização das tarefas escolares, consoante as necessidades específicas de cada um, de modo a proporcionar a estas pessoas o envolvimento no ensino regular.

A metodologia utilizada nesta investigação permitiu que nos centrássemos nas experiências antigas e recentes da vida do participante, de forma detalhada, pelo modo como se processa o método de entrevista. Possibilitou-nos, assim, aceder às diferentes fases da sua vida, às mudanças e transições, aos diversos contextos, aos estados de humor, às rotinas diárias e aos estilos de vida. Permitiu, igualmente, que, por meio da história pessoal contada pelo indivíduo, conseguíssemos conhecer a comunidade que o envolve e analisar, assim, as suas experiências em contexto social (Wengraf, 2009).

Contudo, pela sua subjectividade, a narrativa construída neste estudo mostrou-nos uma realidade percebida unicamente pelo sujeito – suas expectativas, sucessos, fracassos e desejos, e não o acesso “real” ao modo como actua e gere a sua vida. Conhecemos apenas a sua história, única na sua totalidade, e captámos a sua realidade (ou realidades) unicamente pelo que nos foi relatado. No entanto, este método levou-nos a “olhar um pouco a comunidade” pela perspectiva pessoal do sujeito, o que nos ajudou a perceber melhor as necessidades de uma pessoa socialmente em desvantagem, precisamente um dos objectivos do nosso estudo. Por uma perspectiva individual, obtivemos uma perspectiva social.

Seria pertinente prolongarmos a investigação no tempo e estudarmos a evolução de Henrique nos próximos anos. No futuro, poderíamos reunir e comparar diversas narrativas de

vários indivíduos com Síndrome de Asperger e, deste modo, aumentar a consistência do nosso estudo e delinear estratégias de intervenção comunitária. Aliás, propõe-se que novos estudos se efectuem, nesta temática e com base numa visão ecológica, pela importância que isso acarreta, tanto para os indivíduos portadores de Síndrome de Asperger, que poderão ser compreendidos pela sociedade e ganhar poder sobre as suas vidas, como para a comunidade em si, que mostrará esforços no sentido de promover mais e melhor qualidade de vida a estas pessoas e de desempenhar a sua função de acolher cada um de nós, independentemente das características individuais.

Espera-se, com esta investigação, difundir a ideia de que é necessário apoiar e criar condições para que as pessoas com Síndrome de Asperger possam reunir habilidades de auto-determinação e sejam elas os agentes causais das suas vidas, usufruindo de todos os benefícios, enquanto cidadãos, de participar numa comunidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ackerman, B. (2006). *Learning self-determination: Lessons from the literature for work with children and youth with emotional and behavioral disabilities*. Lynchburg: Liberty University.

Agran, M. et. al. (2005). Using self-monitoring to increase following-direction skills of students with moderate to severe disabilities in general education. In *Educational and Training in Developmental Disabilities*. Vol.40, No.1, pp.3-13.

Anderson, B. (2005). *Social exclusion and mental health: the relevance of new labour policies and rhetoric to mental health policy in victoria*. Melbourne: University of Melbourne.

Anthony, W. A. (1993). Recovery from mental illness: the guiding vision of the mental health service system in the 1990's. In *Psychosocial Rehabilitation Journal*, Vol.16, No.4, pp.11-23.

Barnard, J., Prior, A. & Potter, D. (2000). Inclusion and autism: is it working? In *Inclusion & Autism*. London: The National Autistic Society.

Becker, R. E. & Drake, R. E. (1994). Individual placement and support: a community mental health center approach to vocational rehabilitation. In *Community Mental Health Journal*, Vol.30, No.2.

Buckley, M. (2007). *In search of a common language: an inquiry about online text based communication in the autistic community*.

Buese, B. (2009). Many voices – one community... but with ways to go. Vol.1, issue 2, Article 14. Johnson Country Community College.

Cannuli, M. (2001). *Social outcomes of inclusion on adolescent male students with asperger's syndrome*. Rowan University.

Carling, P. J. (1995). *Returning to community: building support systems for people with psychiatric disabilities*. New York: The Guildford Press.

Cho, J. (2009). A Validation Study of the Korean Version of the Minnesota Self-Determination Scales (K-MSDS) for Adults with Intellectual Disabilities. University of Minnesota.

Clark, E. et al. (2004). Striving for autonomy in a contingency – governed world: Another challenge for individuals with development disabilities. In *Psychology in the Schools*. Vol.1, No.41, pp.143-153.

Comunidades Europeias (2007). *Inclusão das pessoas com deficiência: estratégia comunitária sobre a igualdade de oportunidades*. Comissão Europeia: Serviço das Publicações.

Copeland, M. E. (2003). Self-determination in mental health recovery: taking back our lives. In *National Self-determination & Psychiatric Disability Conference Papers*. UIC NRTC

Crouse, S. L. (1996). *Uncovering the mysteries of your learning disability*. In *LD Self-advocacy Manual*. Consultado em 17 de Julho de 2009, através de <http://www.ldpride.net/selfadvocacy.htm>.

Deegan, P. E. (1988). Recovery: the lived experience of rehabilitation. In *Psychosocial Rehabilitation Journal*, Vol.11, No.4, pp.11-19.

Duarte, T. (2007). Recovery da doença mental: uma visão para os sistemas e serviços de saúde mental. In *Análise Psicológica*, 1 (XXV): pp.127-133.

Elkins, J., Kraayenoord, E., Jobling, A. (2003). Parents' attitudes to inclusion of their children with special needs. In *Journal of Research in Special Educational Needs*, Vol.3, No.2. Australia: University of Queensland.

Evans, J. & Repper, J. (2000). Employment, social inclusion and mental health. In *Journal of Psychiatric & Mental Health Nursing*. Vol.7, No.1, pp.15-24. Blackwell Publishing.

Faber, A. B. (2006). A narrative inquiry into perceptions of the developmental of self-determination by community college students with learning disabilities. University of Maryland, College Park.

Field, S. (2005). *Self-determination: What is it? Why is it beneficial? How is it best thought?* Michigan: Michigan Department of Education.

Fortini, M. E. & FitzPatrick, M. (2000). The universal design for promoting self-determination. In R. A. Vila & J. S. Thousand (Eds.) *Restructuring for Caring and Effective Education: Piecing the Puzzle Together*. Paul H. Brookes.

Getzel, E. E. (1997). Transition planning for students with significant disabilities: Implications for student-centered planning. In *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities*, Vol.12, No.1.

Guth, C. (2008). *Faith communities that include people with Asperger syndrome*. Adnet: Anabaptist Disabilities Network.

Hoffman, A. (2003). *Teaching decision making students with learning disabilities by promoting self-determination*. ERIC EC Digest.

Hoffman, A. & Field, S. (1999). The importance of family involvement for promoting self-determination in adolescents with autism and other developmental disabilities. In *Focus on Autism and Developmental Disabilities*, Vol.14, No.1.

Huxley, P. (2003). Social inclusion, social quality and mental illness. In *The British Journal of Psychiatry*. Institute of Psychiatry, King's College: London.

Jackson, M. (n.d.). Community inclusion: from theory to practice. Vicserv.

Kingsley, J. (2005). Children, youth and adults with Asperger syndrome integrating multiple perspectives. In *Search of an Asperger Culture*, Chapter 16. UK (London).

Kurtz, A. (2008). Understanding the world view of adults with autism or other pervasive developmental disorders. In *General Characteristics and Support Needs of Individuals with Autism Spectrum Disorder or Other Pervasive Developmental Disorders*. Center for Community Inclusion and Disability Studies: University of Maine.

LaCava, P. (2005). Facilitate transitions. In *Intervention in School and Clinic*. Vol.41, No.1, pp.46-48.

Matias, J. & Monteiro, F. J. (2007). Atitudes face ao *recovery* na doença mental em utilizadores e profissionais de uma organização comunitária: uma ajuda na planificação de intervenções efectivas? In *Análise Psicológica*, pp.111-125.

Meyer, R. N. et. al. (2003). *Asperger syndrome grows up recognizing AS adults in today's challenging world*.

Muller, V. (2006). *Constituting christopher: disability theory and mark haddon's; the curious incident of the do gin the night-time (critical essay)*. Papers: Explorations into Children's Literature.

Oliveira, F. F. (2001). *Conhecimento processual da tomada de decisão em orientação. Comparação de jovens com diferentes níveis de mestria utilizando um simulador computadorizado*. Dissertação de Mestrado em Treino de Crianças e Jovens, Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

Ornelas, J. (2008). *Psicologia comunitária*. Lisboa: Fim de Século.

Parker, M., Jacobson, A. & Reimund, R. (2007). Texas autism resource guide for effective teaching: Self-determination strategies. In *Texas statewide leadership for autism*. Region XIII Education Service Center.

Reiter, S. (2008). *Disability from a humanistic perspective towards a better quality of life*. Nova Biomedical.

Repper, J. & Perkins, R. (2003). *Social inclusion and recovery*. China: Baillière Tindall.

Shogren, K. A. et. al. (2008). Understanding the construct of self-determination: examining the relationship between the Arc's self-determination scale and the American institutes for research self-determination scale. Vol.33, No.2. USA: Hammill Institute on Disabilities; Sage.

Shore, S. M. (2004). Learning the skills of self-advocacy and disclosure. In *Autism Spectrum Quarterly*.

Skouge, J. R. et. al. (2007). Technologies for self-determination for youth with developmental disabilities. University of Hawaii: Manoa.

Stancliffe, R. J. (2001). Living with support in the community: Predictors of choice and self-determination. In *Mental Retardation and Developmental Disabilities Research Reviews*. Vol.7, No.2, pp.91-98. New York.

Stoddart, K. P. (2005). *Children, youth and adults with asperger syndrome, integrating multiple perspectives*. UK: Jessica Kingsley Publishers.

Ward, M. J. & Meyer, R. N. (1999). Self-determination for people with developmental disabilities and autism: Two self-advocates' perspectives. In *Focus on Autism & Other Developmental Disabilities*. Vol.14.

Wehmeyer, M. L. (1998). Self-determination and individuals with significant disabilities: examining meanings and misinterpretations. In *Research and Practice for Persons with Severe Disabilities*. Vol.23, No.1, pp.5-16.

Wehmeyer, M. L. (1999). A functional model of self-determination: describing development and implementing instruction. In *Focus on Autism & Oother Developmental Disabilities*, Vol.14, No.1, pp.53-62.

Wehmeyer, M. L. (2001). Self-determination and mental retardation. In L. Glidden (Ed.) *International Review of Research in Mental Retardation*, Vol.24. ELSEVIER.

Wehmeyer, M. L. (2004). Self-determination and the empowerment of people with disabilities. In *American Rehabilitation*.

Wehmeyer, M. L. (s/ data). *Self-determination*. University of Kansas.

Wehmeyer, M. L. & Bolding, N. (1999). Self-determination – across living and working environments: A matched samples study of adults with mental retardation. In *Mental Retardation*. Vol.37, No.5, pp.353-363.

Wehemeyer, M. L. & Field, S. (2007). Family support for self-determination. In M. L. Wehemeyer & S. Field (Eds.). *Self-determination: Instructional and Assessment Strategies*. Corwin Press.

Wengraf, T. (2009). BNIM biographic-narrative method. In *Short Guide and Detailed Manual version*. London: Birkbeck Institute of Social Research.

Wengraf, T. & Chamberlayne, P. (2006). Interviewing for life histories, lived situations and personal experience: the biographic-narrative-interpretive method (BNIM). In *Short Guide to BNIM interviewing and interpretation*.

Whitehouse wt. al. (2008). Friendship, loneliness and depression in adolescents with asperger's syndrome. UK: Elsevier Ltd.

Wilkins, D. (n.d.). Consultado em 3 de Maio de 2009, através de <http://www.thenthdegree.com/posters.aspp>.

Anexo A

Termos de Consentimento Informado

## Termo de Consentimento Informado

Eu, \_\_\_\_\_,

aceito participar neste estudo, que tem por objectivos averiguar experiências da vida de um adulto com SA, compreendendo a percepção que tem de si, da comunidade e do lugar que nela ocupa, e promover a reflexão acerca da inclusão destes indivíduos na comunidade. Asseguro que fui devidamente informado acerca do procedimento. Além disso, tenho conhecimento de que tenho o direito de não aceitar participar neste trabalho. Fui informado de que posso retirar-me desta investigação a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos para mim.

Lisboa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, de 2009.

Assinatura do Participante

---

Assinatura da Investigadora

---

Contacto da investigadora:

Luísa Dias

Tel.939262240

Anexo B

Guião de Entrevistas BNIM (*Biographic-Narrative Interpretive Method*),  
de Tom Wengraf (2009)

## Guião de Entrevistas BNIM

(Wengraf, 2009)

### 1. 1ª Entrevista (aprox. 90/120 minutos, c/ intervalo entre as sub-sessões)

#### 1ª Sub-sessão (1/3 do tempo total)

SQUIN: “Como sabe, eu estou a pesquisar a vida de uma pessoa com SA. Por favor, conte-me a história da sua vida, todos os eventos e experiências, tendo em conta os vários contextos, que tenham sido importantes para si. Comece onde quiser, eu não vou interromper, eu vou apenas tirar algumas notas. Quando terminar, faremos um intervalo de 10 a 15 minutos. Em seguida, colocarei algumas questões com base nas notas que tirar, segundo aquilo que irá relatar. Pode começar.”

O entrevistador facilita a entrevista e não interrompe. As notas são apontadas no bloco de notas BNIM e devem conter entre 3 a 5 palavras para cada frase-chave dita pelo entrevistado. Esta fase termina assim que o entrevistado insiste em referir que terminou a sua história.

#### Intervalo (10 a 15 minutos)

O entrevistador deve escolher as frases-chave que considere relevantes, apontando, para cada uma, uma palavra mágica de uma das três listas descritas no bloco de notas BNIM. As perguntas seguintes devem conter o primeiro e último tópico referido pelo entrevistado (para além da selecção feita pelo entrevistador).

#### 2ª Sub-sessão (2/3 do tempo total):

A partir das notas retiradas na sub-sessão anterior, o entrevistador questiona o entrevistado acerca de determinados acontecimentos (que considere importantes para o estudo) relatados pelo entrevistado, com fim a obter mais informação acerca dos mesmos (PIN's – *particular incident narratives*). Desta vez, a informação adquirida deve ser suficientemente detalhada, utilizando apenas as palavras/fórmulas mágicas descritas no bloco de notas BNIM (sem retrocessos) as vezes que forem precisas para cada item (pode ir de 7 a 8 tentativas para obter um PIN).

Nota: Considerando que algumas perguntas possam ter despoletado emoções difíceis no entrevistado, após esta 1ª entrevista (sub-sessões 1 e 2), deve haver um momento informal em

que o entrevistador coloca o entrevistado “à vontade”, assegurando (dentro do possível) que este se encontra emocionalmente estável.

## 2. 2ª Entrevista (opcional e, pelo menos, após 1 semana)

### 3ª Sub-sessão

Após audição/transcrição da 1ª entrevista, o entrevistador pode realizar uma 2ª entrevista (presencial ou não), na qual expõe outras perguntas de estilo narrativo e/ou não-narrativo. Geralmente, toma a forma de uma entrevista semi-estruturada convencional, precedida (e nunca seguida) de algumas questões de estilo narrativo.

Anexo C

Bloco de Notas BNIM (*Biographic-Narrative Interpretive Method*),  
de Tom Wengraf (2009)

Blank page of BNIM CUE-QUIN notepad:

1. Emotional recognition (if necessary); working through / giving time out (if necessary)
2. Push towards narrative, push for PINs (if necessary via left-hand bundles towards the right-hand one)

*Use this magic formula + choice of magic word from one of three bundles*

You said	“Do you remember	...time –situation	occasion - incident
XX- below	(any more about)	phase – example	event – moment –
their words	that particular.....	period	happening, day
	[any <i>images-feelings</i>	/How it all happened?]	
	<i>thoughts?</i> ]		

---

*Don't leave the first and any SS-one item till you get one PIN!<sup>2</sup> Or flat refusal!*

*The ‘occasion’ words are best; the ‘time’ ones next best; the ‘image’ ones should only be used in order to eventually probe for PINs with the ‘occasion’ ones!*

---

*Check whether you’ve got a PIN by looking at this formula:*

*push for more depth and detail, an in-PIN.*

**PIN = Particular Incident Narrative:**

*E.g. “We were there, a Saturday evening...he said...she said...What I do is...I’m thinking ...Then what happens is... Afterwards I remember feeling (I’m still feeling it a bit) feeling.... Now I feel a bit different, I feel... ... Looking back I think it was quite a critical moment, because....” “*

Anexo D

Entrevistas Realizadas ao Participante do Estudo

## Entrevistas

### 1. Dados Pessoais

Nome: Henrique

Idade: 39 anos

### 2. 1ª Entrevista

#### 2.1.1ª Sub-sessão (23'19)

Investigadora: “Vamos dar início à 1ª sub-sessão da 1ª entrevista. Como sabe, eu estou a pesquisar a vida de uma pessoa com SA. Por favor, conte-me a história da sua vida, todos os eventos e experiências, tendo em conta os vários contextos, que tenham sido importantes para si. Comece onde quiser, eu não vou interromper, vou apenas tirar algumas notas. Quando terminar, faremos um intervalo de 10 a 15 minutos. Em seguida, colocarei algumas questões com base nas notas que tirar, segundo aquilo que irá relatar. Pode começar.”

Entrevistado: “Portanto, eu andei, portanto, andei no Colégio dos Maristas, que era aqui perto em Benfica, era na rua Artilharia 1. Um colégio em que as crianças, os professores e até os seus directores, havia assim uma grande interligação, em que era mais como uma comunidade, em que os alunos eram protegidos. Tanto que, passados muitos anos, agora, tem havido, houve dois encontros de antigos alunos da mesma altura, inclusive com os professores incluídos, que, que, que acham que a ligação que há entre todos os alunos da mesma altura é muito forte, é muito boa. Depois ficaram todos com as moradas, de todos, no fim das aulas, portanto, temos umas boas ligações.

Ah... depois de eu ter concluído, portanto, a 1ª classe, 2ª classe, 3ª classe, 4ª, portanto as classes, eu fui transferido para o liceu Pedro Nunes. No liceu Pedro Nunes, eu fiz o 10º, 11º e 12º ano, na área de Ciências... escolhi ciências. E depois repeti o 12º, infelizmente, porque não consegui entrar para a faculdade, quer dizer, repeti, e entrei para a faculdade no ano seguinte.

Entre para a Faculdade de Ciências de Lisboa... em 90. Tirei o curso de... o curso de Química Tecnológica. [pausa] Também foi bom, porque eu fui crescendo... Há também uma fase negativa da minha vida, ao longo deste período, que é... amigos com quem eu

convivia... fora destes, da escola, fui perdendo os amigos, por não saber conservar amigos, mas sem saber porque é que isso acontecia. [pausa] Há pessoas que hoje, pronto, deixei de as ver simplesmente, que nos afastámos, por eu não saber, portanto, criar amizades, manter amizades, que é um defeito que eu tenho, mas que eu não sabia, quer dizer, não sabia nada. Quer dizer, sei hoje, porque já li muito sobre Asperger.

Portanto... fiz amigos também, dentro da faculdade, que nos vemos de tempos a tempos, mas... mas como eu já comecei a trabalhar, há muitos, há vários anos, já fez mais de dez anos que eu comecei a trabalhar... Passei por muitos locais de trabalho.

Portanto, eu estive na... eu estive na EXPO 98, no Pavilhão da Realidade Virtual. Aquilo era giro, era grupos de três... Estávamos lá a acompanhar as pessoas, era giro. Pronto, em 98... oito meses.

Em 99, trabalhei por seis meses para a MT Brandão Lda. Era vendedor de material químico. Mas tinha que ir todos os dias, todos os dias não, tinha que andar, à segunda-feira tinha que ir ao Porto, porque era lá que era a firma. E depois trabalhava em Lisboa. Fiquei só seis meses.

Posteriormente a isso, quer dizer, tenho que pôr aqui um aparte, porque eu aqui em termos de trabalho, comecei antes, mas de uma forma limitada, porque eu sempre fiz parte das equipas da UNICEF que estão nas bancas na época do Natal. Pronto, e eu, no ano em que eu comecei a colaborar com a UNICEF, foi já desde 93, 1993... 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 2000, depois houve interregno... 2003, também já voltou a ser. Portanto, sempre que eu tenho essa disponibilidade para, eu entro, a trabalhar. Portanto... eh... foi uma coisa que eu sempre acompanhei. E... eh... portanto, uma coisa engraçada: como não consigo manter amigos que, desde aquela altura, quando era mais jovem, mas agora consigo manter amigos dos sítios onde trabalho. Portanto, sou muito selecto, sou muito selecto nesse aspecto, porque, pronto, avaliamos as pessoas, e gostamos de umas, não gostamos tanto de outras... Eu tenho uma característica, que... portanto, não estando nas empresas a trabalhar, mas onde já tenha passado, na altura do Natal, passo pelas empresas a desejar um Feliz Natal a toda a gente... mas isto em todas as empresas onde eu estive. Portanto, na UNICEF sempre... Estive também no Blockbuster... um ano... e quatro meses... mas isso é mais para a frente... Na Galp, também estive na Galp, também faço isso, às vezes é só por telefone, noutras vezes vou lá presencialmente, a maior parte das vezes é presencialmente. Através do... eh... e depois criava, criei... depois eu gosto muito de juntar uma coisa de amigos, mas agora quando estou a trabalhar, é uma coisa difícil.

Eh... portanto, eh... a UNICEF só ocupava os três últimos meses de cada ano! Portanto, havia disponibilidade para trabalhar o resto do ano.

Portanto, em 99, eu trabalhei para a MT Brandão, a partir de Janeiro de 99... e portanto depois eu estava disponível para trabalhar depois com a UNICEF, até ao fim do ano.

Depois em 2001 e 2002 não trabalhei, foram anos difíceis... Pronto, e em 2003, em 2003... eh... eu comecei a ser acompanhado pelo CADIN. O CADIN, que é um centro de apoio e desenvolvimento... de pessoas com Asperger, e tratamento, e que é um centro excelente. É um centro excelente. E um médico lá que me, que, quando eu já tinha, já, eu já tinha 30 e poucos anos, tinha 33, quando me foi detectado que eu tinha o Síndrome de Asperger. Tanto eu, como o meu irmão gémeo, também. E o meu pai também tem, só que não admite... Mas depois tem outros defeitos que, pronto, mas isso é já da idade também, já tem 84 anos, é muito complicado. Eh... portanto, em 2003, com o apoio do CADIN, eh... foi um projecto-piloto para ir trabalhar para a Galp, portanto e foi para ir trabalhar para uma... como é que se diz, para uma estação de gasolina... para uma estação de gasolina da própria Galp, que era também perto do CADIN, que é à saída da auto-estrada, na A5 para Cascais. Eh... e portanto, eu ia trabalhar... eh... dois anos, foi a minha primeira vez que eu trabalhei tanto tempo, eh... porque as minhas experiências eram inicialmente tão reduzidas, quer dizer, houve... Eu estive aí esses dois anos, portanto, eu gostei muito de lá estar, porque, pronto, tinha boas pessoas amigas, umas, outras não. Eh... fazia funções que me davam imenso prazer, mas que eram funções de supervisores, mas eu não era supervisor de forma alguma, eu era um simples funcionário! Mas pronto, eram-se, foram-me atribuídas e depois eu gostava muito e fazia-as, eh... Pronto, tinha muitas funções, mas depois, é uma coisa que tem que entender, é que aí, como foi um projecto-piloto, foi muito bem estruturado, foi muito bem preparado, e portanto nós tínhamos um papel com tudo escrito das nossas rotinas, tudo o que íamos fazer durante o dia. Estava tudo escrito. E portanto, esse papel, eh... foi sempre... foi sempre... quer dizer, estava sempre connosco, porque de manhã era fazer isto, depois era fazer aquilo, e depois era... e depois era os dias últimos da semana, para serem as devoluções, que eu adorava fazer, dava-me cabo das mãos (sorrisos), mas... mas era algo que eu adorava fazer. Eh... depois desses dois anos, pronto, o projecto acabou... eh... e... e eu, o meu contrato não foi, já não foi renovado.

Então, foi então que eu fiquei a saber que existe, da parte do Centro de Emprego de Benfica, que existe um ramo para pessoas com deficiência e pessoas diferentes, que é o OED, que é lá no, no... perto da Rua Maria Pia. E então, eu passei a ser, a inscrever-me, eu inscrevi-me na

OED. A OED é um centro que procura empregos para pessoas com deficiência, ou diferentes. Eh... portanto... eh... e portanto, a OED tem-me estado a dar muito apoio, desde então, porque arranjou-me um emprego, eh..., na Blockbuster, onde eu estive a fazer, criar a base de dados. Não foi criar a base de dados, foi encher a base de dados com todos os filmes da Blockbuster, que não estão, estava tudo em branco, mas como aquilo era uma rotina, estava óptimo para mim. Eu fazia aquilo e limpava o que já não existia, portanto, eu estava sempre, estavam-me sempre a dar os parabéns pelo que eu fazia lá, porque eu, pronto, eu estive lá um ano. Num ano, tratei mais de 8000 filmes. Eh... 4000 de venda directa, mais 3000 e tal, portanto foi... foi muito intenso, aquilo. Só que aí criei amigos. Então, depois, de tempos a tempos, criava almoços, dentro do próprio escritório. Almoços, com vinho, com queijo, com presunto, com estes dois amigos apenas. Portanto, muito divertidos. Isso era só de tempos a tempos, porque o outro, um dos funcionários, que era... é muito activo, não estava no escritório a maior parte do tempo, porque era da manutenção. Portanto, era só quando ele estivesse disponível é que era o encontro... é que calculei os almoços. Até foi um muito giro, um almoço. Então almoçámos... e bebemos uma garrafa de vinho, mas estava uma segunda garrafa de vinho que eu tinha levado da minha garrafeira cá debaixo, mas já tínhamos comido, mas a coisa mais gira é que, abriu-se a segunda garrafa de vinho. Bem, era um vinho do ano 2000 e, de modo que, quando se provou, estava divinal. Então bebemos a garrafa. Mas sem comer nada (sorrisos)! Mas a seguir, eu tinha que ir para o médico (risos). Quando cheguei ao médico, tive que beber para aí três litros de água! Eh... depois os meus colegas disseram-me mais tarde, que (risos) quase não conseguiam trabalhar. Que... (risos) Bem, mas isso era divertido, ao mesmo tempo.

Portanto, e portanto, um sítio onde eu também me senti muito bem, onde eu, pronto, vim, quer dizer... em 2004... Pois, 2004 foi um ano em branco. Eh... desculpe lá ter-me enganado, porque isto, a memória também pode... também pode falhar.

Portanto, em 2005 é que eu estive na Galp Energia... portanto, estive lá dois anos, até 2007... Portanto, até ao 4º mês, portanto Abril de 2007. Eh... posteriormente, em Outubro, Novembro de 2007 é que eu entrei para a Blockbuster. Pronto, e depois fiquei lá o ano. Pronto, organizei aquilo tudo lá para a empresa, pronto e deixei lá boas relações, engraçado.

Eh... agora, a OED de seguida, arranjou-me agora este emprego onde eu estou agora, que é no Hospital Curry Cabral, só desde Janeiro, deste ano. Eh... a empresa chama-se Sodehxo. Com “h” antes do, “sode” “h” “x” “o”, que é uma multinacional, que presta serviços de *catering*. Mas... e no hospital, fornece comida para todos os doentes do hospital. E também, e

depois, fornece também aos funcionários, naturalmente. Eh... e os funcionários têm uma coisa boa, que é as refeições são gratuitas, que não é comum em mais lado nenhum. Mas enfim, é uma regalia. Eh... portanto... eh... agora há aqui um pequeno aspecto, porque ali o grau de exigência deste emprego, o grau de exigência em termos de limpeza, em termos de regras, há muita coisa ali que passa daquilo que nós fazemos nas nossas casas. É uma exigência brutal. Eh... ou seja, e depois, eu tenho, por ter algumas características de ser um pouco egoísta, por ser um pouco resistente à mudança... eh... e por outras, quer dizer, faz com que eu tenha às vezes algumas dificuldades, assim um pouco mais lento que os outros, a aprender... eh... às vezes, não faço as coisas tão bem como eles querem. E pronto, eu tenho sido chamado à atenção. Eh... pronto... mas, mas, ao mesmo tempo, eh... Estou a ter o contrato, portanto, e... e tenho, e pronto, tenho muito boa relação com os... com o... com o administrador. Que isso eu sempre tive. É engraçado (sorrisos). Com as pessoas de topo é que me entendia sempre muito bem. Eh... [pausa]

Depois, após... que, de ter passado pela UNICEF, eh... também tenho amigos aí criados, com quem me reúno, ocasionalmente, para almoçarmos... eh... não é fácil agora, porque todos trabalhamos... eh... mas eu tenho uma grande empatia... eh... pela UNICEF. Aliás, tenho empatia por muita gente. A minha tolerância é muito grande. E a minha paciência, por outro lado. Eh... e... e a serenidade. Nisso, acho que até herdei da minha mãe. São características dela também. Eh... Depois... Sou uma pessoa positiva. Vejo a vida sempre de uma forma despreocupada, estou sempre sereno... Eh... quer dizer, isso às vezes não é bom para mim. Eh... mas é a minha forma de ver as coisas. Eh... quer dizer... os obstáculos não me demovem, não me preocupam, eh... Pronto... se calhar vejo a vida de uma forma diferente de outras pessoas. Eh... mas sou assim.

Depois tenho, tenho os meus interesses muito vincados. Eh... porque eu gosto de depois, tanto eu como o meu irmão, não conseguimos deixar de ver provas de ciclismo, que ocorrem pela televisão, em directo. Bem, e quando elas ocorrem, é quase o ano inteiro! Pronto, não sabemos o que é que nos atrai tanto... mas eu tenho um ficheiro desde o séc. XX, todo, até hoje, desde o início do séc. XX até aos nossos dias, sobre ciclismo. Portanto, está lá tudo. Acaba uma prova, tenho que saber os resultados. Portanto... depois o futebol, quando é assim, mesmo, não é, quando quem ganha as taças, a taça da UEFA, a taça dos Campeões Europeus, a taça dos Intercontinentais... eh... Depois tenho uma colecção de filmes, também. Está lá mais para dentro, para o meu quarto, e está no computador também. Bem, mas isto é muito grande essa colecção. É a maior de todas. Já são cerca de 1310 filmes. Eh... depois também

faço colecção de... garrafas de cristal, mas quer dizer, essas estão lá, lá no armário e, pronto, não são para estar assim à vista. Mas também estão lá uns bonitos exemplares. Depois, adoro fazer palavras cruzadas, adoro ler, tirar fotografias, tenho álbuns de pessoas, locais... eh... monumentos, tudo isso. Eh... pronto... e... e faz muito bem... eh... fotografia. Sabe que criou, em mim, sensibilidade, que eu não tinha nenhuma. É engraçado, como as pessoas, pode ser algo, podem ser... pode ser... eh... uma característica que foi criada. Eh... quando vejo, às vezes, as pessoas a tirar fotografias, até dou... até dou... digo até o que é que devem fazer, o que é que não devem fazer. Eh... muitas vezes o fundo da fotografia, as pessoas, às vezes, nem pensam nisso. Às vezes, o fundo da fotografia é mais bonito do que não só as pessoas. Eh... por exemplo, se tiver ao pé da praia, não é, é claro que a água é excelente. Portanto, a fotografia tem que ser feita, tem que se ter cuidado com o sol, mas a fotografia é feita com a água por trás. Se tiver flores no jardim, é claro que deve deixar as flores estarem por trás ou ao lado. E a fotografia ser, incluir isso ao lado da pessoa. Portanto, o fundo é muito importante também. E pronto... quando vejo as pessoas, quando estão a tirar fotografias sem se aperceberem do que estão a tirar, às vezes até digo o que é que devem fazer. Eh, pronto, isso é uma característica, que é querer ajudar sempre o próximo também. Eh, isso é muito vincado em nós. Tanto eu como o meu irmão temos essa característica. [pausa]

Bem, eu acho que já, que já chega, quer dizer, eu também posso dizer que tive umas férias, férias de... muito boas sempre. Durante a adolescência. Umas grandes férias, em que andávamos muito de barco. Eh... descíamos o Tejo. O Tejo, não. Íamos pela costa abaixo até Vila Moura. Depois tínhamos lá, parte da família estava lá em baixo, no Algarve. E reuníamos, e fizemos isso, durante vários anos seguidos. Eh... portanto... é claro que é um prazer imenso. Mas quer dizer, na altura em que eu estava a fazer o meu curso superior, depois já foi mais difícil, estávamos mais ocupados. A partir, as coisas também cessaram. Mas, durante muitos anos, eh... Todos juntos, pai e mãe. Ainda avós, também, quando eles eram vivos, também... [pausa]

Pronto, acho que pode parar... eh... a sessão.”

Investigadora: “Terminou?”

Entrevistado: “Sim.”

## 2.2.2ª Sub-sessão (2h.16'35)

Investigadora: “Vamos dar início à 2ª sub-sessão da 1ª entrevista. Disse que frequentou o Colégio dos Maristas. Lembra-se de mais algum acontecimento relacionado com essa fase da sua vida?”

Entrevistado: “Lembro... Lembro-me que tinha o apoio do padre Zé, que ainda hoje é vivo, tem mais de 90 anos, que era um grande amigo dos alunos. Lembro-me (sorrisos) que havia coisas não tão agradáveis, lembro-me que o director da escola... só se podia lidar com ele de manhã, porque ficava, ficava bêbedo após almoço, todos os dias. Eh... lembro-me que faleceu um professor na faculdade... Nas aulas de química, do 11º ano... No 12º, tive que, portanto a minha turma teve que se juntar a outra. Tínhamos uma professora tão exigente, tão exigente, tão exigente, mas que nos preparou muito bem para a faculdade. Foi excelente também, por essa, a esse nível. Tínhamos aulas de religião, eh... Tínhamos um recreio muito grande, para onde todos os que mal acabavam o... tocava o som sonoro de acabar as aulas, os primeiros doze a chegar ao campo de Basket, não era de Basket, de Voleibol, iam jogar no intervalo (sorrisos). Uns contra o sol, outros a favor do sol (risos), mas havia... E eu era desses quase sempre. O meu irmão gémeo também.

E portanto, foram muito bons tempos. Grandes amigos, que ainda hoje revemos, como já lhe falei, assim em almoços... em que podiam levar as mulheres, levar os filhos, muita gente... e depois recordar experiências...

E depois aquilo foi muito giro, porque... eh... Depois tínhamos aulas em laboratórios também, que também eram engraçadas, porque eram bem formadas. Depois tínhamos... é claro que tínhamos o nível, portanto, um bocado puxado. Eh... também, foi o sítio onde se aprendeu também... eh... bastante bem, quer dizer, deu-nos bases e não só bases, conhecimentos, deu-nos um grande apoio. Por exemplo, eu não estranhei, quando acabou, quando saí dos Maristas, que acabaram no 9º ano, a transferência depois para o liceu Álvares Cabral... eh... eh... não era liceu... liceu... como é que aquilo se chama... não me lembro agora... ao pé da Estrela... Liceu Pedro Nunes! Pronto, aí foi um sítio também muito bom, era diferente. Já era um nível comunitário, já era liceal, já era um nível muito mais comunitário, havia muito mais gente, já foi bastante diferente. Eh... mas foram bons anos também, porque eu nunca, nunca me queixei da escola. Eu nunca... nunca tive... eh... insatisfação com a escola. Portanto, a escola para mim foi contínua. Portanto, eu não era um aluno brilhante. Eu não era um aluno, que depois era um marrão, portanto, eu depois tinha algumas facilidades e depois tinha muitas dificuldades também, na aprendizagem. Pronto,

mas eu não sabia porque é que eu tinha também... porque é que tinha tanta dificuldade. Portanto... eh...”

Investigadora: “Que influência teve o Colégio na sua vida?”

Entrevistado: “Teve alguma coisa de boa, porque era uma escola de, muito protegida... eh... Os alunos tinham muita protecção, dos professores, de um padre... esse padre era um grande amigo de toda a gente... e de mim, do meu irmão... conversávamos, muitas vezes. Eh... era um padre que sabia ouvir e sabia muito dar conselhos. A união de grupo, os Maristas também deram a formação, portanto... deu amigos também... os amigos dos primeiros tempos.”

Investigadora: “Qual foi o seu contributo nessa fase?”

“...Eu sempre fui um aluno mediano. Eh... mas aquilo que foi, foi a minha paciência... mas o meu grau de paciência cresceu muito mas só a partir dos 15/16 anos... foi a relação com o meu pai. O meu pai estava muito zangado comigo e eu estava zangado com ele. Ele tinha-me proibido de eu ir para o estágio da selecção nacional de rãguebi e eu tinha sido seleccionado! Eu tinha sido seleccionado para ir para o estágio e o meu pai proibiu-me... de ir. Eu detestei. Depois tivemos muito tempo zangados. Muito tempo mesmo. Eh... a paciência foi crescendo em mim, nessa altura. Foi nessa altura que realmente foi crescendo. Porque eu era muito, portanto, eu era sempre muito fechado antes disso também. Eu só depois aos 20 anos, quando entrei para a faculdade e comecei depois a conhecer toda, mais toda a gente...”

Investigadora: “Referiu que passou por momentos de dificuldade ao nível da aprendizagem, durante o período escolar. Lembra-se de algum momento em que isso tenha ocorrido? Como é que aconteceu?”

Entrevistado: “...Sim, quer dizer... Eu tinha... Eu não era capaz de... brilhar. Eu não era capaz de estar ao nível de certos colegas meus que eram ases, eram marrões. Um era completamente, tão inteligente, que fazia tudo ao inverso, demonstrava do fim para o princípio as coisas! E outros eram... Pronto, e eu sempre tive nos médios, nos médios, na mediania. Eh... Portanto, isso verificava-se a todas as cadeiras. Quando eu estava no liceu, no 10º, pronto, eu tinha várias cadeiras por ano. Quer dizer, isso... Era mais... Quer dizer... Quer dizer e depois também havia outra coisa, eh... Era uma altura em que eu também estava a cimentar conhecimentos, porque quando eu depois passei para a faculdade, tive dificuldades em várias cadeiras, tive muita sorte noutras cadeiras, tive cadeiras que tive que deixar para trás e só fazê-las depois quando estava no 4º ano, no fim do 4º ano, que tive que voltar ao 2º ano. Eh... tive que ter ajuda de um Psicólogo, por exemplo, para cada uma delas, eh... porque

estava em negação absoluta. Eh... mas pronto, mas quer dizer, mas tive, eh... Consegui equilibrar tudo isso. Eh... não foi fácil, quer dizer, mas tinha o apoio de pessoas, professores, colegas... e... portanto, ficou bem, quer dizer... portanto... fiquei, pronto... Tive um percurso assim constante, pronto, nunca me desviei muito dessa... dessa mediania.”

Investigadora: “Lembra-se de algum momento em que tenha sido mais fácil para si, durante o período escolar? Como é que aconteceu?”

Entrevistado: “A parte fácil é porque eu tenho... eh... memória fotográfica. Eu tenho memória fotográfica. E, portanto, a parte gráfica... A parte que é fácil era de algumas cadeiras, em que... Houve uma cadeira, em que eu tinha muita facilidade, porque os professores pediam o que era importante, eu tomava nota e depois tirava boas notas sempre. De outra vez, foi uma cadeira muito difícil de faculdade, mas eu fui dos alunos, que só fomos quatro, que assistimos à última aula... Éramos só quatro. Não, seis. Numa cadeira. E a professora, no fim da última aula, disse aos seis o que é que ia sair no exame. E, portanto, os seis depois tiveram grandes notas (risos)! Mas só os seis (risos)! Era um castigo pelos outros todos não estarem lá. Era o castigo (risos).”

Investigadora: “Lembra-se de algo mais acerca dessa fase?”

Entrevistado: “Não, acho que, acho que... Não, até há aqui um aspecto que eu acho que... Pronto, agora tirando o, falando um pouco mais geralmente, como o Asperger agora é uma coisa que já está mais divulgada, as crianças já começam a ser acompanhadas e a ser tratadas por causa do Asperger, eu penso que os percursos... Os percursos, como o meu... podem não ser difíceis, mas penso que... aos poucos vão melhorando. Porque depois, eles hão-de ter algumas características vincadas, como eu tenho, mas isso são características de quem tem, porque não se consegue tirar. São características de personalidade.”

Investigadora: “Quando diz “características vincadas”, o que é que quer dizer com isso, concretamente?”

Entrevistado: “É... Por exemplo, eu, como lhe disse, gosto daqueles meus interesses todos. Portanto, há pessoas com Asperger, que os interesses são os aviões, há outras que os interesses são os comboios, há outras que os interesses são outro tipo de coisas nesses termos. E isso, para eles, representa muito...! Têm que fazer colecções sobre isso. É claro que depois têm outro estilo de vida, que pode alterar as coisas.”

Investigadora: “Posteriormente, disse que houve um encontro de antigos alunos e que tem uma boa ligação com eles. Lembra-se de algo mais relacionado com isso?”

Entrevistado: “Lembro... quer dizer... eh... Portanto, reunimos há, há pouco mais de quatro meses, no segundo encontro. Fomos... de carro, que é na Serafina. Bem, aquilo foi escolhido para as crianças, depois também para o parque temático. E depois aquilo foi muito agradável, não é, porque cada um relata as suas experiências malucas. Tem lá uns irmãos, que são... que sempre foram malucos. São completamente fora do normal, mas quer dizer, para brincadeiras. Eles contavam que ficavam com a avó e depois iam para a rua e faziam tombar caixotes de... Não eram caixotes, eram... os sítios do telefone... as cabines telefónicas, no Alentejo. Eles deitavam-nas abaixo. E depois, partiam algumas coisas a jogar futebol, depois a avó é que tinha que pagar tudo (risos). Mas eles eram demoníacos, mas são colegas excelentes e são nossos amigos. Eh... Portanto... é muito divertido eles relatarem todos esses aspectos que passaram. Depois, há outros irmãos, outras pessoas também, mas o mais engraçado é que houve, antes deste, um primeiro. Portanto, como eh... algumas pessoas, nem todas, a maioria ficou com as moradas de todos, portanto organizaram o primeiro... eh... reunião, passado trinta anos. Foi excelente ver como a memória... nos foi... moldando... depois reconhecer as pessoas passado trinta anos. O que é engraçado, porque... eh... as memórias voltaram... não é... portanto, logo, isso aí foi excelente... O encontro com as pessoas. E depois foi o almoço e depois foi beber uns copitos, alguns. E depois disso, foi estar na brincadeira. Pronto, foi assim uma tarde muito agradável.”

Investigadora: “Lembra-se de algo mais que queira acrescentar acerca desses encontros?”

Entrevistado: “... Não, está bem explicado.”

Investigadora: “Referiu que passou o 10º, 11º e 12º, no Liceu Pedro Nunes. Lembra-se de algo mais que queira relatar acerca dessa fase da sua vida?”

Entrevistado: “Eh... portanto... Na fase do liceu, que também é a fase que culmina com a fase de perder amigos. Que, portanto... Que de ter, portanto, conhecer pessoas, ter amigos, sairmos juntos e depois não... porque eu não gosto do telefone. Eu não faço telefonemas quase a ninguém. Eh... Também, não sei porquê, mas não gosto. Eh... também não sou capaz de expor a minha vida no telefone, como as outras pessoas conseguem. Mas é uma característica que eu tenho, quer dizer, mas eu nunca soube porquê. Não é, não soube... e isso... ao longo do liceu foi acontecendo. É claro que tenho ligação com as pessoas durante o liceu também, mas é uma ligação um pouco mais... porque as ligações dos Maristas são mais fortes. Também foram mais anos.”

Investigadora: “Diz que quase não comunica por telefone. E por outras vias, como a escrita e o correio electrónico?”

Entrevistado: “Tenho dificuldade na escrita... porque não pratico, também. Não consigo visualizar o que vou escrever. Não consigo. Tem que ser... é espontâneo ou não é. Mas... muitas vezes não consigo. Mas quer dizer, eu depois também já tenho alguns e-mails já mandados que depois vou consultar... para algumas coisas. Mas eu já respondi... Portanto, eu respondo por e-mail a alguns anúncios que pedem para serem respondidos por e-mail. Às vezes, peço ajuda à minha mãe. Eh... mas é só para esquematizar... alguns problemas que eu já tive também, com seguradoras, por causa de carros e chatices...”

Investigadora: “E outras formas electrónicas, como os *chats online*, por exemplo?”

Entrevistado: “Não, não me interessa. Há lá o *cyclingnews.com*, que eu estou sempre a consultar, por causa do ciclismo...”

Investigadora: “Lembra-se de mais algum acontecimento durante a fase do liceu?”

Entrevistado: “...Não, acho que não...”

Investigadora: “Que influência teve o liceu na sua vida?”

Entrevistado: “O liceu serviu para cimentar conhecimentos. Eh... O liceu também foi bom, porque nós passámos do colégio para o liceu, portanto... o liceu também já serviu para abrir os olhos um pouco. Já não estávamos naquele ambiente protegido, mas estávamos num ambiente muito mais vasto, eh... com muito mais pessoas... com pessoas muito diferentes...”

Investigadora: “Qual foi o seu contributo nessa fase?”

Entrevistado: “Não contribuí muito, quer dizer... eu tinha os meu amigos lá.”

Investigadora: “Referiu que, infelizmente, não conseguiu entrar logo para a faculdade e que, por isso, teve que repetir o 12º ano. Lembra-se dessa altura? Como é que tudo se passou?”

Entrevistado: “Portanto, não tive nota. Porque eu, depois, no 12º... tive 14 a Matemática, 12 a Biologia e 13 a Química. Não foram notas suficientes... e a prova global... para entrar nesse ano. Mas também não foi mau. Quer dizer, eu, hoje, com a idade que tenho, vejo as coisas de outra forma... Porque eu, tudo o que eu vejo para trás, vejo de uma forma positiva. Eh... porque, eu depois fui para outro liceu, o Rainha Dona Amélia, onde tive revisão dessas mesmas cadeiras que tinha tido, para não me desactualizar com as matérias, e depois entrei no ano seguinte. E até entrei numa faculdade privada... de Direito... era a UAL. Fiquei lá um

mês. Saí e fui para a estatal. Mas com muita pena lá, porque eu adorava a matemática (sorriso) e, aquilo, o professor adorava-me a mim (risos)! Mas depois não dava para aquelas aulas de retórica, que aquilo tinha. Eh... portanto, foi um percurso, foi engraçado, porque depois eu inscrevi-me na química, nas opções, optei e depois fui colocado na Faculdade de Ciências, pronto, e fiz lá o curso.”

Investigadora: “Disse que frequentou a Faculdade de Ciências de Lisboa, lembra-se de algum episódio que tenha ocorrido nessa fase?”

Entrevistado: “Ah... episódios giríssimos. [pausa] Portanto, a Faculdade de Ciências, naquela altura em que eu lá andei, ainda era... eh... na Rua da Escola Politécnica. Portanto, foi lá que eu tive as aulas. Logo no 1º ano e 2º, mas depois o resto do 2º ano já foi no Campo Grande. Agora é tudo no Campo Grande. Aquilo, depois, tornou-se, agora... de há uns anos para cá, em Museu, que o Museu... e o jardim todo que aquilo tem para baixo, que é uma beleza. É um sítio para estar, quando estão 40 graus, que a temperatura lá é 20 e tal graus. As árvores não deixam passar o sol. É mesmo um sítio maravilhoso.

Eh... portanto, eu conheci, no 1º ano, logo no início... dois rapazes. Depressa... eh... nos tornámos amigos. Estávamos no mesmo curso. Portanto, como aquilo obrigava, aquilo, no início, era preciso escolher os horários... Nós entrávamos sempre juntos, depois. E, portanto, como eles moravam mais longe que eu, ou então não chegavam tão cedo como eu, eu era a pessoa que punha o meu nome e depois punha os nomes deles, porque nós éramos o trio. Portanto, este trio ficou unido para toda a faculdade... Sempre que era preciso fazer a escolha dos horários, que tinha que estar presente, na escolha, no 2º ano, a mesma coisa. Portanto, para escolher os meus horários, portanto lá ia eu e, portanto, ficávamos todos juntos novamente. Nas aulas práticas, também éramos os três juntos. Era giríssimo... e depois, eram tempos bons também, porque estar na faculdade, fazíamos festas na faculdade. E nós é que pagávamos as festas. Contratávamos as empresas de audiovisual e de electrónica... para gerar a festa.”

Investigadora: “Lembra-se de mais algum detalhe acerca dessas festas? Como é que tudo acontecia?”

Entrevistado: “Ah... isso foi, foi engraçado, porque nós tínhamos que andar... por Lisboa. Quer dizer, saíamos da faculdade e íamos com uns cartazes a anunciar a festa e espalhávamos pelos postes, por Lisboa. Quer dizer, nos meios envolventes e longe também... e depois as próprias pessoas da faculdade também. Aquilo era giro, depois... A organização era

engraçada. E... também ao mesmo tempo é uma boa preparação, porque as pessoas, porque eu hoje, quer dizer, já tenho outra idade, portanto, já tenho 39 anos e no fim do ano faço 40. Eu já vejo a vida passada de uma forma muito, muito emotiva... mas sou capaz de a analisar. Portanto, ter organizado estas festas... eh... ter feito muitas outras coisas, apresentado, quer dizer, ter feito o curso todo, não com distinção, mas concluído, também com alguma dificuldade, própria, mas... Por exemplo, eu acho que foi bastante bom, porque... colegas... Um deles era louco. Portanto, era excelente, portanto ele trabalhava melhor sobre pressão. Portanto, ele só fazia os relatórios no domingo antes a entregar o relatório. Portanto, eu e o outro, depois fazíamos os outros relatórios. Portanto, mas nós tínhamos muitos relatórios para fazer... todos os anos. Todas as semanas. Tive aulas de laboratório sempre. No 1º, no 2º ano, no 3º, no 4º... Bem, no 4º e no 5º então...! Tínhamos horários terríveis, porque tínhamos aulas de teoria, uma semana; na semana seguinte, eram aulas de laboratório. Portanto, eram aulas das 9 às 6 em laboratório... Bem, e depois lidávamos com substâncias terríveis, com cheiros nauseabundos... mas tínhamos que fazer aquelas experiências, tínhamos que fazer. Pronto, a faculdade deu-me assim muita, muita história, foram tempos que eu andava muito a pé... eh... que eu vinha a pé para casa, de lá para cá. Foram tempos, assim, muito agradáveis. Essa união com os meus amigos durou sempre. Até que um foi para... mudou para... Bioquímica... ou Biologia... estando já no 4º ano de Química. Eh... mas mudou-se. Teve que fazer não sei quantas cadeiras de novo.”

Investigadora: “Lembra-se de mais alguma situação que queira partilhar acerca dessa fase da sua vida?”

Entrevistado: “Eh... quer dizer, há aí uma coisa muito boa. Essa união para mim foi muito boa, porque um deles, que é o que não foi para Biologia, o outro, era uma pessoa muito divertida, era uma pessoa... E eu era uma pessoa muito interior, muito introvertida. E tímido. E ele pôs-me, com a sua diversão, com a sua brincadeira, a sua forma de ser, alterou-me. Portanto, eu, mais ou menos por volta dos 20 anos, só, mais ou menos nessa altura, é que depois fiquei um pouco menos tímido.”

Investigadora: “Como é que se deu essa alteração?”

Entrevistado: “Ah... fazíamos passeios, com as nossas namoradas, íamos para Sintra. Depois gozávamos imenso uns com os outros. Depois, saíamos, não é. Tudo aquilo, tudo isso que fazíamos em conjunto; estávamos sempre juntos. Portanto, as brincadeiras que ele fazia, o gozar com as outras pessoas, gozar comigo também... eh... Tudo isso foi sendo aceite por

mim, porque já não... Foi tudo sendo aceite. Eh... e eu não ripostava nada. É claro que eu hoje sou diferente, já aprendi muito. Eu hoje respondo, por exemplo, mas respondo de uma forma ordeira... Mas, pronto, a vida também aprende, também ensina. E há outra coisa também, que tem que ver, é que quando, à medida que nós vamos crescendo também vamos aprendendo. Eh... Portanto, foi um bom período de vida, porque foi um período de crescimento, foi um período de ligação, de valores, foi um período de ligação de amigos, que perduram. Portanto, esses... são alguns, mas as pessoas também se separaram depois um pouco com a saída do curso, porque eu enveredei por muitas cadeiras... por... por muitas cadeiras... portanto, eh... empresas diferentes. Pronto, eu dediquei-me a trabalhar em serviços, eh, portanto, em vendas... eh... e agora a trabalhar por conta de outrem, e esses meus colegas ficaram a trabalhar na própria faculdade, após acabarem o curso. Depois pós-graduações... Na própria faculdade. Num departamento que lá havia novo... Pronto, eu saí. Portanto, eu completei a licenciatura, e... pronto, e depois saí. Depois fui começando a fazer o meu percurso... agora profissional.”

Investigadora: “Referiu, há pouco, a altura em que saíam todos juntos, com as namoradas. Lembra-se de mais algum detalhe acerca dessa altura em concreto? Como é que tudo acontecia?”

Entrevistado: “Então... eh... sim. Íamos de comboio. Para Sintra. Depois, mas não era só para Sintra que íamos, íamos à praia também. À praia depois íamos a pé. Mas para Sintra é que era mais giro, porque depois... depois afastávamos. Uns iam para um lado, outros iam para outro. Depois víamo-nos mais tarde (risos). Depois reuníamo-nos mais tarde. Eh... depois era sempre ele a gozar comigo, continuamente. Continuamente. Mas eu já estava tão bem, porque eu gosto muito de estar com esse meu amigo. Eu tenho, portanto, eu aceito a brincadeira dele, de uma forma muito fácil, muito calma, muito calmamente. Portanto, hoje sou capaz de ripostar com, com muito à vontade... Mas nessa altura, não era assim! Porque aquilo... eh... porque era muito divertido, porque quando chegava o verão, íamos nós, e não eram só as namoradas, também eram outras colegas, íamos para a praia, íamos todos lá para a Trafaria. Íamos de barco, ali da estação fluvial, e lá íamos nós, a pé, lá para as praias de São João...”

Investigadora: “Que influência teve a faculdade na sua vida?”

Entrevistado: “Influenciou bastante, por causa desse meu amigo... alterou-me.”

Investigadora: “Qual foi o seu contributo nessa fase?”

Investigadora: "...A minha influência foi mais de organização... porque eu era muito organizado, eu, às vezes, eu era que liderava o grupo, às vezes não era eu, eh... mas muitas vezes era... mas eu também ia atrás muito bem, quando era um deles a liderar também. Destinávamos os relatórios, aquilo tinha que haver ali uma certa... eh... organização e tínhamos que gerir o tempo, porque só tínhamos uma semana, só uma semana para escrever quatro relatórios."

Investigadora: "Ao longo dessa fase, tinha em mente o objectivo de terminar a licenciatura?"

Entrevistado: "Quer dizer... sim... quer dizer... Isso foi um prolongamento de estudos que... que foi benéfico... porque isso agora deu origem à aceitação... por parte do... a nível profissional. Mas, no entanto, eu não sou uma pessoa que... que me guie por objectivos."

Investigadora: "Quer dizer que não faz planos antes de concretizar algo?"

Entrevistado: "Não. Não planeio... também... também é uma dos... das... das facetas do Asperger... que não nos faz, que não nos dá origem a pensamentos nesses termos, não nos dá vontades de ter objectivos, não nos dá. Portanto, nunca faço planos..."

Investigadora: "Nesse caso, o facto de ter concluído a licenciatura deveu-se a que factor(es)?"

Entrevistado: "Eh... portanto... isso também, foi sempre algo que os pais quiseram. Um plano de estudo completo. Porque os pais não queriam só isso. Os pais puseram-nos aos 15 anos a aprender inglês. Tinha, podia ser aos 16... Mas eu também queria continuar a acabar de estudar... porque eu estudando, evitei a tropa, quer dizer, eu não evitei... os meus problemas de saúde é que também me afastaram da tropa, por exemplo, mas estando no curso superior, eu depois fui prolongando e fiquei em reserva territorial."

Investigadora: "Disse que, numa dada altura, perdeu alguns amigos, por não saber conservá-los. O que é que pensa ou sente em relação a isso?"

Entrevistado: "...Quer dizer... Eu só comecei a saber, portanto, a saber que eu tinha o Asperger, quando já tinha 33 anos. Portanto, há sete anos atrás. Portanto, isto já se passou há muitos mais anos atrás. Portanto... eh... O que acontece é que eu não sabia explicar porquê isto. Eu não entendia porquê. Eh... eu agora depois já informado do Asperger é que percebo, é que entendo. Porque, depois, por vezes, nós não estamos dispostos a pagar às pessoas, ou não gostamos do telefone, ou então... não estamos muito próprios a dar... Depois às vezes, nós podemos ser... que é uma característica que o meu pai tem, o meu irmão tem, eu também tenho, que é quando temos que estar em grupo, temos que ser sempre nós a falar, temos que

ser sempre nós a dizer tudo, não nos calamos... Quer dizer, é um pouco... eh... não é bonito. Não é, não deixamos os outros falar também. Mas... há... também há coisas giras para dizer. Há paródia para fazer sempre.”

Investigadora: “De que forma é que acha que isso moldou a sua vida?”

Entrevistado: “Moldou, porque perdi amigos que eu gostava muito. E eram pessoas muito boas, bons amigos também. Quer dizer, também houve substituição de uns por outros também. Porque como eu fiz amigos em todos, não em todos, mas nos empregos por onde passei, é claro que agora é com dificuldade que eu estou com eles. Pronto, todos trabalhamos. Mas... Eu agora, por exemplo, faço, por exemplo com o meu irmão e os colegas dele de trabalho, portanto estamos sempre agora a ir a um restaurante. Lá para os lados de Cascais. Pronto, assim uma comida muito boa, para grupos. E aquilo, aquilo é muito divertido. É muito divertido. É mesmo. Eh... Mas depois há os colegas anteriores a todos da primária. Que, passados trinta anos, não é, é que começou agora... Já houve dois, duas reuniões... que foram excelentes também.”

Investigadora: “Disse que trabalhou na EXPO 98. Lembra-se de mais algum detalhe ou episódio que tenha ocorrido nessa altura da sua vida? Como é que tudo se passou?”

Entrevistado: “Eh, portanto, eu fazia, fazia o acompanhamento das pessoas que entravam no pavilhão. Eh... mas era eu e mais duas colegas ou dois colegas, éramos sempre três, grupos de três. Estávamos no subsolo, subíamos, mas como era, era 36 de cada grupo, não, era 12... 36 eram os três grupos. Depois, ah pois, estavam lá os 36, depois eram 12 de cada vez. Portanto, aquilo foi, eh... Nós acompanhávamos, nós... Portanto nós explicávamos coisas em português, em inglês, em francês, eh, logo de início. Depois as pessoas é que escolhiam, é que depois seguiam para outra sala onde podiam escolher o caminho do fogo, ou do frio, com os comandos. Nós, portanto, nós não dizíamos para onde é que as pessoas iriam, nós não dizíamos nada. Estávamos por ali. E depois, depois é que saíamos. Eh... mas aquilo foi engraçado, porque aquilo, aquilo depois também teve uma fase não muito agradável, mas não foi para mim. Quer dizer, eu tive a minha, uma das minhas quedas. Mas isso foi um episódio, foi um acidente! Eh, mas depois as pessoas começavam a brincar com as pessoas... naquela parte interior, e isso, mas a direcção não serviu de nada. Depois houve algumas pessoas que se começaram a queixar, porque estavam pessoas a gozar com elas... Funcionários. Porque havia a passagem entre as salas, uma sala que era assim um pequeno corredor... e os funcionários iam para lá. Tínhamos uma daquelas janelas, que lá aquilo tinha, punham-se a

brincar com as pessoas, a gozar com as pessoas. Pronto, e eu não estava envolvido nisso. Mas quer dizer, aquilo depois, aquilo houve reunião lá em baixo, toda a gente foi alertada que aquilo não devia ser feito. Depois, deixou de se poder fumar. Aquilo havia um grupo de 36, fumavam todos, menos um... A sala era gigantesca, mas era no subsolo (risos). Eu vinha sempre para fora daquela sala. Bem, até mudei de grupo. Pedi transferência lá dentro. Eu era a pessoa que não fumava, que não fumo. Aliás, nunca fumei. Nem o meu irmão, nem a minha mãe. Portanto, depois... Nos outros... Era diferente, que aquilo tinha tanto tempo livre, às vezes até jogávamos lá dentro e tudo (risos)... Era divertido também. É uma coisa que também gosto muito de fazer... É uma coisa que, uma pessoa que comece a jogar muito cedo, fica viciado.”

Investigadora: “Disse que trabalhou na MT Brandão. Lembra-se de mais algum detalhe acerca dessa fase da sua vida? Como é que tudo se passou?”

Entrevistado: “Eu lembro-me... Fazia visitas. Fazia visitas a professores universitários. Professores universitários de faculdades. Pronto, do Técnico, do Instituto Superior Técnico... da Faculdade de Ciências onde eu tinha andado, também ia àquele instituto... que é aquele ali no parque do Lumiar... que é um muito grande, que investiga muita coisa diferente... Agora não me lembro do nome. Eh, ia aí também. Também ia a outras faculdades. Depois fazia vendas, aqui e ali, levava, levava uns “cadernões” muito bons... Também fui a escolas, por exemplo. Quando estavam a promover feiras, de... feiras de ciência, nas escolas... eh... material de ciências ia da empresa para lá, para demonstrar as coisas, os princípios das coisas, era muito engraçado. Quer dizer, isso eu fui... com a minha directora, com a chefe mesmo da empresa. Ela é que me levou. Duas vezes. Mas ela depois era excelente, porque ela telefonava-me mesmo para me motivar. Era mesmo muito boa, nesse aspecto. Eh... depois, eu fiz essas visitas todas, que era para fazer vendas, mas primeiro levava os catálogos, para ver em que é que eles estariam interessados. Eh... eu também entrei lá... também entrei lá... eh... cheguei lá a fazer uma demonstração. Lá está, a tal, uma coisa que é boa para as pessoas. Quando se está na faculdade, as pessoas devem estar sempre a fazer apresentações... porque aprendem tanto, é que não sabem, mas aprendem tanto daí para a frente...! Que lhes faz muito bem, que eu vejo hoje que a diferença em relação a isso, pronto, em mim. Tenho uma grande facilidade agora, hoje em dia, de ir a uma entrevista. Não tenho dificuldade nenhuma. Digam-me o que me disserem de frente. Aceito. Não ponho problemas. Eh... porque também, também me custou muito, iniciar a, fazer apresentações para o público! Fazer apresentações

de trabalhos...! E também ir a... apresentar já em auditórios também. E... passei por isso tudo. Não eram só trabalhos, que nós depois tínhamos que apresentar ao professor...”

Investigadora: “Focou um factor novo, as entrevistas de emprego. Lembra-se de algo mais acerca dessas entrevistas? Como é que se passaram?”

Entrevistado: “Sim... Portanto, uma pessoa quando vai para uma entrevista de trabalho, tem já, tem já muitas regras, que tem que obedecer. Há as regras do vestuário, tanto para homens como para mulheres. Podia estar a dizer as regras, mas não vai interessar. Eh... depois disso, há as regras de chegar 5 minutos antes. Estar lá 5 minutos antes. Nunca depois da hora marcada e 5 minutos antes da hora marcada. Isto é logo muito importante. Depois, tem que se mostrar confiante, tem que se mostrar que sabe o que é que vai querer. Tem que, se puder, no fim, pode, deve fazer perguntas. Tem que também responder, e aqui também há uma coisa importante nas respostas, tem que se ser conciso nas respostas. E ao mesmo tempo, não se pode alongar. E há depois perguntas de rasteira, que são perguntas como “descreva a sua vida”... que a pessoa tem que dizer mais ou menos por tudo o que passou. Quer dizer, mas tem que tentar ser, tem que ser muito... eh... como é que se diz... portanto, tem que estar muito calmo. Tem que estar de olhos nos olhos sempre com o entrevistador, que isso revela confiança. Se a pessoa não tiver de olhos nos olhos, é desconfiança. Portanto, perante isto tudo, eh... mas, pronto, como eu já fui a muitas entrevistas, para trabalhar para muitas empresas, já passei por muitas entrevistas. Portanto... Elas vão-se repetindo. Com pessoas diferentes, com pessoas, pronto, algumas mais autoritárias, outras menos, outras com outros perfis, mas todas diferentes. Mas com... uma uniformidade. Depois as perguntas que nós devemos fazer são perguntas sobre o número dos empregados da empresa, o capital da empresa, para saber se é uma coisa muito grande... ou não... porque isso ajuda também a saber se o emprego é estável ou não. Isto também, também é relevante... isto... ter... também treinado, também é muito útil. Saber dizer “não”, também é uma coisa que é bom, é uma coisa que... saber dizer “não” a coisas que se peçam. Depois deve-se ter aquela boa conduta, que é... Boa conduta e a responsabilidade, que isso é muito importante depois. Pronto, respeitar os outros colegas e ser respeitado, pronto... Isso já chega, regra geral, já chega. É claro que depois, há sempre um colega ou outro que gostamos mais, há sempre boas relações...”

Investigadora: “Lembra-se de algum episódio em que tenha ido a uma entrevista de trabalho? Como é que aconteceu?”

Entrevistado: “Por exemplo... aqui há uns anos, começaram a aparecer os anúncios de Call-Center. Portanto, e eles quando querem anúncios de Call-Center, chamam muita gente para uma sala, mas depois não dizem quase nada. Dizem que se vai para um sítio, mas depois não dão informações. Portanto, ali é para ver, é para saber quais são as pessoas que querem, que mais intervêm, no género de perguntar “o que é que vamos fazer”, “para onde é que vamos”, “o que é que é preciso”, “a que horas é que é para estar”, “qual o horário”... e outras coisas também. Portanto, houve pessoas que, portanto, nesse grupo, houve pessoas que realmente estavam incisivas. Ora, eu, não. Eu não percebi, não é, por exemplo, o que é que se estava ali a fazer. Portanto, no fim, também só se via no fim, portanto, porque ele ia mandando sair, aqueles que, que, pronto, que depois o senhor, eram aquelas pessoas que ele achou de bem, para o Call-Center. É claro que eu, depois, fui dos últimos. Pronto, mas eu não tinha perguntado nada! Pronto, eu não fui escolhido, como outros também. Mas quer dizer, mas isso já aconteceu uma ou duas vezes, também. Mas eu também nunca... nunca quis ir para um Call-Center... Não é o meu perfil, de estar a atender telefonemas. Eh... e a receber, portanto, só o exterior, só recebendo. Para aí ainda tentei ir, mas também não, nunca consegui entrar.”

Investigadora: “Lembra-se de algum episódio em que tenha ido a uma entrevista de trabalho, na qual tenha sido bem sucedido?”

Entrevistado: “Portanto, esta... Ah, eu já tive várias positivas. Até posso dizer mais do que um, até. Portanto, foi muito engraçado, uma... porque, a OED, portanto, do Centro de Emprego, portanto, propôs-me para um emprego de tesoureiro numa empresa, liderado por uma senhora. A senhora gostou muito de mim. E eu gostei muito de estar em conversa com ela. Portanto, abri-me e mencionei que tinha uma colecção de filmes. Pronto, que eu nunca tinha feito isso com outras pessoas, mas aquilo, ali a empatia, que eu criei com aquela senhora foi muito grande. Eh... por eu ter falado em filmes, ela marcou-me para o dia seguinte ir a uma entrevista na Blockbuster, porque o marido dela é o administrador da Blockbuster, o marido. Depois o marido, quando soube que eu tinha a colecção, foi uma pequena reunião muito rápida... porque ele só queria, ele já, já me queria, porque ela já devia ter falado sobre mim, muito, portanto entrei logo. Portanto foi logo um acordo e... Pronto, eu fui logo trabalhar. Foi assim, foi muito engraçado. Um bocado, geralmente, fora do comum.

Depois agora, quando eu estou a trabalhar, agora, na Sodehxo, no Hospital Curry Cabral, tive uma entrevista com um senhor, pronto, que é o... que é o gerente dali. Pronto, tem muitas coisas em cima dele, porque é uma multinacional, está em Portugal e está em todo o mundo. Portanto, e na entrevista, ele queria saber coisas. Ele queria saber, disse-me que eu ia lidar

com pessoas muito diferentes, disse-me que eu de tempos a tempos, ia passar dois dias seguidos a... Dois desses esses, que eram para andar na camioneta a fazer distribuições. Eh, mas esses dias não eram, portanto, era mais um período no mês, mas depois parava e depois voltava às funções habituais. Ele também me fez rasteiras. Ah, mas eu depois fui-lhe respondendo. Depois ele também disse assim: “depois tem que fazer cargas e descargas”. Mas depois eu respondi-lhe: “mas eu já estou habituado a isso; então, por causa dos meus DVD’s, já não tinha espaço para aquilo, estava tudo em pilha, tive que estar a construir estantes com o meu irmão... E depois, tivemos que construí-las em Azeitão, (temos lá uma casa também... que tem muito mais espaço ao ar livre e é ao ar livre que tratamos disso)... E depois carregá-las, ou seja, carregámos a madeira para lá. E depois trouxemo-la de volta”. Já fizemos duas estantes... O meu irmão é especialista na... pronto, em marcenaria. Portanto, fizemos e depois trouxemos. Depois lá pusemos os DVD’s todos. Pronto, foram entrevistas... Porque ele queria saber se eu estava disposto a mais funções do que aquilo que... E eu disse que sim, que estava. Eu até tenho lá estado com tantas funções ali dentro... Pronto, mas ao mesmo tempo, a entrevista... Ele gostou imenso de mim. E continua a gostar imenso de mim. Quer dizer, as coisas não andam a correr tão bem, mas agora quando eu voltar... eu vou voltar, vou acatar e fazer o que eles querem.”

Investigadora: “Diz que as coisas não estão a correr tão bem, como assim?”

Entrevistado: “Não, porque eu estou a descascar batatas, mas não estou a descascar uma a uma, é uma máquina que o faz. Mas eu meto lá as batatas, mas a máquina, depois a água, que vai ao mesmo tempo... E a máquina depois, como tem uma rotação interna, uma parede interior totalmente abrasiva vai retraindo a pele. Mas se tiver tempo demais, as batatas vão diminuindo de tamanho e depois ficam completamente, completamente... limpas de pele, mas eles não querem isso. Eles querem um pouco menos tempo na máquina... e mais batata, com os olhos de água e mais assim. Portanto, aquilo também é, é simples. Porque eu costumo parar a máquina para ver em que estado é que está, portanto eu vou passar a fazer como eles querem, que é para haver mais batata, que eles ali são muito rigorosos, muito rigorosos.”

Investigadora: “Referiu que trabalhou várias vezes para a UNICEF. Lembra-se de mais algum pormenor que queira contar relativamente a essas alturas? Como é que tudo se passou?”

Entrevistado: “Ah, por exemplo, também tem episódios giros... Em 93 e 94. Primeiros dois anos de, com responsabilidade. Eu, o meu irmão e uma vizinha, que agora já não mora aqui, mas nossa amiga, também. Os três íamos buscar lá o material ao armazém e montávamos

bancas à porta das faculdades. Depois vendíamos e depois fechávamos as contas, mensalmente, e depois entregávamos todos, depositávamos e entregávamos tudo, pronto, à UNICEF. Nesses dois anos. Dois anos, quer dizer, nesses seis meses, porque eram três meses cada... porque a UNICEF só funciona nesse período de venda ao público. Portanto, foram esses três meses de 93 e 94. Depois, não é, como aquilo correu bem, não houve, portanto, as contas bateram certo, para o ano seguinte já se entrou para o armazém, para a loja do armazém. Pronto, a loja do armazém já era outra coisa, já tinha outros funcionários, que eu fiquei amigo deles todos. Eh... aí, já havia outro tipo de ligação, porque íamos almoçar todos juntos, pronto, aquilo parava tudo. Íamos todos e depois vínhamos todos ao mesmo tempo para trás. Trabalhávamos muito. Portanto, em 95, 96, 97, assim.

Depois, houve promoções... Portanto, o chefe do armazém passou para o... para o escritório. Também tem uma loja, depois na mesma rua, mas... Depois os outros também saíram. Dois deles passaram também para sede. E passaram a fazer distribuições, porque um armazém também ainda continuou a ser, mas depois criou-se outro armazém muito maior. Pronto, depois, eu fiquei só nos outros anos seguintes. Estava só eu, mais outro... funcionário, que já lá, da casa. Portanto, mas eu era... Aquilo era divertido. Aquilo também foi giro. Eu, houve anos, que eu já não estava ali, mas estava nos centros comerciais, empresas... Bem, eu no dia seguinte, eu ia lá, pedia os molhos de 100 que a empresa tinha pedido, levava e no dia seguinte entregava às pessoas quando lá iam pedir. Eles também tinham confiança em mim, para fazer isso.

Depois, estive assim... estive aí, no ano de 2000, estive no Corte Inglês. Mas, no Corte Inglês, foi terrível, porque eles puseram todo o vinho à venda mesmo à frente do espaço que eles, lá da UNICEF. Ora eu comecei a dar palpites sobre o vinho. Então, isso não foi nada bom. Eh... depois falava sobre o vinho... Eles não gostaram disso, pronto, depois foi, mas... Quer dizer... mas também tive, tinha uma colega, que ela é que era a responsável. Mas eles, portanto, ela é que fazia as contas, fazia os depósitos... Nunca chegava a horas! Ela chegava um pouco depois. Eu abria tudo, e pronto, eu já lá estava... Ela chegava depois de mim! Pronto, e os depósitos, tudo levava tempo. Ela, ela ficou boa amiga minha, porque eu suportava o trabalho dela. E pronto. Depois, voltei para a UNICEF, para a sede, para a sede não, para a Zona Jota, onde era o armazém. O pequeno armazém. No Feijó, é tipo grande, grande... eh...

Depois... Eu tive esses outros empregos, da EXPO 98, foi de Março a Outubro de 98. Portanto, em Outubro, em 98, depois novamente UNICEF. Em 99, eu trabalhei para a MT

Brandão. Portanto, os seis meses, os primeiros seis meses do ano. Portanto, no fim do ano, mais uma vez, UNICEF. Na loja, outra vez. Depois, havia uma grande união entre os dois, íamos embora em conjunto, almoçávamos lá... Depois, eu era impaciente, mas isso era na hora do almoço... Almoçava, mas depois queria trabalhar. Não queria ter mais tempo de pausa. Mas tinha direito a isso. O meu colega, que era o meu chefe: “não, Henrique, é aqui hora e meia” (risos). Mas eu queria trabalhar! Está a ver, que é uma coisa que é diferente do comum. Que é uma, portanto, eh... Também é, também esta coisa que é da apneia do sono, que eu sofro, também só conheço isso de há uns anos para cá. Mas eu gosto muito disso, porque durmo com máscara, que é uma máscara de sono, eh... Pronto, e aquilo dá-me um repouso absoluto. E portanto eu estou sempre preparado o dia inteiro para o trabalho, a manhã e tarde. Depois do pequeno-almoço, dá a manhã toda, e do almoço, dá a tarde toda. Portanto, nunca preciso de pausas (risos). Eh... e tento chegar sempre a horas... e quase sempre estou lá a horas. Quer dizer, há um dia ou outro que me atraso... Eh... mas quer dizer, mas eu sou uma, como vejo a vida positiva, tudo o que me correu mal para trás, tudo isso, foi servir para aprender. Os obstáculos que eu passei, também foram bons para aprender, porque também tive que sofrer um pouco para aprender. Eh... Ao mesmo tempo, estou a ter empregos mais estáveis e mais prolongados. Eh... e ao mesmo tempo, isso não acontecia no início. Portanto, aos poucos, vou cimentando a minha capacidade de trabalho. Pronto, também é, tem que ser...”

Investigadora: “Referiu a palavra “obstáculos”. Ao que é que se refere, concretamente?”

Entrevistado: “Obstáculos, perder aquele, aquele ano e não entrar na faculdade, isso foi um obstáculo... Não ter entrado numa faculdade, para um, não ter entrado num emprego, é um obstáculo... Ter corrido mal um, mal qualquer coisa, que eu tive também... que eu candidatei-me para Segurança, por exemplo. E fui admitido. Mas estive lá um mês... Aquilo é preciso estar calado. O dia inteiro... com horários terríveis. Mas eu não conseguia estar calado... Depois, portanto... os rompimentos amorosos... também são um obstáculo.”

Investigadora: “Referiu “rompimentos amorosos”. Lembra-se de algo mais acerca desse assunto?”

Entrevistado: “... Sim, quer dizer... Não é um assunto em que eu esteja muito à vontade para falar... Não desejo entrar muito por aí... Mas... Falo de outros assuntos, também... Por exemplo, eu tive empregos por três meses e saía e não sabia porquê... porque não sabia adaptar-me... como esse de segurança.”

Investigadora: “Referiu que trabalhou no Blockbuster. Lembra-se de mais algum detalhe acerca dessa fase da sua vida?”

Entrevistado: “Esse foi um emprego para mim... excelente. Primeiro de tudo, porque eu tinha rotina... que é uma coisa muito importante para quem tem o Asperger. Portanto, eu fazia todos os dias a mesma coisa, porque pôr os filmes na base de dados, estava a criar as fichas deles, um por um, dava trabalho, mas pronto, eu fazia muito... Portanto, aquilo era sempre, eu sentia-me... numa coisa boa, porquê, porque era uma rotina, eu estou habituado às rotinas... como qualquer outra pessoa que tenha estas dificuldades... eh... habitua-se e sente prazer também. Eu sentia prazer naquilo que eu fazia.”

Investigadora: “Referiu também que trabalhou na Galp. Lembra-se de mais algum pormenor que queira partilhar acerca dessa fase?”

Investigadora: “Pois, aí foram-me atribuídas, desde início, funções às quais eu não tinha direito, porque eram funções de chefia. Portanto, e eu entrei apenas a trabalhar em part-time. Mas, mesmo assim, já nessa altura, eu tinha aquelas funções, porque era assim, eu não fazia caixa. Portanto, eu tinha funções que... que, provisoriamente, atendi clientes a tirar cafés, mas não era função minha. A minha função era mais estar na parte de braços, a pôr bebidas, lá a encher prateleiras com bebidas, a fazer... a fazer arrumações. Aquilo de vez em quando vem... as entregas dos produtos. E aquilo depois tinha que ser conferido, aquilo das conferências tinha que ser conferido pelas supervisoras, mas elas confiavam em mim. Se calhar, eu transmito uma imagem de segurança, de honestidade, que depois as coisas, pronto, de modo a que... aceitavam que eu fizesse aquilo. Pronto, depois eu passei a fazer isso. Depois disso tinha, no fim-de-semana, de... depois de eu lá estar, fiquei quase um ano em part-time, que era da parte da tarde... pronto, e ao fim de um ano, passei para full-time. Pronto, já tinha mais funções, porque de manhã, fazia, tinha a recepção dos jornais, a recepção que eles lá iam entregar e depois tinha que arrumar tudo lá ao fundo... Tinha que fazer a conferência do que chegava, a ver se batia certo com as folhas... Depois, tinha colegas que me ajudavam a fazer isso, porque era muita quantidade... porque era logo de manhã cedo... Mas depois, tinha uma coisa muito boa, que era, porque depois eu chegava ao fim da semana, à quinta e à sexta-feira e fazia a devolução daquilo que não tinha sido vendido... as tais devoluções, que eu adorava fazer. Pronto, quando eu chegava a esses dois dias, eram os dias inteiros para as devoluções... que... era à quinta e à sexta, que aquilo dava muito trabalho mesmo, mas eu adorava fazer isso. Também era outra função de supervisora.”

Investigadora: “Disse que em 2001 e 2002 não trabalhou e que foram anos difíceis. Lembra-se de como foi essa fase, o porquê de serem anos difíceis e como tudo se passou?”

Entrevistado: “Pronto, sim. E não foi só 2001 e 2002... Foi, 2004 também foi... 2003 não, porque foi um ano de experiências, mas... Portanto, em 2001 e 2002, eu não trabalhei, nem para a UNICEF... Portanto, foram anos que eu andava sempre... eh... Portanto, eu tinha saído, eu saí da Galp. Quer dizer, eu estive na Galp, mas a Galp foi mais para a frente. Portanto, isso foram anos anteriores. Foram anos em que, eu... pronto... estava sempre a responder a anúncios, pelos jornais, mas depois a minha idade foi avançando, já não estava de acordo com o que os jornais dizem... Embora saiba pelos advogados que... as... quando aquilo está escrito nos jornais é... que aquilo não é válido... porque não se pode impor limite nas idades das pessoas, por lei é proibido... mas todos põem, na mesma. Portanto, era um ano que eu respondi muito a anúncios, portanto, e depois... Inscrevia-me no Centro de Emprego, porque eu agora estou apoiado também pelo grupo, por aquele departamento que é a OED, no Centro de Emprego, mas antes disso estava sempre... no Centro de Emprego. Pronto, e estava lá a inscrever-me, a ler as valências daquilo que eu já tinha aprendido, depois ir lá para lá, mas não conseguia arranjar emprego. Portanto, foram anos difíceis, porque... porque depois é muito tempo para estar em casa e depois isso tem um grande senão. Os meus pais, como vê, têm já muita idade, eh... por... Embora nos demos todos muito bem, há um grande choque... de idades. Eh... que quando uma pessoa está a trabalhar, há uma coisa que é bastante boa, que... mesmo que esteja a trabalhar com pessoas de outra idade, eh... a pessoa tem, portanto, metade do dia, pelo menos, está a trabalhar... e depois a outra metade está em casa. E isso por si é muito bom, porque há um equilíbrio... Quando... pronto... e isso ajuda. Quando não se está a trabalhar, esse equilíbrio acaba. Portanto, fica tudo mal. E assim, pode-se chegar à saturação, pronto... Eu não entro em depressão, nesses períodos também, porque eu também viro-me para os meus... para aqueles meus interesses, não é... Prossigo aquilo que eu quero saber, leio, bem, também tirava muitas fotografias... eh... Mas, no entanto, depois, as oportunidades vão surgindo... A pessoa também não pode... Foram anos em que... Tive anos em que eu tive, o IRS foi “zero”... Preenchia-se aquilo só por preencher... Não tinha nada de nada de nada. Pronto, depois 2003 já foi um ano razoável, porque já trabalhei para a UNICEF. Já trabalhei para a UNICEF em 2003, mas... mas de resto não trabalhei. 2004 também foi mais ou menos assim, só depois daí para a frente é que as coisas começaram a melhorar.”

Investigadora: “Referiu que teve conhecimento do CADIN. Lembra-se de como se gerou essa situação? Como é que tudo aconteceu?”

Entrevistado: “Ou seja, nós conhecemos o CADIN... porque... eh... porque a minha mãe fez-me fazer uns testes, uns testes de memória... eh... cognitivos... eh... com uma senhora, com uma médica, que me ia apresentando umas tabelas, umas letras, uns textos, era uma coisa e depois eu tinha que replicar aquilo que ela me tinha mostrado... Pronto. Pronto, e depois tirou daí conclusões, que não eram lá muito boas para mim, porque eu havia coisa que eu conseguia replicar, outras que não. Portanto, depois disso, houve, portanto... A minha mãe tinha uma, uma, pronto, uma médica que a acompanha, que depois ela, essa médica, eh, pediu que nós fôssemos ser consultados por um neurologista, e nós fomos. Pronto, e esse neurologista, que é o nosso médico hoje em dia, que é excelente. Fomos até ao... até... até ele e ele depois recebeu-nos. Pronto, ele viu que nós éramos um pouco diferentes da maioria, havia qualquer coisa que não estava bem... Portanto, e então ele também trabalha no Hospital de Oncologia, esse médico, eh, é um grande médico mesmo... Está sempre super atarefado. E então esse doutor, depois é que nos falou no que... que nós devíamos consultar o CADIN. Eh, e então depois nós fomos para o CADIN. Portanto, aquilo era neurológico. Portanto, ele achava que havia qualquer problema de neurologia. Eh, no CADIN... depois, há outro médico lá que não é um dos grandes médicos lá, mas é o outro que está quase ao nível dele, que é outro médico excelente, onde passámos a ter consultas com ele. Pronto, e ele logo que nos conheceu, diagnosticou-nos o Síndrome de Asperger. Foi logo, praticamente... Foi muito rápido até. Eh... pronto, também nos fez olhar para nós próprios com mais introspecção, com mais interesse... tentar analisar tudo aquilo que tinha passado para trás... Portanto, eu tinha 33 anos... há sete anos atrás. Pronto, foi em 2002.”

Investigadora: “Referiu que lhe foi diagnosticada a Síndrome de Asperger. De que forma é que isso moldou ou mudou a sua vida?”

Entrevistado: “Eu não acho... quer dizer... Eh, eu não gostei que isso tivesse acontecido. Portanto, é assim, portanto... mas também não me importei. Portanto, por um lado, eu compreendo algumas formas que eu tenho dificuldades, depois fez-me ver aquilo que eu tinha errado para trás... Portanto, fez-me também ter procurado informação e ler livros sobre o assunto... Pronto, que foram muito úteis... eh... Pronto, e que até tenho os livros aí, que já os li... eh... mas, no entanto, não é coisa que eu fale assim, portanto, também não me interessa muito. Portanto, eu sou uma pessoa muito humana, muito calma, muito serena... pronto, por mim, mas eh... e também foi com o tempo que foi crescendo e portanto são as minhas características principais... mas no entanto... Depois tenho dificuldades no lado emocional, mas isso também... mas isso tem a ver com o Síndrome de Asperger, porque ele dificulta

eh... Dificulta depois as relações, portanto, porque não permite os contactos, não é não permitir, não... Retrai-nos... Pronto, e complica um pouco tudo isso. Eh... mas no entanto, eu já aceitei, quer dizer, na primeira altura, também... também achei, eh... Achei, portanto, porque eu achei que, também quis saber o que é que era o Síndrome de Asperger, não é? O Síndrome de Asperger está ligado ao Autismo, só que é uma escala grande, em que o Autismo está num topo e o Asperger está quase no outro topo. Portanto, aqui é o topo, e cá em baixo é que está o Asperger. Portanto, mas só que... Aqui, os graus de Asperger podem ser variados. Eh... Por outro lado, eu aceitei... eh... estes anos também, de crescer, de não só também começar a ter estes empregos, que eu estou a sentir-me melhor, em que eu estou mais tempo nos empregos, em que há, há maior equilíbrio... eh... Portanto, há um equilíbrio com a casa, tudo isso também é bom, porque dá para sentir que... que não... Põe o Asperger para trás das costas. Depois sou... Depois sou apresentado como tendo isso, mas quer dizer, eu depois não ligo a isso. Quer dizer, eu sei que tenho, mas não, não me... Não me enerva, não me sujeita nada... Tenho aquelas contingências, eu aceito-as...”

Investigadora: “Disse que o seu pai também tinha Síndrome de Asperger, embora não admitisse. Pode contar-me algo mais acerca disso?”

Entrevistado: “Sim, até posso. O meu pai, quando era mais novo, já, portanto ele agora é dependente, portanto ele agora não vê, já não pode conduzir, que eram prazeres imensos para ele. Portanto, mas no entanto, quando o meu pai era mais novo... O meu pai sempre foi uma pessoa, o meu pai é uma pessoa que tem uns defeitos terríveis. Uma pessoa que, primeiro que tudo, não pede desculpa por nada. Uma pessoa de uma desconfiança incrível. Tem ciúmes que é uma coisa, quase doentios, mas... Isso agora... eh... mas, no entanto, toda a vida não tolerava que a minha mãe usasse maquilhagem! Portanto, se ela usasse maquilhagem, se fosse a uma festa de família, era a correr passado um bocado de lá estar: “vamos embora”, muito impetuoso, de uma forma... E muito bruto... Ele ainda é, ainda hoje é... O meu pai, para humilhar qualquer pessoa que ele esteja disposto a isso, ele humilha qualquer pessoa. Que ele tem um “quero, posso e mando”, por exemplo... muito vincado. Portanto, mas, no entanto, quando havia as festas de família, ele ia para a, para a cozinha, lá para a cave, e aí transformava-se. Ou seja, tem um role de anedotas para homens, tem outro para senhoras e depois tem outro que podem ouvir os dois. Ele, portanto, era o centro das atenções... e isto depois era a noite toda... Quer dizer, até à hora de se deitar... Sempre assim, sempre que havia festa, nós temos uma família muito grande. Portanto, depois em casa, amuava por tudo... e nada... Por muita coisa, amuava. Depois, tem... havia uma tendência que... Só

aceita que as casas-de-banho a que ele vá são as da casa, não pode ser nenhuma em lado nenhum. Portanto, e isso também é uma, é uma limitação. É uma limitação que também provém... porque há coisas fixas no Asperger, e depois ninguém aceita que seja diferente. Eh... e no caso dele, portanto, como disse, o centro das atenções, não é? Ficava todo, todo... Ele adora estar no centro das atenções... Sempre adorou... mas também, basta beber um bocadinho de álcool, que fica logo... super bem-disposto. Portanto, o meu pai basta beber um bocadinho de álcool e começa logo a contar anedotas. Pronto, mas no entanto, hoje em dia já não, e já não vai a festas... porque também, quer dizer, já ninguém mais tem a idade dele também. Já só há um pouco abaixo, a minha mãe e a irmã dela, mas está com 70 e 75... Pronto, o meu pai já tem 84. E depois o resto da família, é tudo para baixo disso, quer dizer, 50, 40... entre 40 e 50 somos muitos. E depois os filhos... uns dos outros... Portanto, já todos têm as suas vidas... e... Portanto, depois ninguém lhe dá, portanto, aquela parte de, de... falar com ele... Portanto, houve sempre aqui estas tendências...”

Investigadora: “E de que forma é que essas características que referiu acerca do seu pai o afectaram a si?”

Entrevistado: “Eu tenho muita coisa igual ao meu pai, mas há coisas que eu não sou. Por exemplo, eu sou uma pessoa muito paciente, muito tolerante. O meu pai, claro que não, é o contrário. Outra coisa que o meu pai também fazia era assim, se a minha mãe não tiver em casa até ao meio-dia e meia ou uma da tarde, e foi assim muitas vezes, íamos almoçar fora. Imediatamente. E estava lá, tinha uma folha escrita a dizer que tínhamos ido almoçar fora. E íamos mesmo... Mas isso aconteceu dezenas e dezenas de vezes! Eh... portanto... sempre foi assim, muito impetuoso, nesse aspecto. E o meu irmão também é um bocado impetuoso. Mas eu não sou. Eh... pronto... e depois há coisas também que se passam pelos genes. Eh... pronto... e estava essa característica. Pronto não estávamos em casa... Já fomos a tantos restaurantes, tantos, tantos... e depois, aos mesmos, não sei quantas vezes... e depois, com muito gosto, sempre com muito gosto... e depois com o meu irmão a conduzir, que só bebe água, que está ótimo... eh... mas também há outra coisa... O meu pai agora depois de finalmente, pronto agora com a idade, não é... Pronto, estas limitações todas que a vida lhe impôs, já de há uns quantos anos que não sai de casa a não ser para ir comer. Portanto, isso já era uma coisa boa, portanto... Já não foi mal... Quer dizer, não é bom nem mau... Ele ficou mais por casa... porque ele, também é outro... O meu pai era os carros, tem tido muitos carros e depois adorava fazer as rodagens, mas as rodagens pelo país todo! Íamos para o norte, não é, depois mostrava-nos, quer dizer, o meu pai gostava muito de fazer viagens

conosco os dois! E fizemos várias. Também, também tem coisas boas, não é só, tem qualidades. Eu acabei o meu curso superior, o meu pai levou-me a passear por Espanha, eh, mas uns quantos dias ainda... catorze dias, ou quinze... só os dois... Foi muito agradável, mesmo. Foi, foi excelente. Eh... Mas depois, mas por exemplo, mas depois há esta questão que nós os dois somos muito influenciados, porque como tivemos sempre com o meu pai, só saíamos quando ele saía. E portanto, desde que ele esteja em casa, nós também estamos. Está a perceber? Portanto, há uma ligação, que não se percebe, mas que, mas está, está, há uma influência nesse sentido. Que está subjugada, mas está mesmo... está lá mesmo...”

Investigadora: “Referiu que trabalhou para a Galp, no projecto-piloto, e que depois o contrato não foi renovado. Como é que foi, para si, viver essa experiência?”

Entrevistado: “Eu estive lá dois anos e meio. Dois anos e meio... eh... Portanto, depois aquilo mudou de direcção... Mudou a direcção e... Quando mudou pela terceira vez, nesses dois anos e meio, o projecto-piloto foi muito rigorosamente analisado, até demais, porque foi cancelado de um lado. O meu irmão não. Pronto, eu saí.”

Investigadora: “E o que é que pensou ou sentiu na altura?”

Entrevistado: “Quer dizer, eu aceito quando não sou renovado. Quer dizer, nós não podemos fazer nada. As ordens vêm de cima, foram transmitidas... mas eu, eu nesse aspecto também, como vejo de uma forma positiva a vida, eu não me preocupo muito quando acaba um emprego. Que eu até hoje... eh... Depois de estar inscrito na OED, eu até acabo um emprego e fico à espera que eles me proponham outro.”

Investigadora: “Referiu que teve conhecimento da OED. Lembra-se de mais algum detalhe acerca dessa altura? Como é que as coisas se passaram?”

Entrevistado: “Portanto, foi no Centro de Emprego, que por ver que não conseguia arranjar nunca colocação, portanto... O Centro de Emprego fazia-nos ir a sítios... procurar emprego, que eles estabeleciam, mas depois nós nunca entrávamos para lado nenhum. Pronto, e isso também nesses tempos que foram mais, que foram menos produtivos. Eh... mas depois, nós também, por causa destas... destas perturbações que nós temos... também... Nós também, nós temos uma senhora amiga na Segurança Social, quer dizer, no atendimento da Segurança Social. Uma pessoa que sempre se preocupou conosco, que adora a minha mãe e depois, e também a nós... Então e ela é que depois, não é, como viu que nós estávamos com muitas dificuldades... disse que havia esse OED. Pronto e que nós devíamos lá ser inscritos. Pronto, o meu irmão não, porque o meu irmão nunca foi lá inscrito, porque o meu irmão nunca saiu

da Galp. Continua ainda hoje. E vai continuar. Eh... portanto, o meu irmão não precisou, mas eu fui-me lá inscrever. Fiquei a saber onde é que foi, a minha mãe levou-me lá, que aquilo é lá para os lados da Rua Maria Pia. Lá para, ali para os lados da Parede, mas aquilo pronto, aquilo é longe daqui... mas seja como for, há autocarros que nos levam lá... Eh, então lá fui. Portanto, e aí... eh... Portanto, foi uma técnica que lá trabalha que me inscreveu, depois... Aí, quiseram que eu aí pusesse, portanto aí logo quiseram que eu pusesse o meu currículo no modelo europeu, que é como ele está hoje. Portanto, depois disso... Estão sempre a fazer a pesquisa na rua a propor a empresas, pessoas para irem trabalhar para as empresas com deficiência, depois... Chamam-me de tempos a tempos para lá ir, para, para rever entrevistas... mas, no entanto, eu fui sempre que me chamaram. Eh... depois com outras pessoas também, com algumas deficiências também ali ao meu lado. Mas depois fazem lá sessões de “brainstorming”, como se fosse uma entrevista... E nós temos que imaginar que vamos candidatar ao emprego. E depois o que é que nós vamos, temos que falar das nossas características, o que nós não devemos dizer. Devemos apenas dizer que temos um pouco de teimosia... porque isso é comum a quase toda a gente. Às vezes são uns mais que outros... Portanto, está a ver? Isso é um dos defeitos. É uma coisa boa para dizer numa entrevista, porque é uma coisa real... eh... e então já está a falar de um defeito ou outro que tenha que já é bastante bom. Não é só dizer “sou...”, coisas, tudo o resto que é impositivo. Portanto, fazíamos isso. Eh... depois, foram-me arranjando os empregos. Portanto, eh... na Blockbuster, foi daquele modo cruzado, como eu já lhe disse. Portanto, posteriormente à Blockbuster, o seguinte, aquele onde estou agora, não... Este agora não é... Eu estou a confundir, não este aqui foi por uma entrevista... que eu fui... mas foi através da OED foi... Foi... Foi sim... Este foi directo... Mas pronto, portanto, este também foi, porque o Hospital Curry Cabral, eh, tem, tem portanto, a Sodehxo, a empresa, que depois tem um... Portanto um edifício dentro de um hospital, carregado de cozinheiros, que fazem a comida para todos os doentes... Para todos os doentes do hospital... e não só, depois os funcionários também comem lá... e os médicos e os enfermeiros.”

Investigadora: “Referiu que o ano de 2004 foi um ano em branco. O que é quer dizer com “ano em branco”?”

Entrevistado: “Foi um ano em que eu não trabalhei... Depois reflecte-se... Aliás, não foi o ano 2004... Foi o ano 2003. Foi um ano de recessão, porque depois o IRS de 2004 é que estava em branco. Quer dizer que são rendimentos nulos... rendimentos nulos... eh... viver

completamente dependente dos pais, não receber... pronto, tem essas características, que não são nada benéficas.”

Investigadora: “Já mencionou, algumas vezes, o facto de trabalhar, actualmente, no Hospital Curry Cabral. Quer relatar algo mais acerca disso?”

Entrevistado: “...É uma experiência em que uma pessoa tem que ter um pouco mais de cuidado, porque lida com muita gente diferente. Por exemplo, eu ali dentro, a maior parte são mulheres, mas eu também já trabalhei com muitas mulheres na UNICEF e era completamente, as coisas eram muito mais correctas. Ali não é assim, porque há pessoas ali, que são muito autoritárias... mesmo até algumas mulheres... eh... Depois... por cima disso até, por exemplo, pôr o chefe, que é o gerente da firma, eh, há uma coisa que é ali no hospital, eh, há uma dietista que é do hospital, que é a pessoa que tem, que está todos os dias a vigiar quando se está a fazer a comida para os doentes. Portanto, que é uma obrigação dessa senhora. Mas... por o meu chefe, por esse chefe não... Portanto, essa dietista superior tem agora outra vertente. Como, não é responsável por nenhuma outra área, a não ser por aquela quando estamos a fazer a comida para os doentes. No entanto, quando não gosta de qualquer coisa que vê, está lá sempre a observar, é terrível e já fez, já despediu pessoas e não é ela que manda nisso... Marca pessoas e manda-as para outros hospitais... e depois, e depois ficam na lista negra dela. Mas ela é uma líder, pronto, mas não tinha direito a isso. Portanto, foram funções que não lhe foram atribuídas, mas que o chefe deixou que ela assumisse... Está a perceber? Mas isto é ali um caso depois ali entre todos, todas as pessoas ali e depois há um chefe de cozinha. Depois, há outra senhora que também é chefe, quando o nosso, quando o gerente não está... E pronto, esses já são bastante mais, são bastante mais agradáveis. Quer dizer, com o chefe da cozinha já se brinca, que ele gosta, também gosta de brincar, há boa disposição. Depois há boa disposição com os distribuidores da comida... Tem que se, são homens... porque aquilo envolve pegar em pesos muito grandes. Eh... mas aí já há boa disposição, mas depois há uma certa diferença, porque há dois, aquilo é grupos de dois... mas tem interligação... Portanto, um trabalha dois dias... São dois de cada vez, trabalham dois dias e depois folgam dois dias. Mas aquilo está sempre em rotação. Portanto, um trabalha dois dias... Um trabalha dois dias... O outro trabalhou o dia anterior e aquele dia. Depois folga estes dois dias. E então, os quatro andam sempre em rotação... um com o outro. Mas depois... destes quatro, dois deles... são bons parceiros e gostam de almoçar em conjunto... Os outros dois... não almoçam... desaparecem dali para, até à hora... Quer dizer, ali a maior parte das pessoas almoça, vai tomar o café, eh... Depois estes homens não, não gostam assim

muito de conviver... Quer dizer, devem ter outros interesses... dentro do hospital, mas quer dizer, afastados de tudo o resto. Mas depois, aquilo é preciso cuidado... porque, eh, as pessoas depois há uma certa entreajuda, porque aquilo são muitas, são muitos lugares... muitas funções, e pronto, depois aquilo, ah... quando as pessoas podem, uns ajudam os outros a fazer isto ou aquilo também. Ali há uma boa união, porque as pessoas também já lá estão há muito tempo. Isso também é uma coisa boa que os empregos também geram com o tempo.”

Investigadora: “Quando iniciou a sua actividade profissional, tinha em mente o “emprego ideal” para si? Ou agora, depois de ter acumulado experiência?”

Entrevistado: “Não... Eu vou passando pelos empregos e vou gostando mais ou menos de uns ou de outros. Eu fiz comunicação com muitas empresas, que eu achava que eram as melhores para mim, sempre a mandar cartas... e responder a anúncios no jornal, que... que depois não era respondido ou não ficava. Portanto, eu fiz isso durante muito tempo e... não tinha frutos disso. E portanto, desde que eu passei a ter o apoio do CADIN, da OED... as coisas estão a correr melhor.”

Investigadora: “Referiu que é um pouco egoísta e resistente à mudança. O que é quer dizer com “egoísta e resistente à mudança?””

Entrevistado: “Portanto, nós todos somos um pouco egoístas... podemos ser altruístas... Portanto, altruísta é pensar nos outros e egoísmo é pensar só em nós. Portanto, e é na mesma escala, só que estão nas pontas. Depois há quem esteja no meio, tem um pouco de egoísmo e um pouco de altruísmo. Eu... tenho um pouco de egoísmo, mas depois também tenho... mas tenho mais altruísmo. E eu sinto isso. Eu penso muito mais nos outros do que em mim.”

Investigadora: “Pode dar-me um exemplo de uma situação em que foi egoísta ou resistente à mudança?”

Entrevistado: “Eh... em termos de trabalho, quando eu estava na Galp, na Galp Energia, e me passaram de... do horário das quatro horas, para full-time, não me tinham dito de antemão que isso ia acontecer... Portanto, quando disseram, disseram logo na hora... e dessa forma, eu reagi mal, porque não sabia daquilo de antemão. Reagi com um pouco de fúria... porque... quer dizer, já aprendi a controlar mais um pouco essa fúria, mas, quer dizer, lembro-me que fiquei, não queria aceitar, porque aquilo, já me deviam ter dito pelo menos uns dias antes, para eu... para eu aceitar, para eu arrumar ideias.”

Investigadora: “Disse que herdou algumas características da sua mãe: serenidade, tolerância e paciência. O que é que pensa ou sente em relação a isso?”

Entrevistado: “Essas características, eu tenho, sinto que tenho, e o bom senso também. Depois também tenho algumas características um pouco negativas, que provêm mais do meu pai. Porque o meu pai é uma pessoa conflituosa, sempre foi, muito conflituoso, muito desconfiado... e muitas outras coisas... ciumento... mas ciúmes doentios, não é só ser ciumento... ciumentos doentios. Mas, por exemplo, já vivemos noutros tempos também... e, pronto, eu penso que as relações também já podem ser mais abertas hoje em dia, e pronto, e depois depende das pessoas também. Mas, estas características são boas, porque a tolerância tolera as brincadeiras, tolera brincadeiras mais sérias... Também depois, não é só ser isso, que há outra característica também, mas essa agora não me estou a lembrar o nome... que é a capacidade de dizer “não”... quando ninguém está à espera. Mas isso é “determinação” acho eu... Já li um livro muito interessante sobre isso... mas é um livro que eu devia oferecer mas era, mas é para líderes de empresas, é um livro muito interessante que eu li de uma ponta à outra já... mas eu tenho que levar aquele para o meu chefe... Arranjar uma cópia e dar-lhe... eh... Não, mas, ao mesmo tempo, essas características depois todas conjugadas são boas, porque eu vejo a vida de uma forma positiva... Serenidade, estou sempre calmo, não tenho preocupações... eh, não tenho relações também... Portanto, ando na rua, estou serenamente, calmamente, não é, também não me meto com as pessoas... eh... com calma sempre... e gosto de me sentir assim, porque isto também gera boas relações... humanas... Nisso é bom... no trabalho... mas depois o rendimento é que às vezes fica um pouco em baixo... mas, pronto, eu agora também tive esta pausa, que eu estive agora de baixa... ainda me viu, com o braço aqui... mas o dedo já está tratado... pronto, já não dói nada...”

Investigadora: “Referiu que é uma pessoa positiva, mas que isso nem sempre é bom para si. Pode dar-me algum exemplo de alguma situação que tenha acontecido, na qual tenha sentido isso?”

Entrevistado: “Isso, quer dizer, foi assim, às vezes quem é bom demais, também é pisado com facilidade por outros que sejam mais “sacanas”. Pronto, eu fui enganado... Emprestei dinheiro a um colega, que depois nunca devolveu. Mas... com uma história, depois eu sou depois muito bom, sou sempre disposto a ajudar... pronto, emprestei dinheiro, mas não devia ter feito. Portanto, o outro depois desapareceu... mas, felizmente depois o dinheiro não me fez muita diferença. Eh... mas depois também há outra coisa... Portanto, quando eu estava, portanto quando eu era adolescente, eu era já muito grande... já tinha a noção da minha força... Portanto, é outra coisa que é... não posso usar a minha força, porque o Râguebi que eu pratiquei fez-me criar uma força muito forte nos ombros... que se projecta para os braços,

a força, e os braços ficam muito fortes... nos dois lados dos ombros. Portanto, eu não posso usar nada destas forças para atingir outras pessoas... Isso já é agressão... depois é logo detido, não é.”

Investigadora: “Lembra-se de mais algum episódio relacionado com isso?”

Entrevistado: “Não foram muitos mais... porque eu tenho o meu pai, que também foi enganado, e que detesta ser enganado... e ele fala da vida passada também. Portanto, isso também dá azo a aprender. Depois também há outra coisa, que são os livros que eu tenho lido... São livros que fazem pensar... Alguns são policiais, outros são romances, mas não são esses, são livros escritos lá, pelo líder do... Dalai Lama... E outros... São realmente coisas úteis... Eu por exemplo, hoje, à mesa, eu sugiro, eu sugiro temas dos livros que eu leio... e depois falamos sobre esses temas, ali abertamente... porque... E descobro coisas assim fora do comum... e gosto de saber.”

Investigadora: “Referiu que não tinha sensibilidade e que a fotografia o ajudou a criar essa sensibilidade. Explique-me um pouco melhor essa questão.”

Entrevistado: “Portanto... Pronto, o que é que mudou... Isso é, é uma coisa bonita isso até. Portanto, não tinha grande sensibilidade para apreciar arte, para apreciar grande coisa, para apreciar quase nada. Mas quando visitei a fotografia, que nunca a larguei... porque continuo a fotografar flores... por exemplo... Portanto, a fotografia cria nas pessoas uma sensibilidade que é a sensibilidade de através da lente descobrir os melhores ângulos, descobrir as luzes... e... descobrir os fundos.”

Investigadora: “O que é que mudou na sua vida, concretamente?”

Entrevistado: “Essa sensibilidade depois dá para apreciar arte, que eu não apreciava nada. Não ia a museus, por exemplo... Já estava no curso superior, foi quando, na altura em que um colega, que também era fotógrafo, vendeu-me a máquina dele. E... pronto, depois contagiou-me. Portanto, foi quando começou.”

Investigadora: “A partir daí, em que é que isso se reflectiu, tendo em conta o que experienciou depois?”

Entrevistado: “Pronto... isso realçou o gosto por arte, por feiras, por feiras nacionais, internacionais. Devo ir hoje a uma, que é internacional, que é sobre louça. Para mulheres então, aquilo é um sonho...! A feira internacional de Lisboa, está no Parque das Nações. Vou já lá há dois anos. No ano passado... Só aquelas pedras, todas pintadas... de Itália, aquela

região de Veneza... coisas lindíssimas... e depois não só... vestidos incríveis... e não só, túnicas. Depois o ouro trabalhado também, que vem lá do Egípto... e da Etiópia... porque aquilo tem todos os países assim. Tem os africanos que vendem os animais e as pessoas, tudo em madeira... Depois, os brasileiros. Os brasileiros é o “glamour”... a roupa e os vestidos para senhora... Assim umas coisas baratas. Aquela feira é realmente uma coisa muito engraçada de visitar e muito agradável. Gosto de ir ao teatro, também gosto muito de ir a uma revista, e quando vou, vamos os quatro... quando há uns números de revista no Parque Mayer... lá vamos nós.”

Investigadora: “Referiu, também, as suas férias no Algarve e os passeios de barco, na sua adolescência. Lembra-se de mais algum episódio acerca dessa altura?”

Entrevistado: “Esses episódios foi quando, quando nós estávamos a crescer... Estávamos como adolescentes... eh... porque foi antes do curso superior... mas foram aqueles anos todos seguidos. Era realmente, era... muito bom, não podíamos negar que aquilo era o melhor que podíamos ter.

Então, partíamos de barco de, da Arrábida... Descíamos a Costa, até São Vicente, por Sines, São Vicente, depois virávamos, Sagres... e depois seguíamos em frente, Portimão... E depois o barco ficava na Marina de Vila Moura. Depois, em Vila Moura, lá numa aldeia, que era, havia um irmão da minha mãe, que já não existe, que já faleceu infelizmente... mas viveu a vida intensamente... que era como ele queria também... eh... Tinha aí dois andares... onde estavam os filhos todos dele... Então aquilo, o barco servia para dormir... Acordávamos e saíamos, íamos sair com a família. Íamos para a praia, depois fazíamos almoços todos juntos... Depois saíamos em rali com o meu pai a guiar que era engraçadíssimo, com os meus primos, o meu irmão... Eram tempos, assim, muito agradáveis mesmo. Depois jantava-se, jantava toda a gente junta, que éramos muitos... mais de vinte... Eh... e então, voltávamos para o barco. E dormíamos lá. Depois, no dia seguinte, voltávamos para fazer exactamente quase o mesmo. Depois, muita sátira, muita brincadeira, como é natural... eh... nesses encontros assim de família... O meu pai também era mais novo. O meu pai era muito brincalhão também nessa altura. Portanto, tal como era, quando eram as festas de família, ele ia para a cozinha contar anedotas continuamente. Depois, quando era assim nas reuniões também gozavam com ele, ele gozava com os outros. Pois, se calhar eu também tenho uma característica... Ah, agora que me estou a lembrar... Não é “determinação”, aquilo que eu há bocado queria dizer, era “assertividade”... “assertividade”. Aquilo que permite dizer o “não”, mesmo que os outros estejam à espera do “sim” a toda a hora.

Pronto, mas isso foram bons tempos, porque depois havia dias em que o barco saía às vezes em Vila Moura, saíamos de barco e íamos lá para uma qualquer praia, daquelas belíssimas praias, não é, que lá havia. Depois, um dia, subimos o Guadiana, até Alcoutim, por exemplo, que era só até onde se podia ir na altura... Hoje em dia, já vai mais longe por causa do Alqueva. Eh... mas naquela altura, depois do barco, os motores pifaram... teve que vir lá um técnico... da Guarda Nacional... para reparar os motores, mas era só um que tinha pifado. Bem, então depois lá descemos de Alcoutim para baixo. Na altura, portanto, já foi há mais de vinte anos atrás... eh... Alcoutim era, portanto, não havia quase nada em Alcoutim. Aquilo era quase deserto, não tinha quase nenhum restaurante, não havia. É claro que não havia hotéis, não havia quase nada. Só havia as pessoas lá... Bem, lá comemos numa tasca, pronto... Já foi razoável. Mas depois, quando, quando descemos o Guadiana, já no dia seguinte, já foi pior... porque quando nós estávamos a chegar à ligação do Guadiana depois com a água lá do Atlântico, estava o mar revolto... e nós vimos passar, mesmo à frente, um barco de guerra, mas o barco de guerra fazia isto assim (movimento com os braços) e depois fazia isto assim (movimento de braços), e depois fazia isto assim (movimento de braços) e depois fazia isto assim (movimento de braços) ... ou seja, nós víamos a parte da frente, a proa toda fora de água, e depois assim, estava, ia assim... ou seja, o mar estava muito mau mesmo. Pronto, mas nós tivemos que ir para ali também... Portanto, lá virámos... porque aí é Monte Gordo... É logo a seguir... e depois é que se vai para Vila Moura... E então, mas aquilo para Vila Moura... estava o mar muito, portanto, fomos devagar, mas com o mar muito calmo... muito agitado! Muito agitado mesmo. Eh... e depois isso aí teve uma coisa gira. O meu irmão estava lá em cima na ponte e veio uma onda “muita grande”, que abanou o barco (risos)... E então... Uma onda muito grande de repente, na direcção do barco... Portanto o barco, a onda fez o barco subir e depois descer, mas assustou, naturalmente. Mas lá chagámos a Vila Moura. Quer dizer, demorámos umas duas horas. Um percurso que se fazia, com mar bom, em meia hora... imagine. Mas depois, ah depois tem coisas giras. Depois... eh... um ano... que a minha mãe depois não ia no barco connosco, porque a minha mãe enjoa muito. Mas a minha mãe depois trazia o carro, ia de carro, não é, e depois trazia assim roupa, eh... roupa mais quente... que às vezes podíamos precisar. Mas, num ano, ainda era presidente o Mário Soares, mas ainda no primeiro... eh... Ou era Primeiro-Ministro ainda... Era Primeiro-Ministro... Foi lá a Sagres e nós estávamos lá, porque não se podia subir, devido ao mar estar com muito vento e muito agitado. Portanto, ficámos lá três ou quatro dias consecutivos. E então, num dia... No dia em que viemos, vínhamos em cima de ondas, as ondas eram de lado, muito altas, 3 ou 4 metros, tinha que se ir no topo. Depois o mar passava a estar com ondas de 4

metros de frente, que ondas de 4 metros já são muito grandes. Bem, o barco rechaçava “brrrchhhh”! E batia, a água, de bater, passava por cima e por trás. Mas isto consecutivamente. Bem, o meu pai a guiar, a guiar o volante... Eu a activar os limpa-brisas, porque a água também ficava ali muita, e o meu irmão cheio de medo fechado lá no interior. Mas depois o mar, depois vinha de lado, não mas uma viagem que demorou depois muito tempo, mas chegar a Sines, que era onde estava a minha mãe com uns amigos... Uns bons amigos dos meus pais, que também são nossos amigos, que, mas que, demorámos para aí 4 horas! Para fazer esse percurso. É um percurso que a subir faz-se com bom tempo... mas uma hora e meia a duas. Bem, mas foi preciso muito, muito cuidado.

Outra vez, num ano em, quando íamos para subir, foram vários anos seguidos, ia o meu irmão a conduzir. Então, achou que, por o mar estar tão plano, mergulhou. Mas não contou com as correntes! (risos) Portanto, eh... O barco prosseguiu e ele ia ficando para trás (risos). Tivemos que o ir buscar! Mas é verdade, isto. Foi engraçado. A gente era... Pronto e depois lá chegámos... Lá chegávamos depois a Sines. Em Sines, então, parávamos, porque era preciso... Depois almoçávamos, não é, que é uma questão, que já sabe, que é o costume desta casa, instituído pelo meu pai. Eh... portanto, há lá um restaurante muito bom, que é o Varanda do Conde... que é perto da... Pronto, agora... lá do cais... portanto... eh... em Sines... Nós até conhecemos restaurantes de muitas localidades do país à custa disso, mas não só aí, mais... para Torres Vedras, há lá o Lampião... que também é muito bom... mas é bom por causa de um prato, que é um prato que é bacalhau... imerso em azeite e depois com batatinhas, assim, redondas, finas... É um prato maravilhoso. Mas, depois, com os brancos da região, que aquilo combinava muito bem. Depois, também tenho provas de vinho para lhe relatar também... pronto, comíamos aí, bom peixe... Felizmente que a minha mãe tem muito cuidado e altera sempre carne peixe, carne peixe... e também não é só isso. No meu emprego, também estou sempre a comer peixe quase, ao almoço, quase sempre peixe grelhado... porque eu adoro. Portanto já foi algo que eu aprendi com o meu pai a comer. E depois como muito bem peixe grelhado com vegetais... Cada vez como mais vegetais... Engraçado... mas pronto, faz-me bem, eu sei que sim, por isso é que vai a idade avançando e não, não se tem doenças... também ainda sou novo, por isso, mas enfim.

Depois houve outras alturas em que se vinha... bem... também, com alguma adversidade, mas bem... Pronto, mas essas viagens todas, realmente era muito bom, porque quando se descia, o mar levava-nos. Era por trás, as ondas. Ondas por trás são uma maravilha, porque levam o barco atrás... e empurram. Portanto, vai com maior velocidade. Porque as ondas

fazem mesmo, têm esse, quando são contra, já é mais difícil. Portanto, o subir já é mais difícil. Por isso é que se diz também, quando se baixa, ou a baixar todos os santos ajudam... é um ditado.

Portanto, isso foi um período bastante agradável, depois amigos, filhos de amigos... também faziam isso connosco, também...

Depois, também tínhamos outra característica, no Inverno... Íamos só os quatro. Íamos até Cascais. Era, era um prazer... Só sair daqui das Docas de Lisboa e ir até Cascais. Afastado, um bocadinho... Sentir o vento na cara... porque eu sei que isso é muito bom, pronto, eu sei por experiência própria. Eh... eh... Pronto, eram passeios maravilhosos... Pequenos, não eram muito grandes... eh... mas eram, eram um prazer, almoçávamos e depois lá íamos nós. Por acaso, nesse aspecto, era realmente ótimo... Pronto... Isto já está relatado.”

Investigadora: “Fez referência à altura em que os seus avós eram vivos. Lembra-se de algum episódio que tenha ocorrido nessa fase da sua vida?”

Entrevistado: “Era sempre um prazer... Os meus avós foram excelentes. Eh, portanto, da parte do meu pai, não conheci o avô. Faleceu muito novo. Que era, também, era diabético, era maluco... Portanto, só comias pastéis de nata, não sei quantos por dia... e era diabético e morreu em coma diabética. Eh... com 58 anos. Eh... mas pronto, mas a sua mulher, que foi a mãe do meu pai, era portanto, quando nós éramos pequenos mesmo, o meu pai viajava muito, o ano inteiro, em negócios. Mas, quer dizer, muitas vezes por mês. Mas todos os meses! Portanto, às vezes a minha mãe também ia. Ficava essa, essa avó cá em casa connosco. Uma avó que nos aturava as malandragens, que, que era nossa amiga, que nos coçava as costas, nós coçávamos as costas a ela... que tínhamos ali uma amizade... muito forte. Muito intensa, mas muito agradável, ao mesmo tempo. Era realmente uma maravilha estar com ela. Uma pessoa vivida, uma pessoa muito inteligente, uma pessoa, geralmente, que... Tinha nascido em 1900, mas que estava à frente do seu tempo. Podia ter vivido perfeitamente nos nossos anos. Podia ter nascido bem mais tarde, que estava perfeitamente adequada aos nossos tempos... Realmente, era uma pessoa, realmente, excepcional.

Eh... depois, do lado da minha mãe, os avós já, sempre foram mais pobres... eh... e viviam no Castelo, portanto, ali perto do Castelo e da Igreja da Graça. Mas depois, era muito agradável, quando nos reuníamos todos, ou só nós os quatro, na casa da minha avó. Porque a minha avó levantava-se de madrugada e fazia aquele doce que é característico do Natal... que são aquelas que são redondas, assim, com açúcar por cima e canela... que agora não me

lembro o nome, mas fazia. Aquilo era muito bom, mas fazia para a família toda. A minha mãe também sabe fazer. Mas depois, a minha avó cozinhava muito bem, também. Por isso, era também um prazer lá ir comer... eh... Depois o meu pai e o meu avô é que bebiam vinho, mas depois também nós lá íamos bastantes vezes sem o meu pai, que estava sempre a trabalhar. Eh... mas quando aquilo que se reunia a família toda, no... na Páscoa, no Carnaval e depois, depois também no... no natal. Eram épocas em que as festas eram aqui ou na casa do meu tio... eh... mas depois não ficávamos aqui, nem na casa do meu tio, íamos para casa dos meus avós. E depois lá era toda a gente a gozar com a minha avó... Os meus primos todos, a gozar com o que ela fazia e não fazia, mas ao mesmo tempo geravam ali uma unidade... Uma brincadeira, um bem-estar, fabuloso. Portanto, tenho que... reconhecer que realmente era lá que se reunia toda a gente, não é, todos a brincar uns com os outros...”

Investigadora: “Lembra-se de algo mais acerca dessa fase?”

Entrevistado: “Sim... quando eu era mais pequeno... Pronto eu nasci em 69... Depois eu fui baptizado a 25 de Abril... Os dois, mas de 72, de 72. Depois, houve aquele período da, de 74, quer dizer, foi a revolução. Mas o meu pai, nessa altura, já tinha, estava a fazer a tal casa de Azeitão, que nós também, que nós às vezes lá estamos. Eh... mas... nós fomos viver para Itália. Durante seis meses, mais ou menos. E vivemos em Itália, Veneza... em 75... Não, mas esse período também foi bom. Pronto, o meu pai tinha lá os seus parceiros de negócios, italianos, portanto que eram pessoas excelentes... Depois, estávamos lá, comíamos aquelas massas... Bem, isto da comida não me lembro, era pequenino ainda também, não me consigo lembrar... Agora mais velho, é que me consigo lembrar da comida toda, daquilo que eu gosto e não gosto e gosto de quase tudo!

No entanto, aquele tempo foi bom, porque viver lá também era bastante bom... eh... Portanto, estávamos afastados do resto da família, mas estávamos os quatro. Eh... depois, voltámos para cá, porque já estava tudo mais serenado...

Portanto, até aí, os tempos ainda foram um pouco agitados... por causa daquele... do 25 de Setembro, aquelas tentativas todas dos comunistas a quererem o poder, queriam adoptar o poder. Depois o PS e o PSD, que já estavam formados, não deixarem... Deixaram aquelas clivagens próprias quando formaram os partidos... nessa altura.

Portanto, depois voltámos, depois o meu pai continuou, não é, na sua vida laboriosa, muito intensa, não é... muito bem. E então lá voltámos para cá. Depois, o meu pai, em 79, compra esta casa, aqui em Benfica... e viemos morar todos para cá, até agora. Porque este prédio

tinha acabado de ser construído e o meu pai viu o anúncio e veio cá e gostou. Mas o meu pai alterou a casa... porque aqui era uma parede, isto era uma parede aqui... o meu pai deitou a parede abaixo e depois mandou instalar isto, que aquilo anda... que aquilo anda de um lado para o outro e fecha assim, é muito mais bonito assim. Eh... mas depois, pouco mais, quer dizer, a casa era muito mais castanha... porque a carpete era castanho-escuro, o tecto era castanho-escuro também... Isto era muito, mas isto era uma moda dos anos 70. Portanto, felizmente que agora, há poucos anos, há um ou dois, isso tudo foi alterado. Agora a carpete é desta cor e o tecto ficou branco, só isso já, já aligeirou muito aqui a casa.

Eh... Portanto, depois há aquela coisa boa também de estar sempre nas eleições, já estive agora nas últimas, nas europeias... nas mesas de voto... e vou estar nas outras duas também. Quase de certeza. Também já estive para trás, nas outras anteriores. Ainda para mais que agora nós somos, recebemos os subsídios por isso. Que dão sempre jeito, nesta vida difícil.

Eh... eh... Por outro lado, são as provas do vinho (risos). Não lhe contei nada sobre isso ainda... Eu fui convidado para ir, para fazer uma prova de vinho em Lisboa, eh... da região do Dão. E isso aconteceu no edifício ali de Alfândega... não, não é de Alfândega aquilo... ah, é uma sala da Transtejo, mas uma sala muito grande, de um piso que não está, não está aberto ao público. Era uma sala enorme mesmo, quadrada, mas muito grande. Muito... Então estavam lá todos os produtores de vinho do Dão. Bem, eu provei os vinhos todos. E depois não deixava fora o que já, o que não já beber mais, na prova. Bem, então provei para aí uns quarenta ou cinquenta vinhos tintos, provei o mesmo em brancos, e o mesmo em roses. Isto foi há... há dois anos, mais ou menos.

Mas ontem, também fui a outra, foi assim também, porque ontem foi o dia do vinho, que não está declarado estatalmente, ou instituído, como o dia do vinho, mas as, Vini Portugal e as instituições que tomam conta do vinho declararam que 28 de Junho é o dia do vinho. Então lá, o convívio de, disse à prima do meu pai, que tem a idade da minha mãe, mas gosta de beber também, a minha mãe não pode, mas ela gosta. Então ela foi comigo ontem. E fomos para a sala ogival, de Lisboa no terreiro do paço... Ah... Provei não sei quantos vinhos, mas depois havia queijos franceses e pãezinhos, assim bocadinhos de pão... bolachas... para acompanhar os queijos. Portanto, isso estava óptimo, portanto isso era obrigatório. Não é questão de ser obrigatório, mas é de bom-tom, porque quem prova muitos vinhos, precisa de ter isso para contrabalançar. Depois, também havia outra mesa com azeites... diferentes, para mergulhar lá o pão. Também... também se passou por aí... (risos). Mas comecei pelos brancos, pedi três vinhos brancos. Eh... com copo. Depois disso, bebi... dez ou doze vinhos tintos, todos

diferentes, um de cada vez. Pronto, e bebi tudo. Mas depois, a minha prima, que é prima do meu pai, achou, ela já tinha parado de beber, mas eu depois provava do que ela ia buscar, ela depois também me dava a provar... Eu também lhe dava a provar. Quando eu achava melhor ou assim, também lhe dava a provar. Também provei o champanhe e também provei um vinho branco que depois não bebi, provei do dela. Portanto, ela bebeu branco, depois bebeu champanhe e depois bebeu um pouco de tinto. Bem, e eu bebi muito tinto. Mas eu estou habituado a beber... Por isso, eu posso beber muito, embora não o deva fazer... frequentemente... porque isso não faz bem, quer dizer, o organismo tolera... porque nos homens é diferente de nas mulheres, não é... nos homens, o álcool não vai para a cabeça, nas mulheres vai logo. Portanto, é por isso que nas mulheres, é muito mais rápido, eh... no homem não, vai por aqui abaixo, fica no estômago, não é, e depois precisa de doze horas para evaporar todo. Bom, em doze horas, o álcool evapora... do organismo.

E portanto, essas provas de vinhos são sempre muito agradáveis... porque também, nos últimos dois anos, também houve a celebração deste dia do vinho, mas, na EXPO, portanto, no Parque das Nações ou naqueles pavilhões, mas era coisas em que era preciso pagar tudo... porque era um workshop, de uma coisa, um workshop de outra coisa. Depois, tinha outra, tinha outros workshops... sobre, portanto, um workshop sobre espumante, outro workshop sobre vinho do Douro, outros sobre vinho de cada região, outro... sobre os melhores vinhos do país... eh... depois, os melhores produtores a dar conselhos a outros, mas aquilo eram sessões que era preciso pagar. Portanto, eu recebia o convite... Só que eu nunca combinei com ninguém ir a essas provas, portanto, eu nunca fui... Por também não ter assim um par que goste de vinho, que, pronto, que fosse comigo também. Portanto, nesses anos anteriores, não fui. Mas a minha mãe, depois ontem, como sabia que eu ia, disse “oh, Henrique, telefona à prima, que ela deve querer ir contigo”. E ela foi. Também, também fiz uma coisa que ela, que ela gosta... que ela faz coleção de rótulos de garrafas... ah, pronto, e tudo o que eu arranjo e tudo o que eu bebo, eu guardo as garrafas para lhe dar...”

Investigadora: “Quer contar-me algo mais acerca da sua vida?”

Entrevistado: “Eh... não... Penso que já disse muito.”

Investigadora: “Obrigada pela entrevista.”

Entrevistado: “De nada.”

### 3. 2ª Entrevista

### 3.1.3ª Sub-sessão (38'50)

Investigadora: “Vamos dar início à 3ª sub-sessão, relativa à 2ª entrevista. Na sua fase de estudante, conseguia gerir o seu tempo de estudo, encontrar estratégias para assimilar as matérias e preparar-se para os testes?”

Entrevistado: “Quer dizer... nunca fui de técnicas de estudo... porque eu sempre fui uma pessoa que... estudei bastante bem... e eu tenho uma coisa que também é boa, que é uma memória fotográfica. Portanto, isso ajudou-me a fazer algumas cadeiras...”

Investigadora: “Refere que estudou bastante bem, como assim?”

Entrevistado: “Eu assimilava nas aulas, mais. Eu não sou... quer dizer... nunca fui pessoa de... quer dizer, os trabalhos de casa sempre fui fazendo. Eu tinha relatórios para fazer no computador, não é? Muitos, durante a faculdade toda... E depois eu tinha muito bons contactos com os professores... sempre tive. Eu sempre tive muito bons contactos com quem está acima de mim.”

Investigadora: “Como é que gere o seu dinheiro?”

Entrevistado: “Pronto, eu tenho o dinheiro no banco, numa conta. Portanto... Está em meu nome, apenas. Aí, embora tenha uma grande falta de conhecimentos, porque nunca estudei isso... eh... mas aí... muitas vezes eu nem mexo no dinheiro... eh... muitas vezes... por agora... por causa de não ter coisas... porque lá (no trabalho) não tenho que pagar nada. Mas... de vez em quando... Eu quando estava de baixa, fui comprar dois vinhos. Ao Corte Inglês, mas os dois vinhos só estavam na sala do gourmet... os dois vinhos foram bastante caros... mas são vinhos de guarda... e ambos grandes vinhos. E eu estava com o braço assim (ao peito), tive que pedir ajuda ao senhor da caixa para ir buscar os vinhos (risos).

Investigadora: “Até que ponto é que desejou concluir a licenciatura?”

Entrevistado: “...Eu queria... queria tirar... desejava isso... porque no verão, tinha verões excelentes...”

Entrevistado: “Que importância isso tinha para si?”

Entrevistado: “Para mim... eu apenas... vamos ver uma coisa... eu achei que a licenciatura, já antes de eu lá estar, durante, portanto, eh... eu já ouvia sempre as conversas do que é que era importante para a vida, era importante tirar o curso porque depois podia abrir portas para, para os empregos... e não só...”

Investigadora: “Sentia essa importância ou era algo exterior a si?”

Entrevistado: “Era uma coisa mais exterior, mas que eu fui interiorizando. Porque eu interiorizo com muita facilidade... portanto, aquilo que eu aprendo. Interiorizo muito rapidamente, até.”

Investigadora: “Até que ponto é que deseja trabalhar e manter o seu emprego?”

Entrevistado: “Sim... porque eu tenho lá... porque eu gosto muito... dali do chefe... embora ele agora esteja de férias... da... porque gosto também de... outras pessoas, por acaso... depois aquilo é só mulheres, não é, quase de uma ponta à outra... eh... mas depois tem uns homens... O emprego... os empregos as pessoas também devem sentir-se bem-disposta, não é, no emprego, porque pode fazer aquilo que é a sua função, como pode ir fazer outras funções todas... porque isto é... é polivalência. Como foi hoje o meu dia, por exemplo.”

Investigadora: “Existe algo que deseje concretizar ou que seja importante para si?”

Entrevistado: “Não penso assim em nada muito importante...”

Investigadora: “Algo que deseje fazer na vida.”

Entrevistado: “Não penso... quer dizer... eu não sei se um dia, que era algo que eu gostaria... criar uma loja de vinhos. Depois tinha que ter muito dinheiro para perder. Muito dinheiro, muito.”

Investigadora: “Isso é importante para si?”

Entrevistado: “Até é... porque eu podia passar a ser eu responsável por mim próprio, relativamente, em termos profissionais... mas depois tinha que começar eu próprio a contratar pessoas... pronto... eu não tenho, quer dizer, não havia de ser difícil. Tinham que ser pessoas que gostassem de vinho, que conhecessem vinho...”

Entrevistado: “Acha-se capaz de o concretizar?”

Entrevistado: “Sim... Também há programas de informática fantásticos, que eu já conheci... através do centro de emprego... que eram adequados.”

Investigadora: “Acredita que será bem-sucedido, antes de fazer alguma coisa? Sente-se confiante?”

Entrevistado: “Não me sinto assim tão confiante... acredito em mim... mas... eh... eu não sinto assim tanto a confiança... eh... eu... não muito... eu sinto muito mais a paciência e outras, outros atributos que eu tenho... que predominam mais.”

Investigadora: “Tem conhecimento dos seus direitos, como cidadão? Dê-me alguns exemplos.”

Entrevistado: “Alguns... Uma pessoa que está numa mesa de voto, no dia seguinte, se não, se quiser, no dia seguinte, pode não, pode não ir trabalhar. É um direito. Um direito também é votar. Eh... portanto... há o direito a reclamações... são direitos nossos também. Eh... direito a ser bem servido. Eh... portanto... e também respeitar os outros... e também exigir respeito. Há mais direitos, sei que há uma panóplia, muitos...”

Investigadora: “Quando toma alguma decisão, como é que procede?”

Entrevistado: “Eu... penso que... tomo decisões sozinho. Eh... mas quer dizer, também as decisões para mim não são assim muito elementares, porque eu... guio-me por um processo de vida muito simples... que não preciso de muitas vezes tomar decisões. Eh... no entanto... quer dizer, há sempre umas coisas que eu compro por... que eu compro por... por gosto. Tenho assim alguma... por eu gostar tanto de vinho... e ter conhecimentos... por vezes vou comprar vinho. Mas também... depois... se eu não tenho dinheiro... também me consigo... retrair e não comprar. Por mais que tenha vontade de o fazer. Pronto... eu tenho que me habituar também que eu tenho que fazer poupança... e faço... porque agora também neste emprego que eu tenho, eu não tenho que pagar refeições. E isso também é muito bom, porque noutras empresas, pagando as refeições, depois já vamos gastando algum dinheiro.

Investigadora: “Relativamente a resolver problemas, como é que procede? Por exemplo, esta questão recente no seu emprego.”

Entrevistado: “Pois... aquilo era menos tempo na máquina... e não mais tempo, que depois originava chatices. Menos tempo... e depois aquilo era mais simples, e já não gera complicações. Teve de ser... porque... podia ir para a rua, porque... há uns tempos atrás, que é lá a dietista “mor”, que me quis proibir de trabalhar. Injustamente... ela não tem poder nenhum e ela proibiu-me de lidar com... com alimentos, proibiu-me. E o meu superior, chefe, ele tem medo dela. Ou seja, ele não fez nada com ela... porque ele tem medo dela. E depois eu estava lá, não fazia nada e depois um superior do meu chefe esteve lá um dia que o meu chefe não podia estar... E esse senhor não gostou nada de ver que eu estava parado. E veio-me perguntar porque é que eu estava parado. E eu disse, então olha, ela proibiu-me de... proibiu-me de trabalhar, simplesmente. Proibiu-me de tudo. E ele chegou ali e disse-me assim: “olha, Henrique, não está impedido. Vai voltar já imediatamente ao trabalho, se ela disser alguma coisa, ela que venha falar comigo”. E ele disse-me isto e eu fui trabalhar. E

ela... não deve ter gostado nada. Porque ela tinha tomado aquela decisão, de uma forma muito injusta e... portanto... ele passou por cima dela... fê-la ver que ela não podia...

Investigadora: “Alguma vez comentou esse assunto com o seu chefe?”

Entrevistado: “Ah... falei... a primeira vez que o vi, falei-lhe logo nisso. Ele não disse nada. Eu relatei o que é que tinha acontecido... não é... e ele disse, pois, agora não sei o que vamos fazer. Ou seja, o medo dele que ele tem da senhora. O medo que depois... Eu aguardei... porque eu podia apelar lá aos valores, ao escritório... à sede...”

Investigadora: “Pensou, em algum momento, fazer isso?”

Entrevistado: “Não. Eu deixei que as coisas fossem... também havia outras coisas que eu podia fazer também, eu ia fazendo nessa altura... ia fazendo... ia pondo as coisas na internet... a fazer a ementa... outras funções que não tinham a ver com os alimentos. Eu vejo que as situações poderão ou não resolver... se não se resolverem a meu contento, depois apelaria a nível superior.”

Investigadora: “Já lhe aconteceu alguma situação como essa?”

Entrevistado: “...Temos que evitar ir falar com alguém superior. Não... eu nunca tive assim nada que fosse falar com o superior... quer dizer... foram muitos empregos, onde tinha boas relações com os administradores, com os chefes...”

Investigadora: “Tem facilidade em auto-revelar-se, falar de si?”

Entrevistado: “Quer dizer... eu lá não tenho assim muitos diálogos... eu ouço mais do que falo... por vezes... eu sou um bom ouvinte... eh... e ouço... mas quer dizer, no horário do trabalho, pronto, não falo assim muito... até estou mais fechado... concentrado... outros falam, mas eu não me envolvo.”

Investigadora: “Até que ponto se considera uma pessoa independente?”

Entrevistado: “Enquanto eu vivo aqui nesta casa, eu sou muito dependente... não sou muito... porque eu depois algumas... eu envolvo-me sempre a ajudar a mãe nas refeições, envolvo-me muitas vezes a fazer a cama dela... a aspirar... Trato dos medicamentos do meu pai... Idas à farmácia... muitas vezes até, por mês. Pagamentos de contas... ir ao banco até não vou muitas vezes... Não tenho horários para isso. Também vou às compras... A minha mãe também vai muito às compras... Vou, estou sempre disposto a isso, até me sinto bem a fazer isso... independente é por exemplo, na compra de vinhos, por exemplo... isso, nas fotografias...”

Investigadora: “O facto de ter um emprego fá-lo sentir-se mais independente?”

Entrevistado: “Sim, fazem-me sentir independente. Os empregos também têm outra vertente... os empregos geram o bem-estar profissional e uma segurança. Pronto, e não só isso... os empregos também podem ser, também fazem... eh... O regime das horas... passar meio dia no emprego e outro meio dia em casa... é ótimo. E como isso depois é todos os dias, torna-se sempre igual... e também aquela vez que a minha mãe teve que ser operada aos pés... eu é que tomava, eu é que, eu é que fiz as refeições. Para os três. A minha mãe dizia-me o que fazer e eu fazia.”

Investigadora: “Já pensou morar sozinho?”

Entrevistado: “Não... Não me vejo a... Mesmo que os meus pais um dia desapareçam... não me consigo afastar do meu irmão..., porque temos este laço tão forte de, laço tão forte de... pronto, irmãos gémeos, que não podemos estar separados. Pois, quer dizer... a vida depois também pode evoluir... mas, portanto, é por isso.”

Investigadora: “Quando quer muito uma coisa, é persistente?”

Entrevistado: “Sim... quer dizer... por exemplo, as feiras... depois convenço a minha mãe a vir comigo... ela também gosta de ver... acompanhamo-nos um ao outro e divertimo-nos lá. Portanto... aquilo tem tanta coisa para ver... E as provas de vinho...”

Investigadora: “Pensa em ter outro emprego, diferente do que tem?”

Entrevistado: “Não penso nisso... posso estar em qualquer um...”

Investigadora: “De que forma é que os empregos por onde passou influenciaram a sua vida?”

Entrevistado: “...Portanto, de forma geral, geram a segurança e bem-estar profissional... isso todos eles. Portanto, de alguns foi eu aprender informática, de outros o convívio com pessoas diferentes... eh... abriu-me, fez-me sentir muito mais à vontade com as pessoas em geral... Se bem que, desde a UNICEF, portanto, já vem desde muito de trás, eu já tinha uma, já sentia isso. Eh... portanto, os empregos também, depois também têm outra característica, não é, porque tudo aquilo que vamos aprendendo, também vamos acumulando. Portanto, vamos acumulando e vamos aprendendo sabedoria... aquilo vai-se acumulando a vários níveis.”

Investigadora: “E qual foi o seu contributo?”

Entrevistado: “Pronto, eu... eu acho que a minha passagem, que é sempre lembrada... porque eu, não é, faço aquelas visitas do Natal... eh... às empresas, quer dizer, às vezes não vou...

além disso, penso que também as pessoas que lá trabalham e que eu tive ótimas relações... quer dizer agora... eu contribuí para o bem-estar daquilo, eu contribui para que aquilo estivesse tudo em ordem... mas eu contribuí também... mas aquilo também tinha já um bom ambiente entre si...”

Investigadora: “De que forma é que a sua família influenciou ou influencia a sua vida?”

Entrevistado: “Eh... muito. Portanto, é o ponto de equilíbrio, é a segurança, não é só isso, são os valores... E depois, não é só isso, é o comer, é o dormir, é portanto depois a própria vida que a família gera. A minha mãe tem uma influência muito grande. É a minha melhor amiga. É a minha melhor amiga. Eh... é de quem eu dependo e... eh... além de ser mãe, não é, e de fazer tudo por nós... porque isso é excelente. Eh... mas eu depois, hei-de fazer também, depois... um dia que tenha que ser, eu depois assumirei esse lugar. Eh... mas... eu tenho a minha mãe assim num pedestal, a minha mãe... uma grande admiração, grande mesmo.”

Investigadora: “Qual é o seu contributo na família?”

Entrevistado: “Eu influencio harmonia... na minha família, porque eu, a maior parte do tempo, estou bem-disposto. Estou quase sempre bem-disposto e não estou aberto a discussões, por isso eu também não participo, não faço finca-pés, como o meu irmão e o meu pai fazem.”

Investigadora: “De que forma é que os seus pais se envolveram na sua vida escolar?”

Entrevistado: “Houve uma coisa que foi sempre a minha mãe. A minha mãe sempre nos levou sempre com ela eh... para entrar nas coisas, quando nós entrávamos depois no liceu, foi porque a minha mãe levou o nosso processo para lá... porque nós não éramos para ir para aí... éramos para ir para o liceu... que há aqui perto de Sete Rios.”

Investigadora: “A nível profissional, existe alguma ligação entre a sua família e a sua vida profissional?”

Entrevistado: “...Quer dizer, eu é que faço as minhas escolhas, quando estou a fazer, quando faço, quando procuro empregos, os anúncios que respondo... respondo sempre pela internet. Por exemplo, o “expresso emprego” tem um esboço de carta, que já está definido, que eu é que defini... eu sei que esse é um que tem esse esboço de carta já muito bem esquematizado e é só utilizar.”

Investigadora: “Que influência tem o estado do país na sua vida?”

Entrevistado: “O estado do país infelizmente é muito triste, devido ao desemprego... os políticos fazem tudo contra os cidadãos... cidadãos, quero eu dizer... A distribuição da riqueza

está cada vez pior. Acho que por enquanto não influencia, quer dizer, eu vivo isso porque eu vivo nesta casa, protegido, com família... porque um dia... Eu penso que a OED vai continuar a existir, mas não sei... Esta casa... Se nós construirmos família por nós próprios também...”

Investigadora: “Deseja constituir família?”

Entrevistado: “Já pensei sobre isso..., mas não tenho capacidade para me dirigir às mulheres... não tenho... não expresso... sentimentos... tenho boas relações, mas pronto, fico por aí.”

Investigadora: “Actualmente, pensa no seu futuro?”

Entrevistado: “Penso um pouco... eh... Eu sei que há uma coisa com que eu posso contar... que é... o meu pai tem muito dinheiro guardado, que vai dar para mim, que já está destinado, para mim e para o meu irmão. Pronto isso já é algo... já é algo de bom... vai dar para nos governarmos... com juízo... durante tempo, porque o que interessa é que também continuamos a trabalhar...”

Investigadora: “Alguma vez se candidatou a empregos da sua área de formação, Química Tecnológica?”

Entrevistado: “Eh... sim..., mas... mas, também, nunca fiquei ou nunca me chamaram...”

Investigadora: “Não tenho mais questões a colocar. Muito obrigada pela entrevista.”

Entrevistado: “De nada”.